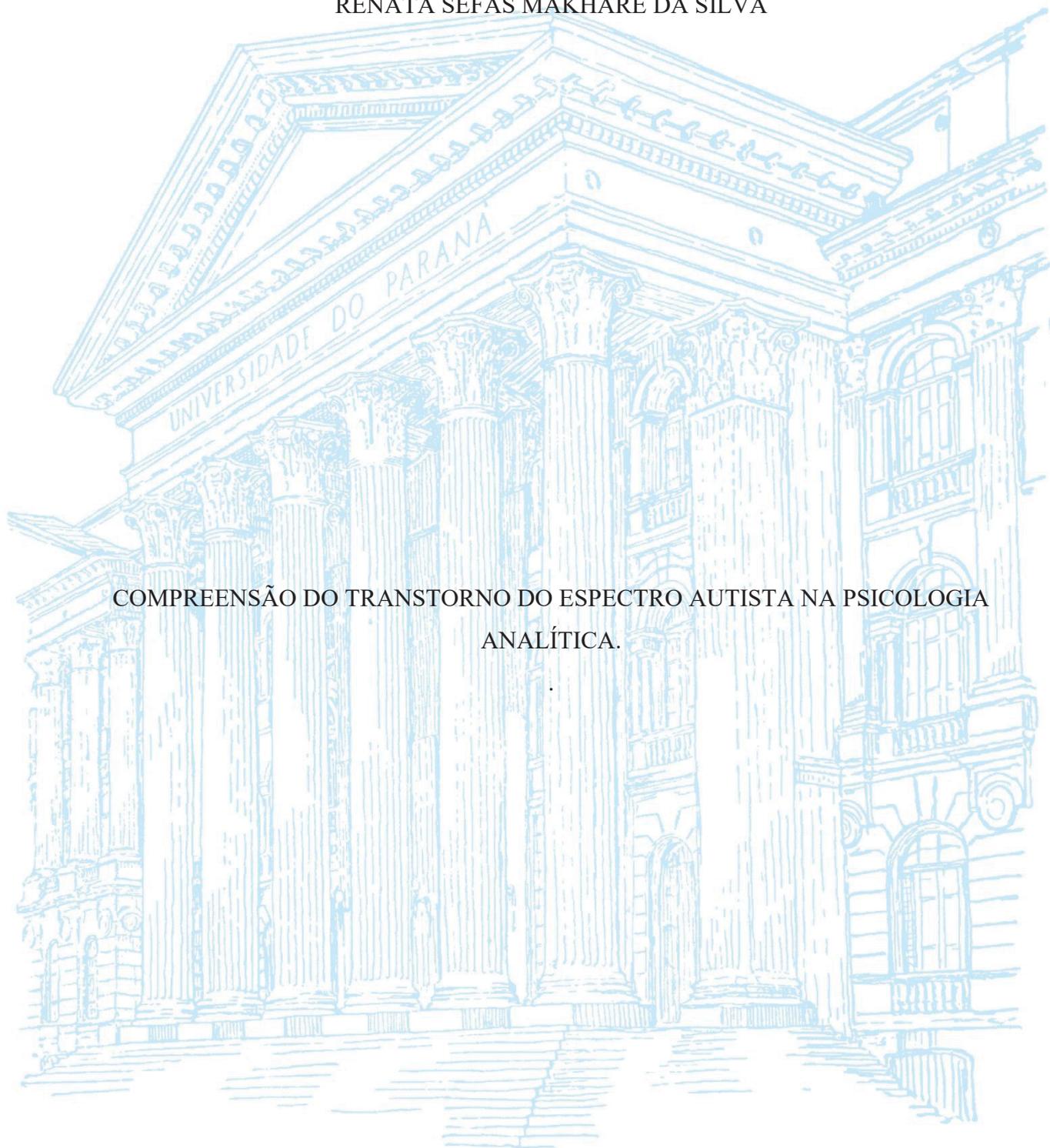


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RENATA SEFAS MAKHARE DA SILVA

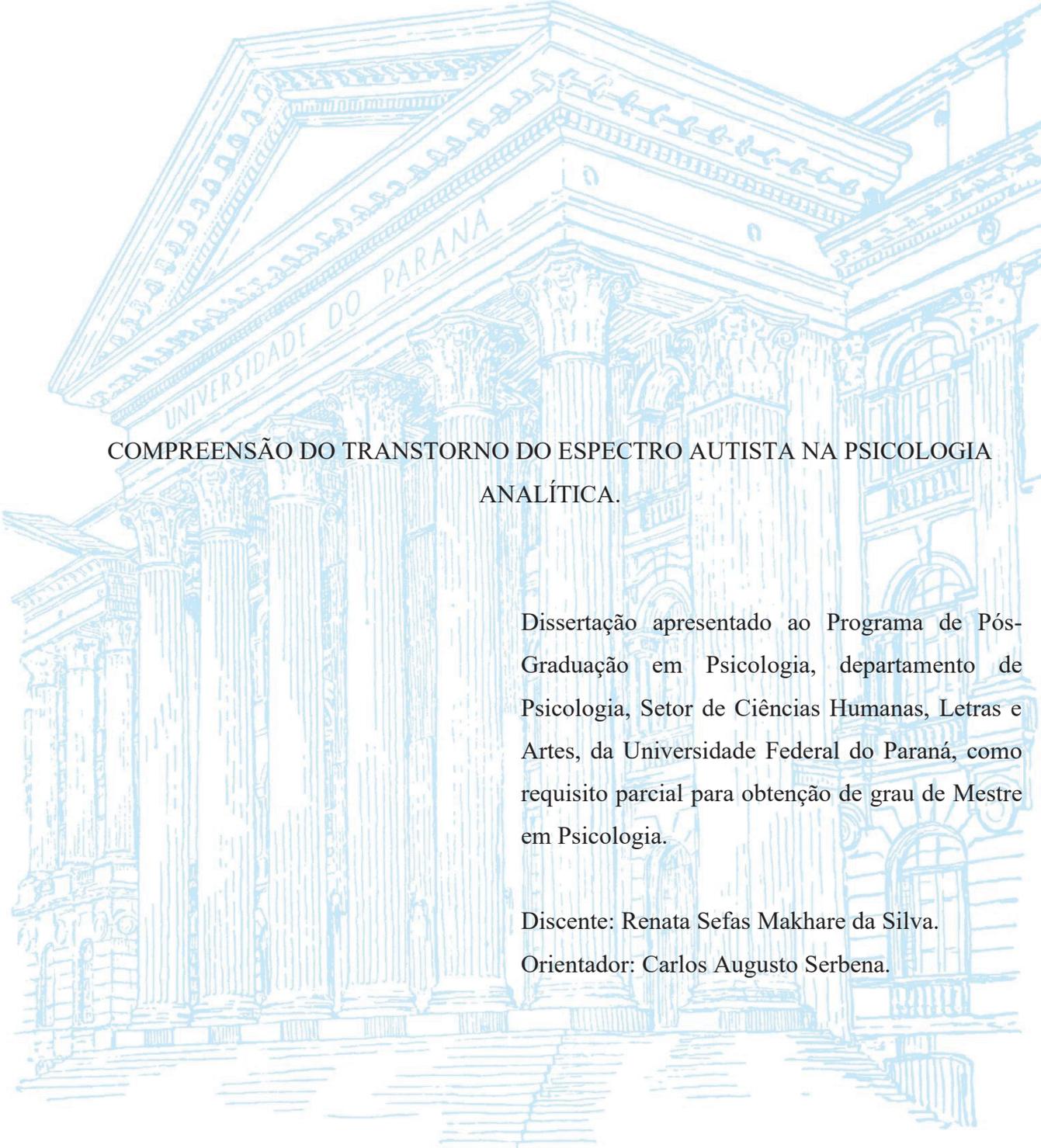


COMPREENSÃO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA PSICOLOGIA  
ANALÍTICA.

CURITIBA

2022

RENATA SEFAS MAKHARE DA SILVA



COMPREENSÃO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA PSICOLOGIA  
ANALÍTICA.

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, departamento de Psicologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção de grau de Mestre em Psicologia.

Discente: Renata Sefas Makhare da Silva.

Orientador: Carlos Augusto Serbena.

CURITIBA

2022

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA

Silva, Renata Sefas Makhare da  
Compreensão do Transtorno do Espectro Autista na psicologia  
analítica. / Renata Sefas Makhare da Silva. – Curitiba, 2022.  
1 recurso on-line : PDF.

Mestrado (Dissertação) – Universidade Federal do Paraná, Setor de  
Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia.  
Orientador: Prof. Dr. Carlos Augusto Serbena.

1. Autismo. 2. Psicologia junguiana. 3. Psicologia clínica. I. Serbena,  
Carlos Augusto, 1968-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de  
Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanóela Nogueira Dias CRB-9/1607



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PSICOLOGIA -  
40001016067P0

ATA Nº291

## ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE MESTRADO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRA EM PSICOLOGIA

No dia vinte e um de dezembro de dois mil e vinte e dois às 10:30 horas, na sala 208, Praça Santos Andrade, 50, 2º andar com transmissão pela plataforma Google Meet <https://meet.google.com/mfd-dcef-hhz>, foram instaladas as atividades pertinentes ao rito de defesa de dissertação da mestranda RENATA SEFAS MAKHARE DA SILVA, intitulada: **Compreensão do Transtorno do Espectro Autista na psicologia analítica, sob orientação do Prof. Dr. CARLOS AUGUSTO SERBENA**. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação PSICOLOGIA da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: CARLOS AUGUSTO SERBENA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), ANDREA GRANO MARQUES (UNIVERSIDADE CESUMAR), ANA MARIA GALRÃO RIOS (INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE). A presidência iniciou os ritos definidos pelo Colegiado do Programa e, após exarados os pareceres dos membros do comitê examinador e da respectiva contra argumentação, ocorreu a leitura do parecer final da banca examinadora, que decidiu pela APROVAÇÃO. Este resultado deverá ser homologado pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais definidos pelo programa. A outorga de título de mestra está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, CARLOS AUGUSTO SERBENA, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos demais membros da Comissão Examinadora.

CURITIBA, 21 de Dezembro de 2022.

Assinatura Eletrônica

22/12/2022 13:33:20.0

CARLOS AUGUSTO SERBENA

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

16/01/2023 10:12:40.0

ANDREA GRANO MARQUES

Avallador Externo (UNIVERSIDADE CESUMAR)

Assinatura Eletrônica

21/12/2022 15:41:53.0

ANA MARIA GALRÃO RIOS

Avallador Externo (INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE)

---

Praça Santos Andrade, 50, 2o andar - CURITIBA - Paraná - Brasil  
CEP 80060-010 - Tel: (41) 3310-2644 - E-mail: [pgpsicologia@ufpr.br](mailto:pgpsicologia@ufpr.br)

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte Identificação Única: 243606

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp>  
e insira o código 243808



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SETOR DE CIÊNCIAS  
HUMANAS UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PSICOLOGIA -  
40001016067P0

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação PSICOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **RENATA SEFAS MAKHARE DA SILVA** intitulada: **Compreensão do Transtorno do Espectro Autista na psicologia analítica**, sob orientação do Prof. Dr. CARLOS AUGUSTO SERBENA, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa. A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 21 de Dezembro de 2022.

Assinatura Eletrônica  
22/12/2022 13:33:20.0  
CARLOS AUGUSTO SERBENA  
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica  
16/01/2023 10:12:40.0  
ANDREA GRANO MARQUES  
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE CESUMAR)

Assinatura Eletrônica  
21/12/2022 15:41:53.0  
ANA MARIA GALRÃO RIOS  
Avaliador Externo (INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE)

Praça Santos Andrade, 50, 2o andar - CURITIBA - Paraná - Brasil  
CEP 80060-010 - Tel: (41) 3310-2644 - E-mail: [pgpsicologia@ufpr.br](mailto:pgpsicologia@ufpr.br)

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal [Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015](#). Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 243606

**Para autenticar este documento/assinatura, acesse**

**<https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp> e insira o código 243606**

---

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pacientes por me permitirem trabalhar com o que eu amo e me desafiarem a ter um olhar cuidadoso e acurado para o Outro.

Em especial a minha Família Daniel, Halline e Matheus, pelo amor incondicional e companheirismo; pela paciência e reciprocidade.

Aos meus pais, Aparecido e Dirce, que me apoiaram desde a infância a lutar pelos meus sonhos. Ao meu irmão, Rodrigo, por ser meu maior apoiador.

Ao meu orientador Carlos Augusto Serbena, por me dar espaço para desenvolver minhas ideias e me emprestar seu olhar meticuloso durante as orientações.

A Deus que sempre está comigo na jornada da vida.

“Do lado de fora, olhando para dentro, você nunca poderá entendê-lo.  
Do lado de dentro, olhando para fora, você jamais conseguirá explicá-lo. Isso é autismo.”

(Autism Topics)

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – PALAVRAS-CHAVE APLICADA NA PESQUISA.....	20
TABELA 2 - QUANTIFICAÇÃO DOS ARTIGOS SELECIONADOS PARA REVISÃO....	23
TABELA 3 - RESUMO DOS ARTIGO SELECIONADOS.....	23

## LISTA DE SIGLAS

ATA - Autistic Traits Assessment

BDTD- Biblioteca de teses e dissertações

CARS – Childhood autism rating scale

CDC - Centro de controle de doenças e prevenção do Governo dos EUA.

DIR - Developmental Individual Difference

DNA – ácido desoxirribonucleico

DSM IV – Diagnost and statistical manual of mental disorders

FEDL – Níveis de desenvolvimento de funcionamento-emocionais

ICDL - Interdisciplinary Council on Development and Learning.

M-CHAT – Modified Checklist for Autism in Toddlers

PUC/SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

RNA - ácido ribonucleico

TEA – Transtorno do Espectro Autista.

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

USP – Universidade de São Paulo

VENs - neurônios Von Economo

## SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	12
2. OBJETIVOS.....	15
2.1 OBJETIVO GERAL.....	15
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	15
2.3 MÉTODO GERAL.....	15
3 CAPÍTULO 1 (ARTIGO 1)- COMPREENSÃO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA PSICOLOGIA ANALÍTICA.....	16
3.1 INTRODUÇÃO.....	19
3.2 OBJETIVO.....	19
3.3 MÉTODO.....	19
3.3.1 Palavras-chave.....	19
3.3.2 Bases de dados.....	19
3.3.3 Seleção.....	22
3.3.4 Análise de dados.....	23
3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
3.5 CONCLUSÃO.....	34
REFERENCIAS.....	36
4. CAPÍTULO 2 - A IMPORTÂNCIA DOS ESTUDOS DA PSICOLOGIA ANALÍTICA CLÁSSICA DO DESENVOLVIMENTO PARA O TEA.....	38
5. CAPÍTULO 3 - DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA E O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA SOB A LUZ DA PSICOLOGIA ANALÍTICA.....	44
5.1 INTRODUÇÃO.....	45
5.1.1 Erich Neuma: fases do desenvolvimento da consciência.....	46
5.1.2 Michel Fordham: desdobramentos do Self e o desenvolvimento do ego.....	49
5.1.3 Considerações atuais sobre o autismo na psicologia analítica.....	51
5.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
5.3 CONCLUSÃO.....	56
REFERÊNCIAS.....	58
6. CAPÍTULO 4 - MENTE EMERGENTE NA PERSPECTIVA DAS NEUROCIÊNCIAS.....	59
7. CAPÍTULO 5 (ARTIGO 3) - RELAÇÕES ENTRE TEORIA DA REGULAÇÃO E PSICOLOGIA ANALÍTICA PARA A INTERVENÇÃO CLÍNICA NO AUTISMO.....	65
7.1 INTRODUÇÃO.....	66

7.2 APONTAMENTOS DA TEORIA DA REGULAÇÃO E DA PSICOLOGIA ANALÍTICA.....	73
7.3 RELAÇÃO ANALÍTICA E REGULAÇÃO AFETIVA.....	79
REFÊRENCIAS.....	81
CONCLUSÃO FINAL.....	83
REFERÊNCIAS.....	86
ANEXO 1- ARTIGO PUBLICADO.....	88
ANEXO 2 - NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DA REVISTA ALETHEIA.....	107

## 1. APRESENTAÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma síndrome que dificulta e até mesmo impossibilita a comunicação social de um indivíduo e evidência padrão

es repetitivos e restritos de comportamento. A síndrome Autista acaba por interferir em três domínios da vida de um sujeito: dificuldades de interação social, linguagem e comunicação e comportamento (DSM IV, 1994).

O recente e acentuado aumento de incidência do Transtorno do Espectro Autista na população mundial, vem causando uma preocupação relevante sobre a prevalência do transtorno nos últimos tempos. De acordo com as estatísticas disponibilizadas pelo CDC (Centro de Controle de Doenças e Prevenção do governo dos EUA) a prevalência de indivíduos com autismo aumentou expressivamente nos últimos anos. No ano de 2004, a cada 166 crianças nascidas 1 era portadora de TEA. Recentemente, em 2020, a prevalência passou para 1 a cada 54 nascidos (CDC, 2021).

Segundo dados do Ministério da Saúde, o autismo atinge cerca de 1% da população brasileira. Dessa forma, estimava-se que somente no Brasil exista 2 milhões de pessoas com Autismo (Brasil, Ministério da Saúde, 2021).

De acordo DSM V (2013), o Transtorno do Espectro Autista está englobado no Distúrbios do Neurodesenvolvimento. Apesar de ser um transtorno neurológico, sua causa ainda não pode ser efetivamente afirmada, várias áreas das ciências estão em busca da compreensão sobre o ponto desencadeador do transtorno. Os estudiosos do assunto listam que alguns fatores podem estar relacionados ao surgimento da síndrome entre eles o fator ambiental, genético, social, familiar e comportamental.

Atualmente, a maioria, dos atendimentos clínicos para o TEA são efetuados a partir de modelos comportamentais de intervenção. Entre eles estão os modelos ABA (Applied Behavior Analysis), ESDM (Modelo Denver de Intervenção Precoce), TEACCH (Treatment and Education of Autistic Communication Handicapped Children) e PECS (Picture Exchange Communication System). O modelo ABA busca contribuir para o aumento de repertório social e diminuição de comportamentos negativos. O método Denver busca a construção de interação social e fortalecimento de vínculos de afeto em criança de 12 meses a 5 anos. O TEACCH utiliza técnicas visuais para ensinar comportamento, auxilia na comunicação e ensina habilidades. A metodologia PECS é um sistema de comunicação por trocas de figuras, afim de fortalecer a relação interpessoal.

Além dos modelos comportamentais, apresentamos o método DIR FLOORTIME (Developmental Individual Difference) que segue os comandos da criança e estimula a iniciativa e o comportamento intencional. Igualmente, trazemos a intervenção psicanalista que a partir de Lacan entende o autismo como uma quarta estrutura e trabalha essa síndrome como exclusão do campo do significante. A psicanálise sob o olhar de Jerusalinsky (2011, p. 28) define o autismo pela falta de responder simbolicamente a injunção fálica. Sendo assim, busca a intervenção pela subjetividade e afetividade.

Ao pesquisar revisões de literatura sobre o autismo e psicanálise, foram encontrados artigos que tem como objetivo principal identificar hipóteses psicanalíticas sobre o autismo, propostas de tratamento, objetivos e métodos. No entanto, ao pesquisar revisões de literatura em Psicologia Analítica e autismo, não foi encontrada nenhuma revisão que abarque os mesmos objetivos em conjunto, ou mesmo separadamente como tão bem destacado nas revisões de psicanálise.

Embora muitos modelos de atendimento clínico possuem caráter apenas comportamental, nosso trabalho busca entender o autismo através de uma perspectiva interacional. Essa estrutura interacional pode ser encontrada tanto em manejos da psicanálise quanto da Psicologia Analítica. Nesse artigo lançaremos luz ao modelo interacional sob as perspectivas da Psicologia analítica. Pois, embora muitas vertentes da psicanálise realizaram importantes contribuições acerca do autismo, igualmente desenvolveu-se um significativo e frutífero movimento e compreensão oriundos das teorias de Carl Gustav Jung. Enquanto a psicanálise tem como princípio o determinismo da libido e seu fundamento na sexualidade, a psicologia analítica busca compreender o TEA e seu tratamento a partir dos princípios de finalismo e teleologia dos processos psíquicos, do caráter individual dos fatos psíquicos e do caráter religioso e numinoso da psique relacionado com estruturas coletivas pré-existentes na psique e os arquétipos.

Considerando que o TEA é um transtorno do desenvolvimento, e que na psicologia analítica o desenvolvimento da personalidade é fundamentado principalmente pelas teorias de Michael Fordham (1905-1995), buscou-se compreender o desenvolvimento da consciência humana baseado nas teorias de Fordham e na aproximação das ideias de Jung da totalidade da psique atuante desde os primórdios e da existência com um Self primordial, justapostos com teorias da psicanálise de relações objetais, ansiedades primárias e defesas narcísicas. O modelo conceitual de desenvolvimento infantil de Fordham está embasada nas estruturas psíquicas ego, arquétipo e Self (Fordham, 2006). Igualmente, vimos a necessidade de compreender o desenvolvimento do ego pelo olhar de Erich Neumann (1905-1960). Neumann traz o emergir

da consciência a partir de estágios organizados pelos padrões arquetípicos maternos e paternos, e sobre o estabelecimento de um eixo ego-Self.

Para compreender o desenvolvimento da consciência humana, precisa-se entender que a psique, para a Psicologia Analítica, compõe-se de aspectos singulares, próprios de cada indivíduo e de aspectos universais, padrões regulares do ser humano: “[...] idênticos em todos os seres humanos, constituindo, portanto, um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo” (Jung, 2000, OC IX/1, §3). Em termos de seus conteúdos a psique compõe-se de complexos e arquétipos em um amálgama de experiências subjetivas e coletivas, arquetípicas. O complexo egóico é visto como o centro do campo da consciência, enquanto o Self, o arquétipo central constitui-se como a totalidade, organizador e centro da totalidade psíquica.

Para entender a construção do desenvolvimento da personalidade em sentido junguiano é necessário se colocar a ideia de que o bebê não nasce tabula rasa e sim inconsciente, com padrões inatos de funcionamento que aos poucos se atualizam de forma singular naquele indivíduo (Jung, 1983, OC XVIII/1, §84). A consciência se forma gradualmente a partir deste estado de inconsciência, em relações que passam a existir entre o ego e o inconsciente, entre o eu e o arquétipo da totalidade.

Para compor sua teoria acerca do desenvolvimento da consciência, Fordham (2006, p. 81), formulou o princípio de deintegração/integração. Nessa concepção, através de sequências de perturbações e organizações, o Self divide-se espontaneamente em partes, essas partes são ativadas pelos estímulos externos, depois se reintegram as experiências por meio do sono, da reflexão ou de outra forma de digestão mental a fim de se desenvolver e crescer. As experiências ao se reintegrar no Si-mesmo trazem novos repertórios e modificam a estrutura do Si-mesmo, com resultantes modificações na estrutura e repertório do Si-mesmo.

A partir dessas observações, Fordham postulou que o Self é um sistema dinâmico presente desde a infância, que se deintegra e se reintegra em uma sequência ritmada, esse movimento organiza a diferenciação do Self e faz a distinção entre o mundo externo e interno, entre o Eu e o não-Eu (Fordham, 1976, p.12). Sendo assim, o modelo de deintegração e integração é central para o entendimento da síndrome autística em Fordham, pois devido a uma desordem do Self, a criança autista não realiza o processo de deintegração.

Atualmente, no Brasil, a analista junguiana Ceres Alves de Araújo apoiada em Erich Neumann (1905-1960), Fordham (1905-1995) e Carlos A. B. Byington (1933-2019), teoriza que na mente da criança autista a estruturação se manifesta de maneira atípica, há uma distrofia ou mesmo uma atrofia da consciência, impossibilitando o dinamismo matriarcal e

consequentemente impedindo a constelação do Arquétipo da Grande Mãe (Araújo; Schwartzman 2011, p.193). Diante da falha da estruturação matriarcal, a consciência busca se desenvolver a partir do dinamismo patriarcal. Assim, o ego pode ir ganhando espaço, se organizando e se estruturando (Junior; Kuczynsky, p.83).

A importância de se estudar o autismo na perspectiva da Psicologia Analítica é compreender a partir da psicodinâmica junguiana os processos do desenvolvimento do indivíduo autista e construir novas possibilidades de hipóteses e tratamento a respeito dos fenômenos do TEA.

## 2. OBJETIVOS

### 2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender as principais concepções do Transtorno do Espectro Autista em psicologia analítica.

### 2.2 OBJETIVO ESPECÍFICO

Realizar um levantamento da bibliografia e analisar as concepções da psicologia analítica acerca do TEA.

### 2.3 MÉTODO GERAL

O presente trabalho utilizou-se do modelo escandinavo de pesquisa, isto é uma organização na forma de artigos, onde cada capítulo representa um artigo, visando facilitar a publicação dos trabalhos de forma independente. Entre os artigos foram inseridos capítulos, com o objetivo de explicitar amarrações e possíveis lacunas entre os artigos 3 e 4. Para introduzir o tema ao leitor, foi descrito uma breve apresentação a respeito do autismo e de dois estudiosos da Psicologia Analítica Michael Fordham e Erich Neumann.

No primeiro capítulo foi realizado um mapeamento de produções de artigos na abordagem junguiana que correlacionavam o TEA com concepções da Psicologia Analítica. A partir de uma revisão integrativa realizou-se o levantamento da literatura sobre o tema. Os artigos encontrados foram analisados pelo título e resumo. Após a seleção de artigos elegíveis, houve uma breve discussão das obras e suas principais ideias foram elaboradas para melhor

compreensão da pesquisa. Esse capítulo se mostrou importante, pois revelou um número restrito de material acareado sobre essa temática. O pouco material encontrado, talvez, se deve a baixa produção nessa linha teórica sobre o assunto autismo.

No segundo capítulo foi promovido o aprofundamento teórico a respeito das principais ideias, de autores desenvolvimentistas da psicologia analítica, acerca da construção da mente emergente e da estruturação da consciência em portadores espectro autista. Para tanto, foi utilizado as teorias clássicas de Fordham e Neumann e as ideias contemporâneas da brasileira junguiana Ceres Alves de Araújo.

Para evitar possível lacuna, entre o segundo e terceiro capítulo, optamos por inserir um intercapítulo. Com a finalidade de explicar ao leitor a conexão entre os capítulos, buscou-se definir a ideia do despertar da consciência humana a partir do conceito das neurociências.

O terceiro e último capítulo trouxe a moderna teoria do apego - teoria da regulação – de Allan N. Schore para elucidar como o cérebro direito, através do apego seguro regula as emoções e processa o senso de identidade. Ademais, esse capítulo buscou empreender um exercício de síntese, por intermédio de uma proposta de intervenção clínica, baseada na teoria da regulação justapostas a psicologia analítica para o manejo do autismo. Visto, o impacto epidemiológico que Transtorno do Espectro Autista representa, a síndrome se configura como um grande desafio para a psicologia e medicina, por sua ampla sintomatologia e diferentes níveis de desenvolvimento e funcionamento e graus de comprometimento, sendo oportuno novas propostas de intervenção.

### 3. CAPÍTULO 1 - MAPEAMENTO DA COMPREENSÃO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA PSICOLOGIA ANALÍTICA<sup>1</sup>

Research Mapping of Autism Spectrum Disorder in the Analytical Approach

#### RESUMO

Este artigo tem como objetivo esboçar o mapeamento da produção acadêmica em Psicologia Analítica (P.A.) acerca do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Especificamente, busca levantar as contribuições da P.A. para a compreensão do manejo terapêutico com crianças portadoras do TEA. Para tal, foi utilizado o modelo de revisão integrativa. A seleção dos artigos se deu a partir de textos embasados em contemplar a síntese dos tópicos relevantes com objetivo da pesquisa e a revisão integrativa ocorreu mediante a perspectiva teórica da P.A em correlação aos aspectos patológicos da síndrome, citação de autores e termos próprios da P.A. Os artigos analisados evidenciaram a importância de Michael Fordham para a psicologia do desenvolvimento. Os textos trouxeram contribuições de Fordham vinculadas a psicanálise Kleiniana, concepções de autores da teoria do apego, teoria relacional e das neurociências. A pesquisa revelou a escassez de literatura de produção sobre o TEA em conjunto com a P.A. Indicando a necessidade de desenvolvimento do tema em P.A.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista, Transtorno do desenvolvimento; Psicologia Analítica.

#### ABSTRACT

This article aims to outline the mapping of academic production in Analytical Psychology (A.P.) about Autism Spectrum Disorder (ASD). Specifically, it seeks to raise the contributions of the P.A. for understanding the therapeutic management with children with ASD. For this, the integrative review model was used. The selection of articles was based on texts based on

---

<sup>1</sup> Este capítulo foi submetido em formato de artigo, sob uma nova versão e redução de laudas para se adequar as normas da revista. O artigo foi submetido em 19/12/2022 na Revista Interdisciplinar de Psicologia e Promoção de Saúde -ALETHÉIA. O artigo consta em anexo pelo nome Compreensão dos Transtornos do Espectro Autista na psicologia analítica.

contemplating the synthesis of relevant topics for the purpose of the research and the integrative review took place through the theoretical perspective of AP in correlation with the pathological aspects of the syndrome, citation of authors and terms specific to AP. The analyzed articles showed the importance of Michael Fordham for developmental psychology. The texts brought Fordham's contributions linked to Kleinian psychoanalysis, conceptions of authors of attachment theory, relational theory and neurosciences. The research revealed the scarcity of production literature on TEA in conjunction with P.A. Indicating the need to develop the theme in P.A.

Keywords: Autistic Spectrum Disorder, Developmental disorder, Analytical Psychology.

### 3.1 INTRODUÇÃO

Diante da demanda no cenário médico e psicológico acerca do TEA, no campo da psicologia psicodinâmicas, isto é, que aborda o estudo do inconsciente, foi percebido a necessidade de explorar essa temática através das perspectivas da Psicologia Analítica. Com o intuito de verificar as disponibilidades de produções científicas em Psicologia Analítica.

Dessa forma, buscou-se mapear trabalhos científicos embasados em Psicologia Analítica acerca do TEA. Ao pesquisar parte desse material disponibilizado, foi notório que tais estudos científicos fundamentados em Psicologia, em sua grande maioria, estavam focalizados na linha da Análise do Comportamento e na Psicanálise. Em contrapartida, pouquíssimo material foi encontrado sob a luz da Psicologia Analítica. Mesmo os artigos selecionados dessa linha de pesquisa, traziam como conteúdo de apoio fundamentações de outras linhas teóricas.

Após o mapeamento foi realizado a organização textual por ano de publicação e por metodologia aplicada no estudo. Os textos traziam contribuições desenvolvimentista de Michael Fordham vinculadas a psicanálise Kleiniana, assim como concepções de autores da teoria do apego e das neurociências. Uma breve discussão sobre os artigos e suas teorias foi proposta, afim de correlacionar ideias e teorias.

Mediante ao enquadramento de carência de produção Analítica e diante do aumento de prevalência de casos de TEA, percebeu-se uma necessidade e urgência na pesquisa e organização dessas produções científicas, para que ao registrar a deficiência de produções

nessa linha teórica, pesquisadores da Psicologia Analítica possam se interessar a pesquisar o tema. Para que assim, futuros pesquisadores possam contribuir com estudos, a partir dessa teoria, sobre o entendimento dos processos de desenvolvimento psíquico da pessoa autista, suas especificidades e assegurar um processo terapêutico de qualidade para os portadores do TEA.

### 3.2 OBJETIVOS

O presente trabalho tem como objetivo realizar o mapeamento da produção acadêmica em Psicologia Analítica acerca do Transtorno do Espectro Autista.

### 3.3 MÉTODO

O método de revisão integrativa, que segundo (Botelho et. Al, 2011) é definido como método de levantamento bibliográfico empírico ou teórico, o qual permite a síntese de conhecimentos e a incorporação dos resultados sobre o tema pesquisado, se deu diante da identificação do objetivo, da busca da literatura, da seleção e da análise dos textos obtidos.

#### 3.3.1 Palavras-chave

A partir das leituras de textos acadêmicos de Psicologia Analítica acerca dos Transtornos do Espectro Autista (TEA), foi arguido a prevalência de palavras-chaves que mais apareciam nos textos científicos relevantes sobre o tema pesquisado. Essas palavras foram utilizadas para compor as palavras-chaves de busca nas bases de dados, e manipuladas para se correlacionarem com os campos de título dos artigos, resumo e palavras-chave sendo divididas em dois grupos – primárias e secundárias. As primárias foram compostas de palavras sinônimas ao TEA ou palavras que fazem referência a síndrome, e as secundárias foram compostas por conceitos da psicologia analítica e autores da psicologia analítica da linha do desenvolvimento. As palavras primárias e secundárias foram correlacionadas entre si, para abranger a maior quantidade de artigos possíveis. (conforme tabela 1). Também utilizamos o truncamento das palavras Jung\* e Junguian\*, afim de abranger os radicais e obter maiores resultados.

Primárias	ND	Secundárias
“Transtorno do Espectro Autista” “Síndrome de Asperger’s” “distúrbio afetivo primário” “transtorno do desenvolvimento” Autismo Atípias “Distúrbio do neurodesenvolvimento”		“Psicologia Analítica” “Psicologia Junguian*” “Psicologia pós-Jung*” “Jung*” arquétipo “arquétipo materno” Deintegração “Michael Fordham” Neumann “Ceres Alves de Araújo”

FONTE: A autora (2021).

### 3.3.2 Bases de dados

O período de busca se deu no período do dia 20 ao 27 de junho de 2021. A busca foi realizada inicialmente no Portal de periódicos da Capes. No portal Capes, que disponibiliza produção científica em diversas áreas do conhecimento, utilizando todas as palavras-chave selecionadas, sem restrição de data de produção, em busca avançada, refinando a busca por assunto e título, tipo de produção de artigo, por língua portuguesa e inglesa, foram encontrados apenas 3 artigos relacionados a pesquisa.

Ainda no portal Capes, através do Journal of Analytical Psychology, na área de conhecimento ciências humanas – psicologia, com o título “autism’ foram encontrados 6 periódicos que trazem o termo, no entanto para "neurodevelopmental disorder", "asperger’s syndrome", atypical; "primary affective disorder"; autism spectrum disorder nenhum periódico foi encontrado. Na tentativa de abranger mais nossa pesquisa optamos por considerar a busca no Journal of Analytical Psychology, na categoria ciências da Saúde – psiquiatria para averiguar se algum resultado pertinente poderia ser aproveitado. Os resultados obtidos foram idênticos a pesquisa da área das ciências humanas – psicologia.

Não satisfeitos com os resultados obtidos através do portal da Capes, a pesquisa foi redirecionada para a base de dados Scopus. Com o uso das mesmas palavras-chave e com o uso do operador booleano AND, pesquisando por título, resumo e palavras-chave, limitando a língua inglesa e português e excluindo “review”, o resultado da pesquisa se mostrou mais frutífero. Dentre a busca foram obtidos 103 artigos, sem contabilizar os artigos duplicados, tanto na base

Scopus como os já encontrados na Capes. No entanto, do total de 106 artigos, scopus mais capes, apenas 22 traziam em seu título ou resumo conceitos pertinentes a pesquisa. O restante, 49 artigos estavam relacionados a pesquisas da área médicas e 35 estavam distribuídos entre as áreas de biologia; matemática; neurociências; sobrenome de autor Jung; resenha de livro; e pesquisas de software. Nessa busca as palavras-chaves que mais contribuíram foram “autism AND JUNG\*”, “Aspergers Syndrome AND Jung\*”, “autism AND Michael Fordham” e “autism AND archetype”. Entretanto, a palavra-chave archetype associada a atypical foi a que mais distanciou a pesquisa do objetivo principal, pois elevado número de obras correlacionava o autismo a pesquisas médicas/biológicas, sem fazer menção a Psicologia Junguiana.

Observando a quantidade acareada e descontente com os resultados obtidos, abrangeu-se a pesquisa para a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Inicialmente, refinamos as buscas para as instituições PUC-SP, Unicamp e USP, sem restrições para ano de defesa. No entanto, pela baixa produção encontrada estendemos a busca para todas as instituições que compõem a BDTD. Nessas buscas constituíram as mesmas palavras-chave informadas na tabela 1. A nova pesquisa resultou em 5 textos, sendo eles 3 teses de doutorado e 2 dissertações de mestrado. Porém, dentre esse resultado nenhum texto estava relacionado com Psicologia Analítica. Pois, 2 produções o nome do autor pesquisado (escritor da Psicologia Analítica) era membro banca de defesa, 1 tese e 1 dissertação o sobrenome do autor era correlato ao autor junguiano Neumann, e 1 tese era de teor médico organicista.

Durante a pesquisa percebeu-se que o volume de trabalhos acadêmicos, em sua maioria, estava voltado para a correlação autismo e Análise do Comportamento e autismo e Psicanálise. No Portal Capes com busca em assunto, sem marcação para data de publicação com refinamento para linguagem inglesa ou portuguesa em artigos. Em autism AND “behavior analysis” foram buscados 443 documentos, para autism AND psychoanalysis resultaram em 78. mas para autism AND “analytical psychology” foi identificado apenas 1 artigos.

Na base de dados Scopus a procura por Autism AND psychoanalysis resultaram em 493 artigos. E a busca por autism AND “behavior analysis” abarcaram 820 artigos. Em compensação a busca por autism AND “analytical psychology” sucederam míseros 6 documentos.

Na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) com busca em todos os campos, sem refinar por instituições, textos publicados entre 2010 a 2021, de língua inglesa e/ou portuguesa, com pesquisa realizada no mês 07/2021 não foi possível encontrar nenhum documento científico contendo as palavras-chave autismo e psicologia analítica e autismo e

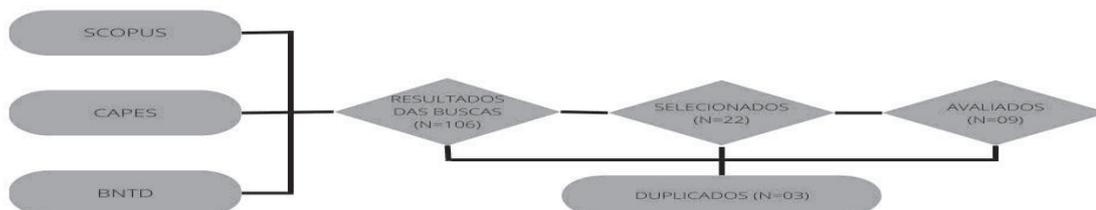
psicologia junguiana. Em contrapartida as palavras-chaves autismo e psicanálise renderam 68 dissertações e 19 teses, autismo e “análise do comportamento” 60 dissertações e 18 teses, e autismo e behaviorismo 203 dissertações e 74 teses.

Essa revisão assinala a escassez de produção científica sobre TEA em psicologia Analítica. Bem como, justifica a necessidade de elaborar pesquisas e trabalhos fundamentados nessa linha teórica, que auxiliem os profissionais na intervenção e no manejo de modelos de terapias que trabalhem tal tema.

### 3.3.3 Seleção

A seleção da literatura incluída na pesquisa seguindo o modelo de revisão sistemática, se deu a partir do título e posteriormente pelo resumo. O título deveria contemplar a síntese, implícita ou explícita, dos tópicos relevantes com objetivo da pesquisa e da Psicologia Analítica, nomes de autores proeminente dessa abordagem e/ou publicação em periódicos dessa linha teórica. As obras que os títulos deixavam dúvida, foram analisadas pelo resumo. Posteriormente, as obras selecionadas pelo título, foram inclusas para análise mediante o resumo. Os critérios de inclusão a partir do resumo foram: embasamento dentro da perspectiva teórica da pesquisa, correlação dos aspectos patológicos da síndrome e estudos da Psicologia Analítica, citação de autores e termos próprios da Psicologia Analítica. Por último, as publicações selecionadas, foram lidas e analisadas para compor a revisão de literatura.

No decorrer da revisão foram encontrados 106 artigos, porém dentre esses apenas 22 correlacionavam o TEA com abordagem Junguiana. As 22 referências obtidas foram selecionadas pelo título e pelo resumo. Dos artigos analisados 9 foram integrados para a revisão de literatura. Da totalidade de obras encontradas, todas eram de língua Inglesa.



### 3.3.4 Análise de dados

TABELA 2 – QUANTIFICAÇÃO DOS ARTIGOS SELECIONADOS PARA A REVISÃO

Base de Dados	Subtotal	Exclusão	Total
CAPES	03	00	03
SCOPUS	103	97	06
BNTD	00	00	00
TOTAL	106	97	09

FONTE: A autora (2021).

TABELA 3 – RESUMO DOS ARTIGOS SELECIONADOS

Autor e Ano	Tipo de Publicação	Resumo das contribuições para o estudo
Uban, E. (1992)	Não pesquisa; estudo teórico.	O artigo traz considerações de JUNG, Klein e Isaac's sobre conteúdo dos processos psíquicos. Bem como elucida a teoria de Fordham sobre o Eu primário. Seguido por uma descrição clínica de um paciente autista.
Astor, J. (1996)	Não pesquisa; estudo teórico.	O autor levanta a ideia de Fordham do Self como uma teoria de campo e aborda o trabalho de Fordham sobre o autismo como um transtorno do Self.
Bunster J. (1996)	Não pesquisa; estudo teórico.	O autor aborda a teoria de Fordham de defesas do Self e posteriormente discorre acerca de seu trabalho clínico com um paciente autista.
Sidoli, M. (2000)	Não pesquisa; estudo teórico.	Estudo de caso clínico de uma criança autista e da relação mãe/filho.
Mc Dowell, M. J. (2004)	Não pesquisa; estudo teórico.	Nesse artigo o autor propõe 2 hipóteses: uma sobre o desenvolvimento inicial a partir do olhar social; e outra a respeito das origens do autismo pela falta de intersubjetividade.
Bisagni, F. (2009)	Não pesquisa; estudo teórico.	Estudo de caso através de conceitos pós-junguianos da mente emergente, em justaposição com as teorias das neurociências.
Kawai, T. (2009)	Não pesquisa; estudo teórico.	Conceitos da teoria de Self proposto por Fordham e sua correlação ao TEA. Discussão acerca da ausência do sistema relacional e sua correlação a falta de simbolismo.
Bisagni, F. (2010)	Não pesquisa; estudo teórico.	Análise de caso de uma criança autista através da simbolização. O texto explora a noção de Bion em relação a teoria pós-junguiana do conceito de mente emergente.
Kalshed, D. E. (2015)	Não pesquisa; estudo de caso sobre o trauma.	O Autor utiliza as ideias de defesas do Self, de Fordham, revistas através da teoria relacional contemporânea, da teoria do apego e neurociência para conceituar o processo do trauma. O texto traz pequena referência entre o TEA e teoria de deintegração de Fordham.

FONTE: A autora (2021).

Os artigos resultantes da pesquisa, em sua totalidade, foram de língua inglesa, não sendo encontrada nenhuma publicação em português. Os textos correspondem as datas de 1992 a 2015, todos de abordagem qualitativa. Dos artigos elegíveis, 63,63% eram de revista com viés da Psicologia Analítica – *Journal of Analytical psychology*, 27,27% de revista de psicoterapia infantil - *Journal of Child Psychotherapy*, e 9,09% de revista de neurociências e física quântica – *Neuroquantum*. Os dados evidenciam que as publicações com abordagem junguiana, estão predominantemente concentradas em revista de Psicologia Analítica.

As publicações aferidas apontam uma maior ênfase na teoria junguiana da escola desenvolvimentista de Michael Fordham (1905-1995). Com contribuições a respeito do desenvolvimento do Self, o Eu primário, defesas e desordem do Self, deintegração e integração. Tendo em vista a correlação de Fordham com influências da psicanálise que se desenvolveu em Londres, na segunda metade do século XX, especialmente com Melaine Klein (1882-1960), os artigos resgataram conceitos da psicanálise, trazendo teorias de autores como Wilfred Bion (1897-1979), Donald Meltzer (1922-2004), René Spitz (1887-1974), Daniel Stern (1934-2012) e Frances Tustin (1913-1994). Fordham utilizou ideias psicanalistas para complementar estudos da psicologia analítica, pois Jung trouxe luz sobre as primeiras representações mentais a partir das imagens arquetípicas, mas não evoluiu seus estudos para o desenvolvimento da criança. De acordo com Astor (1996, p. 27) Jung deixou lacunas acerca do desenvolvimento do Ego, posteriormente Fordham realizou investigações contínuas do desenvolvimento infantil na tentativa de preencher essas lacunas. Para isso, Fordham absorveu a técnica de Klein com crianças, as quais possibilitava compreender o inconsciente infantil através da análise, e passou a utilizar das investigações da psicanalista sobre as crianças pré-edípicas, pois: “...Fordham achou a técnica de Klein muito útil e suas descrições de fantasia inconsciente parecidas com a descrição de Jung de imagens arquetípicas” (ASTOR, 1996, p.31, “tradução nossa”)<sup>2</sup>

Posteriormente ao investigar o autismo infantil Fordham analisou pressupostos de psicanalistas que estudavam a síndrome. Segundo Fordham (1976, p. 80) as teorias postulavam que o autismo infantil poderia ocorrer devido a falha ambiental (Winnicott), ao desejo de morte por parte da mãe (Bettelheim), a partir de uma depressão psicótica infantil (Tustin), uma falha orgânica relativa ao sistema do centencefálico (Rimland), ou até mesmo um distúrbio da vida intrauterina (Bender). Após estudar essas concepções, Fordham se valeu da ideia de que o autismo ocorre devido a uma desordem do Self.

---

2 “...Fordham found Klein’s technique very helpful and her descriptions of unconscious phantasy close to Jung’s description of archetypal images”.

Além de se utilizarem das contribuições de Fordham os autores como McDowell (2004) Bisagni (2009/2010) elencaram os conceitos de Jung como Self, arquétipo, imagem arquetípica e função transcendente. Autores como Urban (1992), Sidoli (2000), McDowell (2004), Bisagni (2009/2010) e Kalsched (2015), revisitaram as teorias de Fordham e de Jung, correlacionando e diferenciando os postulados dos dois autores frente as relações das ações do Self e o desenvolvimento do ego.

Alguns textos como Urban (1992), Bunster (1996), Kawai (2009), McDowell (2004) e Sidole (2000), fizeram correspondência entre autismo e defesas do Self apoiados na teoria de Fordham. Para tanto, se apropriaram da definição que o Self na Psicologia analítica é:

(...) considerado uma totalidade psíquica de processos conscientes, pré-conscientes e inconscientes. O ego é a parte do Self que se tornou consciente, e foi descrito sucintamente não como o centro dominante do Self, mas como seu executivo facilitador” (Carvalho, 1987; Davies, 1995, apud BUNSTER,1996 “tradução nossa”).<sup>3</sup>

Bunster (1996), fundamentado em Fordham, incluiu em seus escritos o conceito de Eu original com seu potencial arquetípico e herdado. Segundo Bunster, a expansão desse potencial acontece mediante um movimento de mão dupla entre mãe e bebê, no qual o bebê é inicialmente integrado e depois separado da sua mãe, para depois se relacionar novamente com ela pela deintegração, digerindo e absorvendo a experiência pela integração (Bunster, 1996). Esse movimento de deintegração e integração, relacionado aos instintos, influencia o desenvolvimento e maturação do ego (Bunster, 1996). No entanto, para isso ocorrer é desejável que se constele o arquétipo de Mãe, boa e má, para que essa dualidade seja reconhecida e confrontada pelo bebê, pois:

As raízes desta tensão estão baseadas na vida instintiva de o bebê e, se a sustentação dessa tensão for, por qualquer razão, opressor demais para o bebê ou a mãe, especialmente por causa de um período de tempo acumulado, o processo deintegrativo/reintegrativo do eu original pode ficar distorcido ou, em casos extremos, cessar completamente (Bunster, 1996, tradução nossa).<sup>4</sup>

---

3 ...is thought of as a psychic totality of conscious, pre-conscious and unconscious processes. The ego is that part of the Self which has become conscious, and it has been succinctly described as not the dominant centre of the Self but is facilitating executive Carvalho, 1987; Davies, 1995, apud BUNSTER,1996).

4 The roots of this tension are grounded in the instinctual life of the infant and, if the holding of this tension is, for whatever reason, too overwhelming for either infant or mother, particularly over a sustained period of time, the deintegrative/reintegrative process from the original Self may become distorted or in extreme cases cease altogether (Bunster, 1996)

Se a criança engloba tanto a mãe boa quanto a mãe má, gera uma dualidade aterrorizante, o ego é enfraquecido e torna-se estático, desintegrado formando uma defesa rígida, criando mecanismos de defesas primitivas (Bunster, 1996).

Astor (1996) Bunster (1996), Kawai (2009), McDowell (2004), Sidole (2000) e Urban (1992), semelhantemente foram ao encontro da ideia de que a mãe nutritiva e/ou devoradora contribui para o desenvolvimento positivo ou negativo do ego. No entanto, embora Bisagni (2009) concorde com a noção de que a mãe emocionalmente disposta contribua para que a criança internalize o objeto, ele confronta o modelo de deintegração de Fordham. Para Bisagni (2009/2010) o modelo de deintegração é definido por uma teoria estrutural, que postula um Eu primário integrado, porém ele acredita que o Eu primordial está alicerçado em uma concepção mais dinâmica, e mediante a um senso de continuidade e movimento de introjeção é que o Eu emerge.

Todos os autores analisados, até os que tratam a questão de forma implícita, ratificaram a concepção de Fordham (1976) de que o autismo é uma desordem do Self. De acordo com Fordham, os mecanismos primitivos ou defesas do Self, podem levar o sujeito ao autismo ou a estados mentais autistas, há uma desordem do Self, na qual pouca ou nenhuma deintegração ocorreu (Fordham, 1976). Bunster (1996) vai argumentar que o Self ao se proteger de forças poderosas e arquetípicas leva a falhas no processo de deintegração e integração (Bunster, 1996). Igualmente, o autor salienta que o desenvolvimento do ego se realiza através da deintegração, é em direção ao outro separado e diante da recepção do outro que a personalidade se amplia. Se nesse processo não ocorre a percepção de um objeto não-eu, irrompe uma falha na integração ou possivelmente o “autismo”. Nesse sistema a deintegração vai em direção a um objeto, mas a experiência e a relação com o objeto não são integrada. Esse objeto ao não ser vivenciado como um processo recíproco e vivo, impede o reconhecimento e a diferenciação entre o objeto e o eu (Bunster, 1996).

Astor (1996) em seu artigo de tributo a Fordham vai destacar que diante das defesas do Self, o Eu realiza função protetora, tanto como recipiente como contra perigos intrapsíquicos. Essa função protetora tem por objetivo estabelecer uma fronteira entre o “eu” e o outro, e protege a mente infantil de ataques advindos do interior da psique (Astor, 1996, p.13). Sustentado pela teoria de Fordham, Astor (1996) ratifica que as imagens arquetípicas do Self levam ao desenvolvimento do ego, e o ego necessita de uma fronteira para fazer a diferenciação entre consciência e inconsciente.

Mas se não existe a consciência do outro, não ocorre auto-representação. Para ocorrer a auto-representação, a criança necessariamente deve integrar os sentidos e adquirir imagem

corporal e senso de identidade (Fordham, 1976, p. 14). Através de trocas afetivas a imagem corporal vai surgindo e na relação com o primeiro outro (a mãe), ao ser tocada, acariciada, alimentada e cuidada a criança adquire um senso de eu. Quando surge o senso do eu, a consciência de si, ocorre o reconhecimento de interno e externo, no entanto, essa distinção só pode acontecer se a criança possuir um ego forte o suficiente para realizar essa diferenciação (Fordham, 1976, p. 14)

Ao se trabalhar com a premissa de que no autismo a característica básica é o objeto do Self, não se quer dizer que não exista uma organização do ego. Há um ego operante, o problema é que não há um desenvolvimento suficiente da representação simbólica do ego, a simbolização não está integrada ao Self como todo (Fordham, 1976, p. 84). A hierarquia do desenvolvimento se torna desorganizada, deslocada e dividida, essa desordem do Self gera uma desordem da imagem corporal com atos dissociados de comportamentos repetitivos e compulsivos (Fordham, 1976, p.85). O corpo é experimentado como sendo a parte, sendo um objeto separado do senso de identidade, são objetos não integrados, não unificados em si.

McDowell (2004) traz em seu artigo que a estruturação da personalidade deve se auto-organizar desde seus estágios iniciais. Ele propõe que a aquisição da imagem internalizada dos olhos da mãe é um passo muito importante no início do desenvolvimento. McDowell (2004) utiliza-se da teoria da imagem arquetípica de Jung, para sustentar sua teoria do princípio da contenção. Esse princípio descreve a importância de a criança adquirir ou reter a imagem dos olhos da mãe, pois uma vez adquirida, a imagem é associada e, portanto, passa a representar/evocar o sentimento de estar contido (McDowell, 2004 apud McDowell 2001b). Caso o princípio da contenção não se desenvolva, haverá falha generalizada no desenvolvimento. Para corroborar sua teoria, ele vai se valer da hipótese da ontologia e ontogenia do olhar social. Pois, segundo o autor através do olhar social evolui a função psicológica da intersubjetividade.

Para McDowell (2004) o autismo se constitui no fracasso em adquirir ou reter a imagem dos olhos da mãe, portanto trata-se de um déficit primário do desenvolvimento. A criança autista tende a ignorar o olhar do outro, tem pouca necessidade de receber e satisfazer-se com o olhar do outro. Então, para o autor o autismo é uma perturbação da imagem-dos-olhos internalizada.

O autor Kawai (2009) produz uma discussão sobre a terapia e o Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD). Seu artigo se apoia na compreensão de imagem alquímica e da função transcendente de Jung. Ele se alicerça na ideia de união e separação para entender o surgimento do Eu, a intersubjetividade e a ausência da consciência de alteridade. Ao analisar as

características da psicoterapia, Kawai (2009) informa que processo de união e separação, encenado na relação terapêutica ou no jogo simbólico ao lado da interação relacional possibilitam inferir o Eu no sujeito.

Se justapor a ideia de interação relacional de Kawai (2009) com a concepção de contenção de McDowell (2004), pode-se pensar na viabilidade da na aquisição da simbolização e posteriormente no surgimento da intersubjetividade. É por meio do vínculo que podemos inferir o reconhecimento do si mesmo e do o outro. Na terapia o terapeuta não é apenas o outro, mas também é o próprio paciente, realizando a dualidade da união e separação, ofertando ao paciente o lugar de sujeito (Kawai, 2009, p. 665).

Sidole (2000) traz um estudo de caso de autismo perante a desintegração do Self primário. Para elucidar o caso, lança mão dos conceitos de arquétipo de Jung, de deintegração e integração de Fordham (1976), princípio de Beta e alfa de Bion e defesas de encapsulamento e enredamento em Tustin (1990). Conceitos esses que usa para validar a presença das defesas do Self. Sidole (2000) ao estudar um caso clínico, de uma criança autista, vai salientar que o Self ao se desintegrar interrompe o processo de deintegração e integração, impossibilitando o surgimento do Eu.

Além dos textos que correlacionavam somente noções da teoria junguiana de Fordham em integração com a psicanálise Kleiniana, destacamos 4 textos de revisão de literatura que também dialogaram com conceitos das neurociências e neuropsicologia para explanar tanto sobre a mente emergente como o distúrbio do neurodesenvolvimento TEA. Os autores McDowell (2004), Bisagni (2009) buscaram expandir suas ideias a partir das neurociências, para explicar conceitos da teoria da mente, neurônios-espelho e mente social. Já Donald Kalsched (2015) revisou a teoria da deintegração de Fordham apoiado na teoria relacional moderna e na neurociência contemporânea para compor um estudo de caso.

McDowell (2004) trouxe o conceito do desenvolvimento alicerçado na auto-organização a partir do olhar social, ao relacionar a teoria do relacional de Stern (1985) diante da interação mãe e bebê, buscou integrar a teoria da mente das neurociências junto com a teoria de apego para compreender o processo da mente emergente e posteriormente a intersubjetividade. Bisagni (2009) utilizou a teoria junguiana de mente emergente relacionada as neurociências ante o conceito do cérebro direito, das relações objetais de Bion e da teoria de fertilização cruzada da teoria pós-kohutinana para explicar as defesas e segurança do Self emergente. Kalsched (2015) utilizou concepções da defesa do Self, deintegração e dissociações em pacientes autistas, para compreender como o trauma leva a dissociações da psique criando

um sistema defensivo, e do mesmo modo defendeu uma abordagem relacional e de integração afetiva para o tratamento desses pacientes.

Os autores McDowell (2004), Bisagni (2009) e Kalsched (2015) correlacionaram psicologia analítica, psicanálise e neurociências para desenvolver um novo olhar para o entendimento da mente emergente. Bisagni (2009) e McDowell (2004) ao recorrerem as neurociências, usufruíram do conceito de regulação emocional de Allan N. Schore (1994) para compreender como a mente emergente necessita do apego e da relação para se desenvolver.

A teoria da regulação, de Allan N. Schore é uma teoria moderna do apego, apoiada nas concepções da neurociência e desenvolvido a partir da psicanálise do desenvolvimento de Daniel Stern (1985). A teoria da regulação modela como o hemisfério direito inconsciente regula a emoção e processa nosso senso de eu. Segundo Schore (2014) as comunicações afetivas que ocorrem diante o vínculo bebê e cuidador principal são capazes de expandir os sistemas reguladores do cérebro direito emocional do bebê. Essa expansão permitirá em estágios posteriores da vida que o cérebro direito, dominante não-verbal, holístico e espontâneo, regule o afeto e lide com o estresse e os desafios, gerando assim a resiliência e o bem-estar emocional (Schore, 1994, 2003a, b, 2012a).

A relação entre mente emergente e a apego não ficaram restritas apenas na teoria da regulação de Schore. Autores como McDowell (2004), Bisagni (2009) Kalshed (2015) e Kawai (2009) também se apoiaram nos conceitos da teoria relacional de Daniel Stern (1985) para compor seus estudos. Cabe ressaltar que Stern (1992) ao ampliar suas ideias acerca do desenvolvimento, salientou a importância da relação para a construção do mundo subjetivo e interpessoal do bebê. O sistema adaptativo complexo utilizado em McDowell (2004) alinha-se com o tema da mente emergente, pois para o autor a mente emergente ocorre mediante a relação. McDowell (2004) conversa com o texto de Kalshed (2015), pois ambos se utilizam do sistema de defesa para explicar o autismo. Segundo Kalshed (2015) o autismo não deixa de ser um trauma, pois para a criança autista o objeto tenta invadir o mundo interno, essa invasão é traumática, para que essa invasão não ocorra a criança autista se utiliza das defesas do Self.

Todos os textos, exceto em Astor (1996) tratam de estudos de casos clínicos. Igualmente, em todos os textos foram encontrados a utilização da psicologia analítica de Michael Fordham e aportes da psicanálise para embasar os estudos de caso. Nenhum texto trouxe apenas contribuição da abordagem analítica para explicar o autismo. Os artigos que buscaram uma abordagem mais contemporânea, como Bisagni (2009), McDowell (2004) e Kalsched (2015) utilizaram a neurociências como novidade contemporânea para compor seus estudos de caso. Inclusive, em seu artigo Kalshed (2015) sugere, de forma explícita, a

necessidade da revisão de atitude do terapeuta bem como da abordagem analítica interpretativa a luz das considerações dos pós-clássicos.

Do mesmo modo, vale citar que o texto mais atual que encontramos para essa revisão, foi o de Donald Kalsched (2015). Mesmo sendo o mais recente e tentando utilizar de teorias mais contemporâneas como a neurociências afetivas, no que tange a teoria da psicologia analítica Kalsched acabou por utilizar as teorias seminais de Fordham de 1974 e 1976. Vale também destacar, que embora faça menção sobre o autismo e aborde as teorias de defesas do eu de Fordham, o texto de Kalsched (2015) tem como elemento principal de reflexão como o trauma precoce afeta a psique. Pois, se apoia na ideia de Fordham (1976) de que se a mente infantil sente ataques nocivos por um longo período, um sistema de defesa se instala e o processo de deintegração e integração pode não ocorrer.

Além de Kalsched (2015), igualmente percebeu-se que Astor (1996), Sidole (2000) e Kawai (2009) não traziam em sua narrativa o autismo como elemento único ou tema principal. O autismo foi trabalhado por esses autores de forma tangencial, o que parece ser uma característica recorrente em psicologia analítica. Astor (1996) revisa as contribuições de Michael Fordham para a Psicologia Analítica, com isso discorre sobre o conceito de autismo em Fordham. Sidole (2000) embora traga o estudo de caso de uma criança autista, prioriza a relação mãe e filho e o arquétipo do herói vivenciado pela mãe. Kawai (2009) analisa e teoriza acerca de todos os Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TID's) e o caso clínico citado por ele se trata de um caso de uma criança com diagnóstico de Síndrome de Asperger<sup>5</sup>.

### 3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além de textos que correlacionavam noções da teoria junguiana de Fordham em integração com a psicanálise kleiniana, destacamos uma parcela menor, mas muito importante de contribuições das neurociências e neuropsicologia para a Psicologia do Desenvolvimento. Um total de 30% dos textos de revisão de literatura dialogou com conceitos das neurociências e neuropsicologia para explicar tanto sobre a mente emergente como o distúrbio do neurodesenvolvimento, o TEA. Alguns autores, como McDowell (2004) e Bisagni (2009-2010),

---

<sup>5</sup> Vale ressaltar que o artigo de Kawai foi publicado em 2009. Até maio de 2013, ano que foi lançada a 5ª edição do manual de diagnóstico da Associação Americana de Psiquiatria (DSM-5) a Síndrome de Asperger embora relacionada ao autismo era distinta do espectro. Atualmente, conforme o DSM-5 cita que o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) substitui tanto o antigo Autismo quanto a síndrome de Asperger. Logo podemos inferir que a antiga nomenclatura de síndrome de Asperger passou a ser considerada uma forma branda de autismo.

buscaram expandir suas ideias a partir de autores, psicólogos e neurocientistas como Knox e Schore para explicar conceitos da teoria da mente, neurônios-espelho e mente social.

Tendo a neurociências surgido como novidade junto à abordagem analítica de Michael Fordham, nos textos trabalhados, e para compreender o uso das ideias de Allan N. Schore nos autores trabalhados, é imprescindível entender que Schore (2014), explorando sua visão entre neurociências e teoria do apego, enfatiza que a teoria relacional pode contribuir de forma significativa para compreendermos questões profundas a respeito do autismo (Schore, 2014, p. 61).

McDowell trouxe conceito do desenvolvimento alicerçado na auto-organização, Bisagni (2009) utilizou a teoria junguiana de mente emergente relacionada às neurociências, das relações objetais de Bion e da teoria de fertilização cruzada da teoria pós-kohutinana para explicar as defesas e segurança do Self emergente. Os autores usufruíram de concepções de Allan N. Schore, as quais integraram a neurociências e a teoria do apego para descrever o desenvolvimento emocional, elucidando como o nosso cérebro, usando o hemisfério direito inconsciente, regula a emoção e aciona o senso de identidade.

A teoria do apego esteve presente tanto nas ideias de Stern (1985 e 1992) como em termos psicanalíticos, nas neurociências e igualmente nos estudos da psicologia analítica. Stern (1969) salientou a importância do apego para o desenvolvimento do mundo subjetivo e interpessoal do bebê. Para reafirmar essa teoria, a Doutora em Psicologia Inês Di Bartolo, estudiosa da teoria do apego, afirma que, por toda a vida, nós, seres humanos, vamos buscar figuras que possamos sintonizar emocionalmente e criar vínculos seguros para nos sustentar emocionalmente, sendo assim, a identidade é também construída e sustentada por uma matriz vincular (Di Bartolo, 2016).

Frente a isso, ficou evidente a importância das relações afetivas no surgimento do si mesmo e do outro. A relação do apego se mostrou teoria indispensável para formar a subjetividade e, conseqüentemente, a intersubjetividade para a estruturação mental; desse modo, estudar o desenvolvimento do eu. Assim sendo, é possível inferir que o arquétipo como gerador da personalidade necessita do vínculo para se desenvolver. Seja esse vínculo através da imagem dos olhos ou de atos físicos e psicológicos, pois é nas relações interacionais que o senso de eu se confirma. Também é preciso ressaltar que autores como Schore, Stern, Bion e Di Bartollo enfatizam que o arquétipo necessita do outro para se desenvolver.

Schore discorre que a teoria do apego pode contribuir de forma significativa para compreendermos questões profundas a respeito do autismo (Schore, 2014, p. 61). Para ele, a comunicação intersubjetiva e o apego emocional estão comprometidos em crianças autistas. Há

um déficit na iniciativa da interação social, falha na capacidade de ser receptivo e em consequência dificuldade em responder ao outro (Schore, 2014, p. 79). Para o autor a melhor maneira de tratar a síndrome, seria focar na dinâmica relacional entre pais e filhos, evocando as comunicações emocionais do cérebro direito da criança com o cérebro direito do cuidador (Schore, 2014, p. 81).

Os textos abordaram tanto o desenvolvimento da mente emergente em sua evolução organizada e adequada quanto elaboraram questões acerca de um senso de Eu, desorganizado, inadequado e rígido, fazendo relação com as possíveis patologias aplicáveis nesse processo. Da mesma forma, os textos citaram ideias acerca de teorias que explicavam os possíveis déficits na organização do senso de Eu, discorrendo sobre a não integração dos estados mentais, defesas de Self, falha na deintegração e integração e um sistema de apego inseguro.

Os textos elucidaram a teoria do apego como componente relevante para compor as concepções da teoria da neurobiologia interpessoal do desenvolvimento e da psicologia analítica. Apoiado nisso, ficou confirmado que frente as relações interacionais afetivas apoiada na teoria do apego, se estrutura a consciência. Desse modo, estudar o desenvolvimento do eu emergente à luz da psicologia profunda do inconsciente, das relações emocionais e do apego, parece um esforço considerável, visto que essa abordagem oferta um lugar de sujeito ao indivíduo.

A partir da relação terapêutica pode-se inferir um sujeito, na interação relacional pode-se reter a imagem dos olhos, a fim de realizar a simbolização e trabalhar a intersubjetividade. É por meio do vínculo que podemos inferir o reconhecimento do si mesmo e do outro. Em concordância com Kawai (2009, p. 665), na terapia, o terapeuta não é apenas o outro, mas também é o próprio paciente, realizando a dualidade da união e separação, ofertando ao paciente o lugar de sujeito.

Tudo isso atrelado às descobertas recentes das neurociências, que nos embasam, para que além do espaço terapêutico, essas crianças possam ter um tratamento precoce durante períodos críticos da plasticidade neural, e que seus pais possam em trabalho conjunto com os terapeutas, sintonizar as necessidades de modulação e regulação dos afetos internos infantis, a fim de que progridam suas capacidades intersubjetivas. Assim, na sintonia do cérebro materno com o cérebro do bebê, se desenvolva as interações relacionais do bebê. O autor Kawai (2009) diz: não é improvável que a psicoterapia possa alterar a condição neurológica e físicas do paciente.

Portanto, como bem fundamentado nos textos, é na relação do apego seguro que se otimiza um lugar para a criança moldar e expandir suas percepções, sensações e emoções. É na

relação da díade mãe e filho, quando ocorre sintonia afetiva, que se nutre o senso de eu em evolução. Na interação com o outro, o eu encontra mecanismos internos para simbolizar e se comunicar pela comunicação não-verbal e verbal. Ao se relacionar com o outro, o bebê elabora e integra seus estados internos, na busca por sua identidade.

Sendo assim, visto que crianças portadoras do TEA apresentam dificuldades de apego, com dificuldades expressas nas relações sociais e afetivas, chegando até mesmo a serem inaptas a estabelecer condutas de apego, mostra-se singular trabalhar com essas crianças a partir da relação de apego. Talvez um ponto de partida seria entender a individualidade do eu relacional, para posteriormente compreender em que fase do eu emergente a criança se fixou, e com estratégias terapêuticas remodelar essa estrutura fixada, para que a criança se perceba em uma relação de apego segura e se sinta preparada para a busca de si mesma.

Vale ressaltar que, atualmente, a maioria dos atendimentos clínicos para o TEA são efetuados a partir de modelos comportamentais de intervenção. Entre eles estão os modelos ABA (Applied Behavior Analysis), ESDM (Modelo Denver de Intervenção Precoce), TEACCH (Treatment and Education of Autistic Communication Handicapped Children) e PECS (Picture Exchange Communication System). O modelo ABA busca contribuir para o aumento de repertório social e diminuição de comportamentos negativos. O método Denver de Intervenção Precoce busca a construção de interação social e fortalecimento de vínculos de afeto em criança de 12 meses a 5 anos. O TEACCH utiliza técnicas visuais para ensinar comportamento, auxilia na comunicação e ensina habilidades. A metodologia PECS trata-se de um sistema de comunicação por trocas de figuras, a fim de fortalecer a relação interpessoal.

De outro modo, temos o método DIR FLOORTIME (Developmental Individual Difference) que segue os comandos da criança e estimula a iniciativa e o comportamento intencional. Também trazemos a intervenção psicanalista que a partir de Lacan entende o autismo como uma quarta estrutura e o trabalha como exclusão do campo do significante. A psicanálise define o autismo pela falta de responder simbolicamente à injunção fálica (Jerusalinky, 2011, p. 28). Sendo assim, busca a intervenção pela subjetividade e afetividade.

Ainda que os textos trouxessem termos referentes ao autismo e psicologia analítica, pouco se falou de como se entende o autismo pela perspectiva da psicologia analítica, além do modelo proposto por Fordham. Os textos traziam visões do desenvolvimento da identidade e das defesas do Self, mas não afirmavam ou amarravam as ideias ao surgimento do transtorno autista na mente emergente.

Destaca-se ainda uma atenção especial a respeito da ausência das contribuições de Erich Neumann (1905-1960) entre os artigos selecionados. Mesmo tendo contribuindo

significativamente a respeito da origem da consciência nos artigos selecionados, Neumann não é citado como fonte de referência. Essa lacuna, talvez, possa ser explicada pelo fato de Neumann não ter pesquisado o desenvolvimento da consciência a partir da clínica infantil, pois suas pesquisas estavam alicerçadas mediante a observação de seus filhos e do diálogo com colegas analistas de crianças.

Sendo assim, com base na pesquisa do capítulo 1 que integra esse trabalho, salienta-se a importância de estudar o desenvolvimento da mente a partir da teoria pós-junguiana de Michael Fordham e Erich Neumann. De outro modo, o capítulo 2 busca contribuir por meio da psicodinâmica junguiana acerca dos processos do desenvolvimento da mente emergente da criança autista.

Igualmente cabe ressaltar que o conceito da mente emergente em neurociências merece uma explicação e um desenvolvimento posterior.

### 3.5 CONCLUSÃO

Mediante ao mapeamento, percebeu-se que a teoria desenvolvimentista de Michael Fordham acabou sendo seguida pela maioria dos psicólogos junguianos sem muitos questionamentos e, aparentemente, poucos se dedicaram a compreender o desenvolvimento da consciência em crianças portadoras do autismo. Isso se reflete na baixa produção e divulgação acadêmica sobre o assunto. Dentre os 106 artigos levantados nesta pesquisa, 22 foram selecionados e apenas 9 foram compatíveis para inclusão de análise.

Vale destacar, que em uma pesquisa inicial, a maioria dos trabalhos acadêmicos estava voltado para a correlação autismo e Análise do Comportamento e autismo e Psicanálise. Nessa pesquisa empregando as palavras autism AND “behavior analysis” foram buscados 443 documentos, já para autism AND psychoanalysis resultaram em 78 artigos. Entretanto, para autism AND “analytical psychology” foi identificado apenas 1 artigos. Na base de dados Scopus a procura por Autism AND psychoanalysis resultaram em 493 artigos. E a busca por autism AND “behavior analysis” abarcaram 820 artigos. Em compensação a busca por autism AND “analytical psychology” sucederam 6 documentos.

Visto isso, essa revisão assinala a escassez de produção científica sobre TEA em psicologia Analítica. Bem como, justifica a necessidade de elaborar pesquisas e trabalhos fundamentados nessa linha teórica, que auxiliem os profissionais na intervenção e no manejo de modelos de terapias que trabalhem tal tema.

## REFERÊNCIAS

- American Psychiatric Association (APA). (2002). Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM IV. Porto Alegre: ArtMed 4º ed.
- American Psychiatric Association (APA). (2014). Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM V. Porto Alegre: ArtMed, 5º. Ed.
- Astor, J. (1995). *Michael Fordham: Innovations in Analytical Psychology* (Makers of Modern Psychotherapy). London and New York: Routledge. eBook Kindle,
- Astor, J. (1996) *A tribute to Michael Fordham*. Journal of Child Psychotherapy, Londres, vol. 22, n 1, p. 5-25.
- Bisagni, F. (2009) *The sound-hand*. Journal of Child Psychotherapy, Londres, Routledge. vol. 35, n 3, p. 229-249.  
<https://doi.org.ez22.periodicos.capes.gov.br/10.1080/00754170903233210>
- Bisagni, F.(2010). *Out of nothingness: rhythm and the making of words*, Journal of Analytical Psychology, vol. 55, p. 254–272.
- Botelho L.L.R., Cunha C.C.A., Macedo M. (2011). *The integrative review method in organizational studies*. Gestão e Sociedade.
- Brasil (a). Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Pragmáticas Estratégicas. F. Comunicação e Educação em Saúde. Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro Autista (TEA). Brasília-DF, 2013.
- Bunster, J. (1996). *Defences of the Self and autistic states of mind*. Journal of Child Psychotherapy. Londres, vol. 22, n 1, p. 82-91.  
<https://doi.org.ez22.periodicos.capes.gov.br/10.1080/00754179608254934>
- Di Bartolo, I. (2016). *El apego: Cómo nuestros vínculos nos hacen quienes somos*. Buenos Aires, Lugar editorial.
- Fordham, M. (1976). *The Self and Autism*. Londres: Willian Heinemann Medical Books Ltda.
- Jerusalinsky, A. (2011) *O autismo como exclusão do campo do significante*. Associação Psicanalítica de Curitiba Autismo: Intervenção, clínica e pesquisa. Curitiba, Editora Afiliada, vol. 22.
- Jung, C. G. (2016). *Psicogênese das doenças mentais*. OC III. Rio de Janeiro, Vozes.
- Jung, C. G. (1983). *A Vida Simbólica*. OC XVIII/1. Rio de Janeiro: Vozes.
- Jung, C. G. (2000). *Os Arquétipos e o Inconsciente coletivo*. OC IX/1. Rio de Janeiro: Vozes.
- Kawai, T. (2009) *Union and separation in the therapy of pervasive developmental disorders and ADHD*. Journal of Analytical Psychology, Londres, vol.54, n 5, p. 659-675  
<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1468-5922.2009.01812.x>

- McDowell, M.J. (2004) *Autism, early narcissistic injury and Self-organization: a role for the image of the mother's eyes?*. Journal of Analytical Psychology, Londres, vol.49, n4, p. 495-519 <https://sci-hub.se/10.1111/j.0021-8774.2004.00481.x>
- Neumann, E. (1995b). História da origem da consciência. São Paulo: Cultrix.
- Prevalencia del autismo levemente más alta según informe de la Red ADDM de los CDC. Disponível em: <https://translate.google.com.br/translate?hl=ptPT&sl=en&u=https://www.cdc.gov/&prev=search>
- Prevalencia del autismo levemente más alta según informe de la Red ADDM de los CDC. Recuperado em: <https://translate.google.com.br/translate?hl=ptPT&sl=en&u=https://www.cdc.gov/&prev=search> Acesso em 13/09/2018.
- Schore, N. A. (2014) The Development of the Unconscious Mind. Nova Yorque – Londres, W.W. Norton & Company.
- Schore, N. A. (2013). *Regulation theory and the early assessment of attachment and autistic spectrum disorders: A response to Voran's clinical case*. Journal of Infant, Child, and Adolescent Psychotherapy, Londres, Routledge. vol12, p 164-189. <https://sci-hub.se/10.1080/15289168.2013.822741>
- Stern, D. (1992). *O mundo interpessoal do bebê*. Porto Alegre: Artes médicas.
- Urban, E. (1992). *The Primary Self and Related Concepts in Jung, Klein, and Isaacs*. Journal of Analytical Psychology, Londres, vol 37, p. 411- 432. <https://doi-org.ez22.periodicos.capes.gov.br/10.1111/j.1465-5922.1992.00411>
- Urban, E. (2008). *The 'Self' in analytical psychology: The function of the 'central archetype' within Fhordham's model*. Journal of Analytical Psychology, Londres, vol. 53, ed. 3, p. 329-350. <https://doi-org.ez22.periodicos.capes.gov.br/10.1111/j.1468-5922.2008.00730.x>

#### 4. CAPÍTULO 2 - A IMPORTÂNCIA DOS ESTUDOS DA PSICOLOGIA ANALÍTICA CLÁSSICA DO DESENVOLVIMENTO PARA O TEA

O mapeamento da revisão textual evidenciou que o TEA é estudado e pesquisado a partir das teorias de Michael Fordham e das neurociências. Todos os textos traziam as concepções de Fordham a respeito do desenvolvimento infantil e do autismo. O uso exponencial de Fordham, se deve ao fato que Fordham foi o único da escola desenvolvimentista clássica a falar sobre o autismo. Salientamos ainda a ausência de Erich Neumann (1905-1960), um importante estudioso da criança na psicologia analítica. Por compreender que tanto Fordham como Neumann são relevantes para a análise do desenvolvimento infantil, observamos a necessidade de elencar as teorias desses dois autores. Do mesmo modo, trouxemos a autora brasileira Ceres Alves de Araújo que realiza contribuições significativas sobre o autismo em correlação com a psicologia analítica. Ceres se fundamenta principalmente em Fordham, e também Neumann para compor suas ideias e pesquisas.

Erich Neumann (1905-1960) vai entender o desenvolvimento da criança a partir da relação primal e os movimentos de separação do Eu dessa estrutura arquetípica, pois segundo ele a estruturação arquetípica contextualiza em certos estágios típicos o desenvolvimento da personalidade (Santos, 2021, p. 63). Neumann postula que a estrutura arquetípica é análoga evolutiva ao processo de diferenciação da consciência humana, na medida em que também na ontogênese “esses estágios do desenvolvimento se organizam numa sequência ordenada e determinam assim todo o desenvolvimento psíquico” (Neumann, 1995, p. 17 apud Santos, 2021, p. 41). Já Michael Fordham (1905-1965) a partir de seus estudos práticos com crianças, baseado nas ideias de Jung sobre a psicologia adulta, vai observar e estabelecer que há a presença do Self no indivíduo desde a infância (Santos, 2021, p. 81). Self esse que Fordham cunhou pelo termo de Self primal.

##### Erich Neumann

Erich Neumann (1905 –1960) nasceu em Berlim. Escreveu a *Origens e história da consciência* e *A Criança* (obra inacabada). Neumann demonstrou seus estudos sobre a criança a partir de sua obra “A origem da consciência”. Essa obra dividida em duas partes trouxe tanto a filogênese como ontogênese humana. Para Neumann, tanto na psicologia como na biologia a ontogênese recapitula a filogênese, ou seja, as fases de desenvolvimento do indivíduo repetem as da humanidade, as quais são representadas pelos mitos. A própria relação da criança com sua

mãe pode ser entendida como um paralelo da relação do mundo com o matriarcado e com o patriarcado.

Buscando dar continuidade a seus estudos sobre a infância, Neumann escreveu seu livro “A criança”, mas devido sua morte em 1960, o livro foi editado por sua esposa e analista junguiana Julie Neumann (Santos, 2021, p.62). Diferente de Fordham, para propor suas ideias, Neumann, não realizou análises infantis, mas desenvolveu sua teoria sobre crianças por inferências da sua experiência clínica com adultos.

Neumann, reafirma a posição de Jung de a formação do ego estar atrelada ao arquétipo central, de ser a partir do inconsciente que surge a consciência. Nas palavras de Neumann (1995b, p. 193) “[...] o inconsciente se apresenta ao ego ou que este constela a partir daquele”. Sua teoria além de descrever o nascimento da personalidade através de uma abordagem arquetípica, evidencia que o desenvolvimento é evolucionista. Baseado na explicação que para Neumann a formação do ego individual se dá através das mesmas imagens primordiais que foram utilizados pela psique coletiva, e o ego se transforma e evolui a cada passagem por essas imagens. (Neumann, 1995a, p. 14). Assim, a consciência para se desenvolver precisa percorrer estágios arquetípicos, e ao passar por esses estágios ela se amplia e relativiza as experiências.

Neumann (1995a, p.10) conclui que para o ser humano atingir uma maturidade física e social, além da fase intrauterina seria necessários 12 meses de gestação extrauterina. Considerando assim, que o primeiro ano de vida seria ainda uma fase embrionária. Para ele, ao nascer a criança relaciona-se primeiramente com a mãe, e através desse vínculo materno o bebê é inserido no mundo e passa a se relacionar com este. Desde a vida intrauterina e posteriormente na fase extrauterina, a criança se encontra física e psiquicamente integrada ao corpo da mãe. Com o nascimento ocorre uma ruptura, mas ainda perdura uma relação parcial entre mãe e filho. Para compor como ocorre o desenvolvimento da vida intrauterina e extrauterina, Erich Neumann vai desenvolver as ideias de fase urobórica, matriarcado e patriarcado. A saber a fase urobórica, o bebê está fusionado com a mãe, na fase do matriarcado a consciência infantil está dependente da consciência materna e a fase do patriarcado ocorre a emancipação da consciência do inconsciente e se desenvolve a capacidade simbólica. Essas fases serão descritas passo-a-passo no capítulo seguinte.

Michael Fordham

Michael Fordham (1905-1995), analista da escola desenvolvimentista clássica inglesa, apoiado em seu trabalho clínico com crianças, vai fazer contribuições relevantes acerca do

desenvolvimento da personalidade infantil. Propondo uma abordagem integrativa entre a psicologia analítica e a escola Kleiniana, conectou os arquétipos; importância do símbolo para o desenvolvimento da vida pessoal e cultural; a urgência para o conhecimento e vida espiritual; a implacabilidade do inconsciente; as duas mães : nutridora e terrível; a batalha com e o triunfo sobre a mãe; a unicidade simbólica; coniunctio: possibilidade de relação entre dois egos; participação mística; projeção de Jung com as fantasias inconscientes; símbolos com base para o desenvolvimento da mente; instinto epistemológico: novo medo de aprender; posição esquizo-paranóide; seio bom e seio mau; defesa maníaca; o seio – pênis; cena primal: repete a cena primeira com a mãe; identificação projetiva; posição depressiva de Melanie Klein para compor sua teoria do desenvolvimento (Vicente, s.d., p.01).

Fordham vai ao encontro das concepções de Jung do Self como princípio organizador e totalizante da psique. Com base nisso, vai cunhar o termo Self primário original. E vai observar que a criança vai se reconhecer através dos objetos do Self<sup>6</sup> ou Self objetos. Para Fordham (1966, p.89) o Self primal é responsável pela identidade pessoal, formação do ego e dos arquétipos inconscientes. O Self primal é uma totalidade primária, que tem a necessidade de passar pelo processo de deintegração e integração. “o Self originário, que é uma totalidade primária, necessita deintegrar-se..., subdividir-se, transformando-se em núcleos egóicos que serão reunidos em um único ego mediante a ação integrativa do Self (Vicente, s.d., p.01

Segundo Fordham esse processo do Self é o objetivo da primeira metade da vida enquanto que a segunda metade da vida requer o abandono do primado do ego a favor do Self. Desta maneira Fordham contribui para a criação de uma análise verdadeiramente infantil superando o dito de Jung para quem em caso de psicopatologia da criança, os pais deveriam ser tratados em primeiro plano e ela só em segundo plano (Vicente, s.d., p.01).

Fordham vai falar sobre o autismo em seu artigo Notas sobre a psicoterapia do autismo infantil (1966) e seu livro o autismo e o Self (1976). Para Fordham o autismo significa “... que um bebê ou criança parece ser autossuficiente e não desenvolveu uma relação de "dar e receber" com seu ambiente”<sup>7</sup> (Fordham, 1966, p. 299, Tradução nossa).

Fordham (1966, p. 299) divide o autismo em primário e secundário. O autismo primário define as crianças que nunca desenvolvem relações sociais, que não falam, que mostraram

---

6 Objetos do Self: estímulos que vão ao encontro das necessidades do Self e que são integrados como “seu” (Fordham, 1966, p. 89)

7 “that an infant or toddler appears to be self-sufficient and has not developed a "give and take" relationship with its environment” (Fordham, 1966, p.299)

complacência motora e não têm um mundo interior evidente (Fordham, 1966, p. 299). Essas crianças vão deixando de se relacionar e estabelecer relações com o ambiente e evidenciam pouco interesse pela fala, alguns chegam a nem mesmo se comunicar pelo meio da linguagem verbal (Fordham, 1966, p. 299). No autismo secundário as crianças se desenvolvem o suficiente para falar ou começam a falar e realizam outros desenvolvimentos, mas se tornam patológicas após o nascimento de um irmão ou outra situação estressante (Fordham, 1966, p. 299). Porém, no autismo secundário há um déficit no relacionamento da criança com o meio ambiente, nesse caso a fala está presente e também os maneirismos ou fantasia organizada que podem ocupar a maior parte ou a totalidade da vida da criança, com possibilidade de presença das ansiedades persecutórias, delírios e alucinações (Fordham, 1964<sup>a</sup> apud Fordham 1966, p. 299).

De acordo com Fordham (1966, p.300) no autismo ocorre uma regressão do Self primário, pois:

“...um integrado que no crescimento saudável se deintegra para produzir uma relação simbiótica entre o bebê e sua mãe. Uma vez que a integração persiste, nenhuma distinção pode se desenvolver na criança entre o ambiente, o ego e o mundo interno, porque essas três entidades não são distinguidas, mas permanecem um só eu. Segue-se que a ideia de uma barreira impenetrável em torno de um mundo interior...” (Fordham, 1966, p. 300, tradução nossa)<sup>8</sup>

Essa regressão do Self pode ser explicada frente a três possibilidades: a comunicação mãe e bebê se tornou impossível, a integração persistiu o suficiente para a mãe falhe em sua função materna, mesmo essa mãe sendo boa, e/ou a mãe deixa de fornecer um ambiente bom e seguro para o desenvolvimento do bebê (Fordham, p. 300). Essas possibilidades vão se tornar o pilar do entendimento autístico para Fordham. Mais tarde Fordham (1976) vai ratificar que o autismo é um distúrbio do Self, com falhas no processo de deintegração do Self.

A deintegração é um encadeamento de perturbações e organizações, deintegração e integração. A função de deintegração permite que o Self “de-integra-se” ou divide-se espontaneamente em partes, essas partes são acionadas pelos estímulos externos, depois se reintegram as experiências por meio do sono, da reflexão ou de outra forma de digestão mental a fim de se desenvolver e crescer (Fordham, 1976). Porém, na criança autista o processo

---

<sup>8</sup> “...an integrate which in healthy growth deintegrates to produce a symbiotic relation between the infant and his mother. Since the integrate persists no distinction can develop in the child between environment, ego and internal world because these three entities are not distinguished but remain one whole self. It follows that the idea of an impenetrable barrier round an inner world, as Anthony (1958) and others postulate, is contradicted and cannot be applied to primary though it is relevant to secondary autism in which sufficient ego has formed for the barrier to have come into being...” (Fordham, 1966, p. 300)

deintegração e integração ocorre de maneira atípica, sua ligação com o Si-Mesmo se dá de forma parcial e ele não faz a ponte entre os objetos internos e externos com totalidade. Como as experiências não se reintegram, não trazem novo repertório para o Si-mesmo, impedindo que o ego se estruture.

Os conceitos desenvolvidos por Frodham tal quais Self primário, deintegração, integração, objetos do Self serão aprofundados no capítulo seguinte.

Ceres Alves de Araújo

A analista junguiana Ceres Alves de Araújo ao trabalhar com o autismo articula as teorias do desenvolvimento com base em Erich Neumann (1095-1960) e Michael Fordham (1905-1995), com ênfase em Fordham. Sendo esse o único autor clássico do desenvolvimento em psicologia analítica que escreveu sobre o autismo (Araújo, Ceres A., 2022).

A analista possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1970), mestrado em Psicologia (Psicologia Clínica) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1986) e doutorado em Distúrbios da Comunicação Humana (Fonoaudiologia) pela Universidade Federal de São Paulo (1992). Atualmente é professora associada da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, consultora externa do Conselho Federal de Psicologia e professora da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. É membro da Academia Paulista de Psicologia, ocupando a cadeira 39. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia do Desenvolvimento Humano, atuando principalmente nos seguintes temas: criança, autismo, psicodiagnóstico e resiliência. (Araújo, 2013)

A autora do livro “O Processo de Individuação no Autismo” e autora e organizadora do livro “Transtornos do espectro do autismo” e “Autismo Infantil: Novas tendências e perspectiva nos quais contribui com muitas informações teóricas/clínicas em geral sobre o autismo e, traz contribuições dos autores Neumann e Fordham no que tange ao desenvolvimento infantil, da estruturação do ego a partir de sua emergência da totalidade da psique, o Self.

Para Ceres o autismo em uma abordagem analítica acontece mediante uma falha no processo de deintegração do Self (Araújo, Schwartzman, 2011, p.199), assim, seguindo uma estruturação atípica da consciência, o desenvolvimento da consciência não ocorre de forma adequada. Nessa falha parece não se constelar a vivência do arquétipo da grande mãe, mas como o desenvolvimento da personalidade é arquetípica, a criança vai usar a função do arquétipo patriarcal para realizar a estruturação da consciência (Araújo, Schwartzman, 2011, p.199).

Conforme salienta Araújo (2000, p. 62 e 63), a falha na estruturação da consciência matriarcal não se dá pela falta da maternagem ou por uma mãe que não ofereceu afeto, amor, atenção e não supriu as necessidades do bebê, a falha é deflagrada pelo processo constitucional do infante e impossibilita a constelação do arquétipo materno.

Como percebido no comportamento do autista a estruturação da consciência sob o princípio do arquétipo matriarcal não acontece. Se o ego não passa pela estruturação da consciência matriarcal como então ele se estrutura? Segundo Araújo (2000, p. 64) o ego usa outro padrão arquetípico para se estruturar de forma atípica e parcial, é a partir do arquétipo patriarcal (arquétipo do pai), que é da ordem do racional, que a consciência se expande e o ego se diferencia. E a partir da expansão da consciência pelo arquétipo patriarcal que a criança reaprende a se entender como indivíduo, que se percebe em si e percebe o outro. Assim, sob a égide patriarcal a criança busca sua identidade.

Partindo desse princípio, Ceres entende o autismo como uma entidade clínica, de complexidade extrema que exige intervenção multidisciplinar visando a questão diagnóstica, educacional e social (Araújo, Schwartzman, 2011, p.198).

O Transtorno do Espectro Autista é uma síndrome que, embora seja relatada desde tempos antigos, na contemporaneidade recebe um olhar mais minucioso e ganha espaço nos debates acerca do desenvolvimento infantil. Dessa forma, igualmente é estudada pela Psicologia Analítica. Para entender o autismo sob o olhar analítico buscou-se analisar as principais teorias do desenvolvimento embasadas em dois grandes nomes da psicologia clássica do desenvolvimento, Erich Neumann (1905-1960) e Michael Fordham (1905-1995), bem como em estabelecer conexão entre esses dois desenvolvimentistas clássicos e estudos atuais do desenvolvimento da psicologia analítica. Para tanto, formulou-se um artigo a seguir para compreender o desenvolvimento da consciência e o TEA mediante a psicologia analítica.

## 5. CAPÍTULO 3 - DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA E O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA SOB A LUZ DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Consciousness development and autism spectrum disorder under the light of analytical psychology

### RESUMO

A Síndrome do Espectro Autista tem sido um dos temas mais importantes na questão do desenvolvimento infantil das últimas décadas, certamente ganha cada vez mais atenção por parte de estudiosos, sendo assim, é certamente estudada pela Psicologia Analítica. Para entender o autismo sob o olhar analítico é necessário analisar as principais teorias do desenvolvimento embasadas em dois grandes nomes, Erich Neumann (1905-1960) e Michael Fordham (1905-1995). Neumann teoriza sobre o nascimento da consciência a partir de estágios organizados pelos padrões arquetípicos maternos e paternos, e sobre o estabelecimento de um eixo ego-self. Fordham vai elencar o desenvolvimento a partir de um modelo conceitual das estruturas psíquicas ego, arquétipo e Self, com ações de deintegração e integração do Self. Igualmente esse capítulo busca ilustrar aspectos do desenvolvimento autista em Fordham e estudiosos da psicologia analítica que seguiram a linha desenvolvimentista a partir de Fordham, a partir de agora denominados pós-Fordham.

Palavra-chaves: Erich Neumann; Michael Fordham; Transtorno Autista; psicologia analítica do desenvolvimento.

### ABSTRACT

The Autistic Spectrum Syndrome has been one of the most important topics in the issue of child development in recent decades, it certainly gains more and more attention from scholars, therefore, it is certainly studied by Analytical Psychology. To understand autism from an analytical perspective, it is necessary to analyze the main theories of development based on two great names, Erich Neumann (1905-1960) and Michael Fordham (1905-1995). Neumann theorizes about the birth of consciousness from gains organized by maternal and paternal archetypal patterns, and about the establishment of an ego-self axis. Fordham will list the development from a conceptual model of the psychic structures ego, archetype and Self, with actions of deintegration and integration of the Self. This chapter also seeks to illustrate aspects

of autistic development in Fordham and scholars of analytical psychology who followed the developmental line from Fordham, from now on called post-Fordham.

Keywords: Erich Neumann; Michael Fordham; Autistic Disorder; developmental analytical psychology.

## 5.1 INTRODUÇÃO

Ao analisar que o TEA é um transtorno do desenvolvimento e que nesse transtorno ocorre a incapacidade do desenvolvimento das etapas da consciência, é necessário compreender como se processa o desenvolvimento da consciência frente à perspectiva da psicologia analítica.

A psicologia analítica tem suas principais teorias acerca do desenvolvimento da consciência embasadas em dois grandes nomes, Erich Neumann (1905-1960) e Michael Fordham (1905-1995). Assim, elegeu-se os dois autores pós-junguianos para melhor compreender o desenvolvimento da mente emergente. Bem como, utilizou-se dos conceitos de Fordham para entender o autismo, visto que é um dos expoentes no estudo do TEA em psicologia analítica. Da mesma forma, elegeu-se ideias da analista junguiana Ceres de Alves de Araújo, a fim de relacionar conceitos da teoria analítica ao TEA, pois ela publicou estudos na língua portuguesa sobre este tema.

Para entendermos o desenvolvimento da consciência segundo a psicologia analítica, precisamos entender que para Jung a psique compõe-se de complexos e arquétipos em um amálgama de experiências subjetivas e coletivas, arquetípicas. O complexo egóico é visto como o centro do campo da consciência, enquanto o Self, o arquétipo central, constitui-se como a totalidade, organizador e centro da totalidade psíquica. Sendo para Jung o arquétipo o primeiro conteúdo da psique, esses conteúdos primários estão ligados aos instintos e operam como representação mental dos instintos; tanto arquétipo quanto instintos se formam de conteúdos universal e impessoal. Portanto, para Jung o arquétipo é o autorretrato do instinto. Além disso, a consciência se forma gradualmente a partir deste estado de inconsciência, em relações que passam a existir entre o ego e o inconsciente, entre o eu e o arquétipo da totalidade.

Para Jung, o Self da criança se desenvolve através de assimilação de processos dinâmicos, inconsciente e consciente, da mãe. E através dos mecanismos de projeção, introjeção e identificação as imagens arquetípicas se expandem. De acordo com Astor (1995, p.27), sob o olhar de Jung, as imagens não são herdadas, mas ocorre predisposição herdada para gerá-las. Ainda segundo a teoria junguiana, a imagem arquetípica possui um caráter bipolar, na qual a energia psíquica viaja entre os polos (Astor, 1995, p.27). Para Jung essa energia somente irá se

integrar na segunda metade da vida, quando o sujeito já possui um ego forte e organizado, sendo a partir da meia vida que ocorre a individuação. Assim, Jung não demonstrou interesse significativo na importância do Self na infância (Astor, 1995, p.31).

#### 5.1.1 Erich Neumann: e as fases de desenvolvimento da consciência

Antes de Erich Neumann, a Psicologia Analítica não ofertava atenção especial à criança, pois o tratamento infantil era direcionado para os pais. Foi Neumann, ao estudar o desenvolvimento da mente, que trouxe luz sobre o processo evolutivo da consciência infantil dentro da perspectiva da Psicologia Analítica (Astor, 2001).

Ao estudar a criança, Neumann lançou um olhar sobre o nascimento da consciência a partir de estágios organizados pelos padrões arquetípicos maternos e paternos, e acerca do estabelecimento de um eixo ego-Self. Neumann (1995b, p. 193) reafirmou a posição de Jung de que a formação do ego está atrelada ao arquétipo central, sendo a partir do inconsciente que surge a consciência. E para que a consciência se desenvolva precisa percorrer estágios arquetípicos, e ao passar por esses estágios ela se amplia e relativiza as experiências (Neumann, 1995a, p. 14).

Neumann (1995a, p.10), ao buscar compreender a origem da consciência, concluiu que para o ser humano atingir uma maturidade física e social, além ser gestado na fase intrauterina, seriam necessários 12 meses de gestação extrauterina. Considerando, assim, que o primeiro ano de vida seria ainda uma fase embrionária. Segundo ele, desde a vida intrauterina e posteriormente na fase extrauterina, a criança se encontra física e psiquicamente integrada ao corpo da mãe, pois o bebê se vincula inicialmente com a mãe e através desse vínculo é que vai ser inserido no mundo. Com o nascimento ocorre uma ruptura, mas ainda perdura uma relação parcial entre mãe e filho, a qual ele denominou de relação primal. Para Neumann:

“Com o nascimento do corpo, a ligação da criança com sua mãe em parte é rompida, mas a importância da segunda fase embrionária específica do homem é precisamente o fato de, após o nascimento, a criança permanecer parcialmente retida na relação embrionária primal com a mãe”. (Neumann, 1995a, 12)

Desse modo, logo ao nascer a criança não se percebe como um ser distinto de sua mãe, seu inconsciente está intimamente ligado ao inconsciente da mãe. Nessa fase pré-egoica da relação primal, cunhada por Neumann como uroboros (a serpente que morde a própria

cauda), não existem opostos da realidade psíquica e há ausência de tensão entre os opostos, já que a regulação total do organismo da criança se encontra mantida pelo Self materno.

Na uroboros não existe para a criança a discriminação entre mundo interno e mundo externo, entre o eu e o outro. Para a criança a mãe é a seu mundo e o Self, nesta etapa a criança se encontra submersa no mundo inconsciente da mãe. A criança não possui nem um ego estável nem uma imagem corporal delimitada, apenas uma realidade unitária. Acontece nessa fusão a *Participation Mystique*, quando a criança experimenta o mundo a partir do inconsciente da mãe. Em decorrência da relação primal com a “grande mãe amorosa” e na fusão da mãe e filho é que o ego se expande e atinge o amadurecimento ideal.

No decorrer da fase urobórica, quando o ego começa a se desenvolver, no processo de diferenciação sujeito-objeto, no reconhecimento da unidade eu e tu, na separação interno e externo, irrompe a fase matriarcal. Nessa fase ocorre reconhecimento da mãe pessoal e igualmente se estabelece a noção de um corpo específico separado da mãe. Para Neumann (1995a, p.19), é a partir da fase matriarcal regida pelo arquétipo da mãe que se realiza o desenvolvimento natural da criança.

Neumann não expandiu estudos acerca do autismo, em seu livro “A criança”, de 1973, fala que o termo autismo não se aplica à fase urobórica, pois o autismo, que denota a ausência do objeto e do outro, não é possível de ocorrer nesta fase em que o outro não ainda não se estabeleceu:

“O termo autismo, significando um estado no qual o objeto encontra-se totalmente ausente, só é inteligível numa perspectiva que suponha a relação sujeito-objeto do ego adulto. Deixa de ser um termo correto uma vez que tenhamos compreendido a realidade unitária primária da relação primal embrionária pré e pós-natal. Na fase pós-uterina da existência na realidade unitária, a criança vive numa participation mystique total, num fluido-mãe psíquico, no qual tudo se encontra ainda em suspensão, dele não se tendo ainda cristalizado os pares de opostos, ego e Self, sujeito e objeto, indivíduo e mundo”. (Neumann, 1995 a, p.15)

Segundo Neumann (1995a, p.11), é na relação primal, forma plena de se relacionar, que se forma o ego, é nos primeiros meses de vida que ao se desenvolver o ego, o núcleo do ego se expande e possibilita um ego infantil moderadamente estruturado. O Self representado pela relação primal, ao longo do desenvolvimento, deve ser deslocado gradativamente para o interior da criança, para que aos poucos o ego se torne independente e capacitado para o confronto com o mundo interior e o "tu", atingindo uma totalidade individual. Dado que, é apoiada em um ego fixado que se desenvolve a consciência. Mediante a um Eixo Ego-Self saudável é que o ego infantil se desenvolve para um ego adulto.

Na fase embrionária extrauterina, primeira infância, o Self da criança é o próprio Self da mãe e as experiências negativas e positivas estão inteiramente ligadas a experiência do corpo infantil, dando origem ao Self Corporal. Conforme o ego da criança se desenvolve também se estabelece para a criança a noção de um corpo específico separado da mãe (Neumann, 1995a, p.13). O papel da mãe é de fundamental importância nessa etapa, pois ele é o responsável pelo início do desenvolvimento do ego integral. Nesse ínterim, a criança se torna cada vez mais independente, reconhecendo-se como centro da consciência.

No processo do desenvolvimento infantil a autonomia psíquica se encarrega de fornecer mecanismos para uma evolução adequada do ego, self e “tu” interno e externo. Porém no decurso do desenvolvimento egóico, pode acontecer da relação primal não se efetivar de maneira positiva e sim de maneira negativa; chamamos esse fato de relação primal negativa. Nessa relação a criança é alimentada por experiências psíquicas negativas, e o ego marcado por insegurança e desamparo se torna ferido. Nesse contexto o ego não evolui em suas bases naturais, sua estrutura fica comprometida e é levado à independência de forma prematura, enfraquecida e agressiva. Sem um amadurecimento adequado o ego integral não tem condições de se prevenir do ego destrutivo e a ação compensatória é impossibilitada. Com prejuízos da relação primal, o ego ferido, geralmente, não permite que haja a integração natural da personalidade, os conteúdos do inconsciente invadem a consciência, fazendo com que o ego se torne uma estrutura rígida e carregada de mecanismos de defesa (Neumann, 1995a, p. 50-68). Com a “falha” na estruturação do ego, o desenvolvimento do eu e do “tu” também ficam prejudicados.

No decorrer do término da fase matriarcal e em transposição a ela, impellido por forças da centroversão, o período patriarcal vai ganhando forma e se estabelecendo (Neumann, 1995 a, p.143). Com o surgimento da autoconsciência e a independência em relação à “mãe amorosa”, a criança passa a reconhecer e ordenar sua identidade, assim se instaura a fase patriarcal (Neumann, 1995a, p. 143-144). Na transposição dos estágios, o *uroboros* que antes continha a síntese dos opostos, polariza-se, fazendo a separação de interno e externo. Mesmo na etapa urobórica, na qual a figura da mãe é dominante, as figuras masculinas existem, porém, indiferenciadas. Somente quando o arquétipo patriarcal em oposição ao arquétipo materno assume o controle que de fato a tensão da síntese dos opostos se constela. Isso de maneira nenhuma seria saudável, caso ocorresse na fase matriarcal, na qual a criança ainda não adquiriu um ego estabilizado.

Na fase patriarcal o Self é ordenado a partir da cultura e da época histórica, vivenciado como experiência do social. As necessidades do ego não são mais impostas sob a

natureza do que a psique solicita, mas sim sob o que o coletivo requer (Neumann, 1995a, p.157). Nessa condição ocorre uma *participation mystique* da criança com o grupo no qual está imersa, onde a criança como indivíduo fica submetida ao Self grupal.

A etapa patriarcal é observada por Neumann como um segundo nascimento, pois é nessa fase que o indivíduo renasce como um membro do grupo social. Assim, sustentado por um pleno desenvolvimento, arquetipicamente ordenados, o ego e a consciência assistidos pelo "inconsciente" adquirem relativa autonomia e ultrapassam as barreiras do desenvolvimento do ego infantil para atingir característica de um ego adulto (Neumann, 1995a, p. 135-138).

Um acréscimo a Neumann, criado pelo analista junguiano Carlos Byington (1933-2019), foi a inclusão do arquétipo da alteridade. Quando a polarização do arquétipo patriarcal se instala, e ocorre a diferenciação interno e externo, surge em concomitância a essa etapa o arquétipo da Alteridade, que visa integrar a tensão da síntese dos opostos, a relação Eu/Outro e formar novas considerações a respeito de um conceito. Segundo Byington (2006, p. 12), o arquétipo da Alteridade é visto como o arquétipo da democracia, pois além de a consciência se tornar diferenciada ela busca compreender o outro.

### 5.1.2 Michael Fordham: desdobramento do Self e desenvolvimento do ego

Segundo Fordham, apoiado nas ideias de Jung de totalidade arquetípica, desenvolve o conceito de que o Self se encontra presente desde o início da vida e é o organizador da psique. Seu modelo conceitual de desenvolvimento infantil utilizou-se das estruturas psíquicas ego, arquétipo e Self. Para Fordham (2006, p. 81), o feto já experimenta algum tipo rudimentar de consciência, ao nascer o bebê experimenta a vida através de pulsões arquetípicas padronizadas e somente mais tarde que o ego ganha forma, organiza-se e se estabelece. A partir de uma sequência de perturbações e organizações, deintegração e integração, o Self divide-se espontaneamente em partes que são acionadas pelos estímulos externos, depois se reintegram às experiências por meio do sono, da reflexão ou de outra forma de digestão mental, a fim de se desenvolver e crescer. As experiências ao se reintegrar no Si-mesmo trazem novos repertórios e modificam sua estrutura, com resultantes modificações na estrutura e repertório do Si-mesmo. Assim o ego aos poucos se estrutura em processo de individuação. A partir dessas observações, Fordham postulou que o Self é um sistema dinâmico que se deintegra e se reintegra em uma sequência ritmada, esse movimento que organiza a diferenciação do Self e faz a distinção entre o mundo externo e interno, entre o Eu e o não-Eu (Fordham, 1976, p.12).

Caso essa sequência não aconteça, a elaboração simbólica estará comprometida. E com o comprometimento da simbolização haverá certamente um déficit afetivo e social.

Para falar sobre o desenvolvimento da consciência, Fordham (2006, p. 84) descreve como o arquétipo se comporta nessa fase da maturação egóica. Os arquétipos enquanto conteúdos inatos se atualizam no bebê pelas experiências que ele assimila do ambiente no qual está inserido e pela qualidade dos cuidados ofertados a ele através da maternagem. O bebê diante do crescimento do ego com a deintegração e integração desenvolve a imagem corporal e através dela percebe o que é seu e o que é do outro. Conforme o estabelecimento do ego evolui, o bebê inicia a percepção de si próprio e inicia a construção de sua identidade (Fordham, 2006, p. 92).

Com a ocorrência das pulsões e dos estímulos surgem as primeiras representações da vida mental e as experiências instintuais, que mais tarde caracterizam as imagens arquetípicas. Através da relação com o meio ambiente e com o cuidador se formam no bebê representações internas a partir das diferentes capacidades operativas do cuidador, que ao se relacionar com bebê oferta aspectos bilaterais de si, sendo ao mesmo tempo bom e mau. Essa dualidade do cuidador é assimilada pelo bebê que também passa a ter sentimentos ambivalentes em relação a ele. Há uma busca psíquica de encontrar um modo de organizar as percepções da criança, quer do Si-Mesmo ou de seus cuidadores e de outras condições relacionadas através de estímulos bons ou maus. Ao se relacionar instintivamente com o cuidador, a criança precisa primeiramente elaborar suas experiências inatas com ele, para depois integrar seus estados mentais (Fordham, 2006, p. 104 a 106).

Mais tarde, na psicologia pós-Fordham, essa relação com o cuidador vai ser compreendida como a condição fundamental do desenvolvimento da emergência de um mundo interno (consciência) que pode representar e conter as suas demandas, impulsos, fantasia, afetos, pensamentos imagens e outros conteúdos internos. Sendo denominado por teóricos como de mente emergente.

A teoria da mente emergente é um conceito recente das neurociências, importante no estudo do cérebro e da consciência atualmente. Nesse conceito a mente é uma propriedade emergente dos processos fisiológicos e qualitativos que emergem das operações dos organismos, das ações e das relações entre cérebro, corpo próprio e ambiente. Sendo um sistema que ocorre entre as partes, sujeito e objeto, de forma que a interação seja capaz de produzir a auto-organização. Esse conceito se mostrou útil para Bisagni que ratificou que:

(...) a mente é concebida como emergindo dos processos neurais subjacentes no corpo, com um conjunto de propriedades consideradas mais do que aquilo que poderia ser obtido por redução, mas menos do que uma separação total ou

dualidade. Os processos emergentes geralmente operam de forma otimizada no limite da ordem e do caos, e são vistos como o locus para o surgimento da vida psíquica” (Bisagni, 2009, p. 247, “tradução nossa”).<sup>9</sup>

Sendo assim, a mente emergente ao ser desenvolvida pelo meio relacional gera a auto-organização, que se mostra possível por nascer entre o diálogo do Eu e do objeto. Para compreender essa dinâmica, precisa-se entender que é necessário haver uma relação objetal, na qual o objeto internalizado reflete em memórias implícitas e posteriormente em esquemas internos que darão vez a novas experiências. Segundo Bisagni (2009, p. 248), a adaptação dos esquemas internos em relação às novas experiências, do Eu e do mundo, são a base para a organização psicológica. No entanto, se a criança não é capaz de internalizar os objetos externos, há uma carência na relação objetal e, conseqüentemente, na manifestação da mente emergente.

Para Fordham, quando o bebê não consegue realizar a deintegração e integração de forma adequada, quando não é capaz de acionar os estímulos externos que operam mediante o mundo interno e externo do bebê, quando o Self primário não oferta desenvolvimento para o ego, então ocorrem os distúrbios do autismo (Fordham, 1976, p.78). Assim, o Self também ganha destaque para justificar possível falha de desenvolvimento (Fordham, 1976, p.79).

### 5.1.3 Considerações atuais sobre o autismo na psicologia analítica

O autismo, por ser uma síndrome atípica que impede o pleno desenvolvimento das fases de estruturação da consciência humana, gera alterações no sujeito desde bebê, pois desde o nascimento a criança parece já não demonstrar uma relação com o outro, e, por vezes, não reagem frente à maternagem humana. Para Araújo (2011, p. 233), “parece ocorrer uma agenesia no plano psicológico, pois não se observa a vivência psicológica da humanização do arquétipo da Grande Mãe”.

A criança autista, em geral, não expressa seus estados emocionais, e se não há estados emocionais visíveis, a fantasia em relação ao outro é escassa. O estágio de fusão/simbiose com a mãe fica comprometido e com isso a separação desta se compromete. A princípio, a integração da identidade é também comprometida no indivíduo autista. O bebê autista realiza o processo

---

(...) the mind is conceived as emerging from the underlying neural processes in the body, with a set of properties considered more than what could be obtained by reduction, but less than a total separation or duality. Emerging processes generally operate optimally at the limit of order and chaos, and are seen as the locus for the emergence of psychic life” (Bisagni, 2009, p. 247).

deintegração e integração de maneira atípica, sua ligação com o Si-Mesmo se dá de forma parcial e ele não faz a ponte entre os objetos internos e externos com totalidade.

Conforme Araújo (2000, p. 45), os indivíduos autistas, desde muito cedo, apresentam inabilidade para compreender a subjetividade de outro indivíduo. Há na criança autista uma dificuldade de interpretar o que acontece na mente do outro em seus estados afetivos e por isso ocorre prejuízo na capacidade de interação e na intersubjetividade. Essas crianças, ao apresentarem um déficit na capacidade de inferir uma leitura de si e de outras mentes, inviabilizam o processo chamado de “teoria da mente”. Frequentemente, os bebês autistas não reagem frente às manifestações de conforto e apego, sua preferência, em geral, é por estarem sozinhos e isolados. Segundo Araújo (2000, p. 57), os bebês autistas expressam pouco ou nenhum interesse pela interação. No entanto, a falta de interação impede que essas crianças possam evoluir sua comunicação para a esfera da intersubjetividade.

A linguagem, do mesmo modo, fica prejudicada pela incapacidade do desenvolvimento afetivo, bem como a propriedade da falta de imaginar. Percebe-se diante da pobreza de imaginação e da fantasia a inadequação no simbolizar. O déficit no desenvolvimento simbólico é descrito, para Araújo (2000, p.38), da seguinte forma: “[...] podem estar relacionados ao fracasso no aprender a partir das interações sociais, uma vez que o uso do símbolo se adquire primariamente como uma função da relação com o outro [...]”. Quando não é verificada a intenção de interação com o outro, a falta de comunicação verbal e não verbal, as trocas subjetivas, entende-se igualmente que não ocorra o desejo pelo outro. Conforme Araújo (2000, p. 60), quando não se tem o desejo pelo outro, não há espaço para falta, e sem ela não acontece a fantasia, pois é através da falta que se fantasia a interação com o outro.

As imagens são consideradas símbolos e um facilitador da relação do inconsciente com a consciência pela simbolização. O processo de simbolizar está ligado à função transcendente, e esta pressupõe uma consciência pré-estabelecida em que as imagens são representadas, e na qual o sujeito tem capacidade de autorreflexão (Kawai, 2009, p.662). Para Jung, a função transcendente “resulta da união dos conteúdos *consciente* e *inconsciente*” (Jung, OC VIII/2, §131), nessa confrontação de opostos surge esse terceiro elemento. A simbolização está ligada ao ego e a função transcendente ao arquétipo. Para haver simbolismo é necessário haver representação do Self, pois as experiências obtidas no desenvolvimento precisam atingir uma imagem ou um simbolismo (Fordham, 1976, p. 13). Para Kawai (2009), não há nível simbólico ou metafórico em uma criança autista, um determinado objeto não pode simbolizar outra coisa.

Esse não envolvimento com as outras pessoas é fator determinante para a forma atípica que as crianças autistas desenvolvem suas relações sociais. Para Araújo (2000, p. 61), a falta do desejo do outro, a apatia pelo afeto e a não necessidade de se relacionar afetivamente ao outro no autismo está ligado a uma atrofia da estruturação matriarcal da consciência, como a estruturação da consciência não se desenvolve dentro das formas típicas, via de regra dificulta o desenvolvimento. Sem a vivência psicológica da humanização do arquétipo da Grande Mãe as experiências de estar ligado com o outro não são representadas (Araújo, 2000, p. 62).

Como percebido no comportamento do autista, a estruturação da consciência sob o princípio do arquétipo matriarcal não acontece, mas de acordo com Araújo (2011, p. 233), a expansão do ego usa outro padrão arquetípico para se estruturar de forma atípica e parcial; é a partir do arquétipo patriarcal - que é da ordem do racional - que a consciência se expande, o ego se diferencia e assim a criança reaprende a se entender como indivíduo, percebe-se em si e percebe o outro. Assim, sob a égide patriarcal a criança busca sua identidade.

Araújo (2000, p. 65) fala que a psique da criança autista se adapta para simbolizar sob uma via de logos, e encontra no arquétipo patriarcal as funções estruturantes sob a ordem da lógica; não sendo capaz de simbolizar através do pensamento mágico se ajusta para substituir a função sensação pelo pensamento lógico. Durante o funcionamento do arquétipo patriarcal, a criança autista, já na segunda infância, e na adolescência, começa a relacionar suas partes e a imbuir uma noção de corpo, o que mais tarde leva à ampliação da imagem de si mesmo e se torna base para sua identidade (Araújo, 2011, p. 233).

## 5.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bunster (1996) enfatiza em seus escritos que o autismo está correlacionado com as defesas do Self. O próprio Fordham ressaltou que o conceito de Self tem conexão com o autismo. Para tanto, precisamos entender que o Self na Psicologia analítica é:

(...) considerado uma totalidade psíquica de processos conscientes, pré-conscientes e inconscientes. O ego é a parte do Self que se tornou consciente, e foi descrito sucintamente não como o centro dominante do Self, mas como seu executivo facilitador” (Carvalho, 1987; Davies, 1995, apud Bunster, 1996 “tradução nossa”).<sup>10</sup>

---

10 ...is thought of as a psychic totality of conscious, pre-conscious and unconscious processes. The ego is that part of the Self which has become conscious, and it has been succinctly described as not the dominant centre of the Self but is facilitating executive (Carvalho, 1987; Davies, 1995, apud Bunster, 1996).

Bunster (1996) argumenta que Fordham incluiu o conceito de Eu original, com seu potencial arquetípico e herdado. E segundo Bunster (1996), para que esse potencial se expanda, ocorre um movimento de mão-dupla entre mãe e bebê, no qual o bebê é inicialmente integrado e depois separado da sua mãe, para depois se relacionar novamente com ela pela deintegração, digerindo e absorvendo a experiência pela integração. Esse movimento de deintegração e integração, relacionado aos instintos, influencia o desenvolvimento e maturação do ego (Bunster, 1996). No entanto, para isso ocorrer é desejável que se constele o arquétipo de Mãe, boa e má, para que essa dualidade seja reconhecida e confrontada pelo bebê, pois:

As raízes desta tensão estão baseadas na vida instintiva de o bebê e, se a sustentação dessa tensão for, por qualquer razão, opressor demais para o bebê ou a mãe, especialmente por causa de um período de tempo acumulado, o processo deintegrativo / reintegrativo do eu original pode ficar distorcido ou, em casos extremos, cessar completamente (Bunster, 1996, tradução nossa).<sup>11</sup>

Se a criança engloba tanto a mãe boa quanto a mãe má, gerando assim uma dualidade aterrorizante, o ego é enfraquecido e torna-se estático, desintegrado, formando uma defesa rígida, criando mecanismos de defesas primitivas (Bunster, 1996).

Os mecanismos primitivos ou defesas do Self podem levar o sujeito ao autismo ou a estados mentais autistas, há uma desordem do Self, na qual pouco ou nenhuma deintegração ocorreu (Fordham, 1976). Bunster (1996) salienta que o desenvolvimento do ego se realiza através da deintegração, é em direção ao outro separado e diante da recepção do outro que a personalidade se amplia, se nesse processo não ocorre a percepção de um objeto não-eu, irrompe uma falha na integração ou possivelmente o “autismo”. Nesse sistema a deintegração ocorre em direção a um objeto e o objeto se torna objeto do Self, esse objeto não é vivenciado como um processo recíproco e vivo, por isso deve ser controlado e se tornar neutro (Bunster, 1996).

Se não existe a consciência do outro, não ocorre auto-representação. Para ocorrer a auto-representação, a criança necessariamente deve integrar os sentidos e adquirir imagem corporal e senso de identidade (Fordham, 1976, p. 14). Através de trocas afetivas a imagem corporal vai surgindo e na relação com o primeiro outro (a mãe), ao ser tocada, acariciada, alimentada e cuidada a criança adquire um senso de eu. Quando surge o senso de eu - a

---

<sup>11</sup> The roots of this tension are grounded in the instinctual life of the infant and, if the holding of this tension is, for whatever reason, too overwhelming for either infant or mother, particularly over a sustained period of time, the deintegrative/reintegrative process from the original Self may become distorted or in extreme cases cease altogether (Bunster, 1996).

consciência de si - ocorre o reconhecimento de interno e externo, no entanto, essa distinção só pode acontecer se a criança possuir um ego forte o suficiente para realizar essa diferenciação (Fordham, 1976, p. 14-81). Visto que uma das características fundamentais do autismo é a dificuldade de lidar com o externo, muitos estudiosos acreditavam que a doença era um recuo da criança para um mundo interior. Em diversos escritos, Fordham vai salientar que a criança autista percebe os objetos externos, mas eles não têm significado ou não são do interesse dela. Existe uma obediência passiva em relação aos objetos:

[...]que se refere à forma como respondem à intervenção de um adulto. Se estão ocupados em alguma atividade e querem fazer outra coisa, só é necessário levar a mão da criança - ela então fará o que o adulto deseja passivamente, plasticamente, sem qualquer protesto ou qualquer indicação quanto aos seus próprios desejos. Da mesma forma, quando ela pretende usar parte de uma pessoa ou um objeto para seu propósito, caso esse objeto não se encaixe com seu esquema de atividades, ela simplesmente desiste (Fordham, 1976, p.84, “tradução nossa”).<sup>12</sup>

Fordham, ao analisar desenhos infantis, descobriu que as crianças desenhavam círculos e correlacionou esses desenhos com o símbolo da mandala de Jung. Para ele, o círculo como matriz do Self, do qual o ego surgiu, expressava um sentimento de “Eu” e realizava uma função protetora tanto como recipiente como contra perigos intrapsíquicos (Astor, 1996, p.13). Essa função protetora tem por objetivo estabelecer uma fronteira entre o “eu” e o outro, e protege a mente infantil de ataques advindos do interior da psique. Sendo assim, Fordham defendeu a teoria de que as imagens arquetípicas do Self levam ao desenvolvimento do ego, e o ego necessita de uma fronteira para fazer a diferenciação entre consciência e inconsciente.

Os estudiosos que pesquisavam as psicoses acreditavam que as crianças psicóticas possuíam um mundo interior, e que esse mundo era protegido contra invasões. Porém, Fordham assumiu uma posição diferente, para ele se as psicoses eram uma desordem do Self, não seria possível que o próprio Self não estaria deixando de se relacionar com o mundo e assim impedindo o crescimento do ego pela deintegração? Com essa hipótese, Fordham levantou a questão de que o Self, por medo da desintegração do ego, criava uma proteção aos objetos do Self, aniquilando qualquer coisa que não fosse objetos do Self (Astor, 1996, p.19). Assim, para Fordham, crianças portadoras de autismo não realizam um recuo para o mundo interior, mas

---

<sup>12</sup> which refers to the way in which they respond to intervention by an adult. If they are occupied in some activity and are wanted to do something else, it is only necessary to take the child's and—he will then do what the adult wants passively, plastically, without any protest or any indication as to his own wishes. In a similar way, when he aims to use part of a person or an object for his own purpose, should that object not fit in with his scheme of activities, he simply desists (Fordham, 1976, p.84).

apresentam dificuldades de lidar com objetos externos, elas fazem uma defesa contra tudo que vá de encontro aos objetos do Self. No autismo, o objeto externo, em geral, serve apenas para cumprir com as necessidades da criança, ao manipular o objeto, parece haver uma carência de significado afetivo (Fordham, 1976, p. 83).

Ao se trabalhar com a premissa de que no autismo a característica básica é o objeto do Self, não se quer dizer que não exista uma organização do ego. Há um ego operante, o problema é que não há um desenvolvimento suficiente da representação simbólica do ego, a simbolização não está integrada ao Self como todo (Fordham, 1976, p. 84). A hierarquia do desenvolvimento se torna desorganizada, deslocada e dividida, essa desordem do Self gera uma desordem da imagem corporal com atos dissociados de comportamentos repetitivos e compulsivos (Fordham 1976, p.85). O corpo é experimentado como sendo à parte, sendo um objeto separado do senso de identidade, são objetos não integrados, não unificados em si.

### 5.3 CONCLUSÃO

Para a Psicologia desenvolvimentista de Michael Fordham, a mente se estabelece a partir de processos padronizados arquetípicos, por meio da disposição do arquétipo central, como princípio da totalidade. Porém, na mente da criança autista, a estruturação da consciência se organiza de maneira atípica. No TEA parece ocorrer alterações no processo de deintegração. Nos estudos da analista Ceres de Araújo, apoiada nas teorias de Fordham e Neumann, além da falha dos processos de deintegração, o arquétipo da Grande Mãe não se constela, impossibilitando a humanização da maternagem e, conseqüentemente, a filiação. No entanto, como o desenvolvimento da consciência está sob a ordenação do Self, como princípio da totalidade, a estruturação, de forma parcial e atípica, de modo substitutivo, fica submetida pela constelação do arquétipo patriarcal.

Diante de alterações no processo de deintegração, onde a criança não consegue dar e receber estímulos do ambiente, na incapacidade de viver o dinamismo matriarcal que resulta na vivencia de afeto, aconchego, carinho, cuidado e continência, no impedimento da experiencias de estar ligado ao outro, se instala o autismo (Araújo; Schuwartzman,2011, p.193)

Dessa forma, as crianças autistas apresentam desde muito cedo déficits na afetividade e sociabilidade. Em uma sequência de falhas desde a vida intrauterina, o bebê atípico apresenta alterações significativas ao longo de todo o processo de desenvolvimento. Ao passar pelo impedimento da filiação, a maternagem, falha da afetividade, dificuldade de interação, impossibilidade da intersubjetividade, falta de aquisição da Teoria da Mente, distúrbio da

comunicação, déficit da representação simbólica entre outros, o desenvolvimento atípico fomenta prejuízos importantes de cognição, interação social e comunicação.

Se consideramos o TEA uma causa clínica, podemos pensar em intervenção psicológica baseada em um modelo multidisciplinar que permita abertura para novas possibilidades e hipóteses, pois, ao que tudo indica, nenhuma teoria isolada pode conter todas as elucidações acerca dessa síndrome. Precisamos pensar em modelos terapêuticos que proporcionem maior eficácia para o tratamento, visando auxiliar na assistência e manejo que esse quadro necessita. A capacidade da expansão da consciência e estruturação do ego é imprescindível para o indivíduo atribuir estados mentais a si e a outros, dessa forma o sujeito amplia e enriquece a vida psíquica.

## REFERÊNCIAS

- Araújo, C. A. (2000). *O processo de individuação no autismo*. São Paulo: Memnon.
- Araújo, C. A.; Schwartzman, J.S. (org) (2011). *Transtorno do Espectro Autista*. São Paulo: Memnon.
- Astor, J. (1995). *Michael Fordham: Innovations in Analytical Psychology* (Makers of Modern Psychotherapy). London and New York: Routledge - eBook Kindle.
- Astor, J. (1996). *A tribute to Michael Fordham*. Journal of Child Psychotherapy, Londres, vol. 22, n 1, 5-25. <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00754179608254928?journalCode=rjcp20>
- Bisagni, F. (2009). *The sound-hand*. Journal of Child Psychotherapy, Londres, Routledge. vol. 35, n 3. <https://doi.org.ez22.periodicos.capes.gov.br/10.1080/00754170903233210>
- Bunster, J. (1996). *Defences of the Self and autistic states of mind*. Journal of Child Psychotherapy. Londres, vol. 22, n 1, 82-91. <https://doi.org.ez22.periodicos.capes.gov.br/10.1080/00754179608254934>
- Byigton, C. (2006). *A interação Arquetípica Matriarcal e Patriarcal na Psiquiatria: Um estudo da Psicopatologia Simbólica*. [http://www.carlosbyington.com.br/site/wpcontent/themes/drcarlosbyington/PDF/pt/a\\_psicopatologia\\_de\\_dominancia\\_matriarcal\\_ilustrado\\_nise\\_da\\_silveira.pdf](http://www.carlosbyington.com.br/site/wpcontent/themes/drcarlosbyington/PDF/pt/a_psicopatologia_de_dominancia_matriarcal_ilustrado_nise_da_silveira.pdf)
- Fordham, M. (1976). *The Self and Autism*. Londres: Willian Heinemann Medical Books Ltda.
- Jung, C. G. (2013). *A natureza da psique*. In Obras completas de C. G. Jung (Vol. 8/2). Petrópolis-RJ.
- Kawai, T. (2009). *Union and separation in the therapy of pervasive developmental disorders and ADHD*. Journal of Analytical Psychology, Londres, vol.54, n 5, 659-675. <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1468-5922.2009.01812.x>
- Neumann, E. (1995a). *A criança: Estrutura e Dinâmica da Personalidade em Desenvolvimento Início de sua Formação*. São Paulo: Cultrix.
- Neumann, E. (1995b) *História da origem da consciência*. São Paulo: Cultrix.
- Urban, E. (2008). The ‘Self’ in analytical psychology: The function of the ‘central archetype’ within Fhordham’s model. Journal of Analytical Psychology, Londres, vol. 53, ed. 3, p. 329-350. <https://doi-org.ez22.periodicos.capes.gov.br/10.1111/j.1468-5922.2008.00730.x>

## 6. CAPÍTULO 4 - MENTE EMERGENTE NA PERSPECTIVA DAS NEUROCIÊNCIAS

Com o entrelaçamento da prática da psicologia analítica conectada à teoria do apego moderno, igualmente chamada de teoria moderna do apego, teoria da afetividade, neurobiologia do desenvolvimento emocional e neurobiologia interpessoal do apego, evidenciado pelos autores McDowell (2004), Bisagni (2009-2010) elencados no mapeamento, bem como pela discussão Astor (1996) Bunster (1996), Kawai (2009), McDowell (2004), Sidole (2000) e Urban (1992) de que o relacionamento positivo com a mãe contribui para desenvolvimento saudável da consciência, optou-se por estender a pesquisa para campo das neurociências.

Para tal estudo, buscamos aprofundar e abranger o conceito de mente emergente perante a abordagem das neurociências, para posteriormente utilizar o conceito da teoria da regulação emocional na prática clínica justaposta à psicologia analítica. As reflexões sobre a formação da consciência foram embasadas nas concepções de Allan N. Schore.

Baseado no pressuposto que crianças portadoras do TEA apresentam dificuldades de estabelecimento de vínculos, que se expressa em déficit nas relações sociais e afetivas, chegando até mesmo a serem inaptos a estabelecer condutas de apego, se mostra singular trabalhar com essas crianças a partir de vínculos, especialmente os fundamentais como os realizados por cuidadores primários. Esse processo de vinculação com cuidadores primários é estudado e analisado na teoria do apego iniciada por Jhon bowlby (1907-1990), e está presente tanto nas ideias de Stern (1985 e 1992) como em termos psicanalíticos, nas neurociências e igualmente nos estudos da psicologia analítica. Frente a isso, ficou evidente a importância das relações afetivas no surgimento do si mesmo e do outro. A relação do apego se mostrou teoria indispensável para formar a subjetividade e conseqüentemente a intersubjetividade para a estruturação mental.

Desse modo, estudar o desenvolvimento do eu emergente a luz da psicologia profunda do inconsciente, das relações emocionais e do apego, parece um esforço considerável, visto que essa abordagem oferta um lugar de sujeito ao indivíduo. Assim sendo, é possível inferir que o arquétipo como gerador da personalidade necessita do vínculo para se desenvolver. Seja esse vínculo através da imagem dos olhos ou de atos físicos e psicológicos, pois é nas relações interacionais que o senso de eu se confirma.

Considerando a interdisciplinaridade ou multidisciplinariedade no tratamento e compreensão do autismo evidenciado no mapeamento dos autores em psicologia analítica, se coloca a necessidade do diálogo entre a psicologia analítica e demais teorias, especialmente teorias que trabalham a partir dos vínculos e das relações para a compreensão do autismo.

Tudo isto, se mostra relevante por meio da teoria e estudos de Daniel Stern (1934-2012). Daniel Stern, psiquiatra e psicanalista, com uma formação também em bioquímica e história da arte, dedicou sua vida ao estudo e pesquisa sobre o desenvolvimento infantil. Seu principal livro “O mundo interpessoal do bebê”, propiciou consideráveis estudos acerca do da relação mãe e bebê, bem como sobre o desenvolvimento socioemocional do ser humano. Em suas pesquisas e práticas acerca do desenvolvimento, Stern trabalhou baseado na psicologia do desenvolvimento e na psicoterapia psicodinâmica, em especial a teoria do apego, para compreender o desenvolvimento subjetivo do bebê (Stern, 1992, p. 11).

Posto isto, dentre as várias disciplinas que tratam do desenvolvimento humano tais como etiologia, psicodinâmica, biologia e neurociências, destacamos a neurociências que aborda o afeto, as emoções e o comportamento. Para melhor compreender o desenvolvimento da mente fundamentado nas neurociências, por integrar neurociências com psicologia do desenvolvimento e teoria do apego, optou-se em trazer as contribuições da neurobiologia interpessoal do desenvolvimento humano, sendo um dos expoentes o neurocientista americano Allan N. Schore.

Allan N. Schore é um psicólogo e pesquisador americano no campo da neuropsicológico. Estudioso das áreas de neurociência afetiva, neuropsiquiatria, teoria do trauma, psicologia do desenvolvimento, teoria do apego, pediatria, saúde mental infantil, psicanálise, psicoterapia e biologia comportamental e se utilizando da neurobiologia, neuroquímica do desenvolvimento, neurologia comportamental, biologia evolutiva, psicologia do desenvolvimento, psicanálise do desenvolvimento e psiquiatria infantil, Schore (2014/2015) vai postular que o amadurecimento cerebral neurobiológico, social e emocional da criança vai se desenvolver mediante a um grande número de processos do neurodesenvolvimento.

A partir de uma sequência neuroquímica e da anatomia neural pós-natal, em contato com as interações do ambiente externo, aqui representadas com as interações com a mãe<sup>13</sup>, através dos centros regulatórios afetivos do hemisfério direito do córtex orbifrontal, centro de controle da regulação, mediação do afeto, relações sociais e equilíbrio emocional vai se desenvolvendo a humanidade do bebê (Schore, 2015). Embasado nisso, Schore (2015) vai

---

<sup>13</sup> Nesse trabalho utilizaremos o substantivo mãe como função de cuidador principal. A figura do adulto responsável por entrar no mundo interior da criança e participar do processo de relacionamento emocional do infante.

buscar compreender como um cérebro genético em contato com as interações do meio pode transformar um cérebro imaturo em um cérebro desenvolvido.

Segundo Schore (2015), a herança genética auxilia o desenvolvimento da criança desde seu nascimento, entretanto ela serve apenas como parte da potencialidade do desenvolvimento. Além dos sistemas genéticos que contribuem para a evolução biológica e psicológica no decorrer da infância, o fator do meio ambiente pós-natal igualmente cumpre seu papel significativo para a maturação cerebral (Schore, 2015, p.03).

A interação da díade mãe e bebê vai moldar permanentemente as futuras capacidades relacionais da criança, permitindo, dessa maneira, a formação do eu e a personalidade única da criança. Para Schore (2015, p.04), a primeira relação com o meio, a relação com a mãe, é fundamental para o desenvolvimento do bebê, dado que a mãe atua como agente regulador do comportamento da criança, visto que os estados internos do bebê são diretamente regulados pela mãe.

A maturação estrutural cerebral na infância oferece o desenvolvimento ontogenético dos sistemas funcionais autorregulatórios mais complexos. Assim, a relação entre estrutura e função cerebral permite um entendimento mais abrangente acerca do desenvolvimento (Schore, 2015, p.10)

No período crítico do desenvolvimento cerebral, que vai do nascimento até aproximadamente 24 meses, a estrutura cerebral se desenvolve diariamente de forma acelerada e continua, sensível e suscetível aos estímulos externos (Schore, 2015, p.10-11). O crescimento rápido da estrutura cerebral é corroborado por estudos que apontam que no nascimento o cérebro infantil pesa aproximadamente 400g, e aos 12 meses chega a aproximadamente 1000g (Schore, 2015, p. 11).

Na fase crítica, o desenvolvimento de axônios, dendritos e conexões sinápticas também são maiores em volume. O aumento da produção sináptica ocorre durante o período de interação da díade mãe e bebê, sugerindo dessa forma que o ambiente - interpessoal e intrapessoal - atua como regulador do desenvolvimento e a relação com a mãe como neuroquímica para o amadurecimento cerebral (Schore, 2015, p. 12-13).

A maturação do córtex pré-frontal do bebê ocorre essencialmente no pós-natal, com a evidência que a maior reorganização estrutural e histoquímica dessa região acontece no período crítico do desenvolvimento, e está relacionada com as interações que o bebê realiza com o mundo externo (Kostovic, 1990, p.233 apud Schore, 2015, p.13).

De acordo com Schore (2015), os neurônios são importantes para a formação da personalidade. Mas ao nascer o bebê é dotado de neurônios imaturos, os dendritos e axônios se

tornam mais desenvolvidos nos primeiros anos de vida, fazendo interligações que são afetadas pelo mundo externo, e, posteriormente, tornam-se permanentes (Wilson, 1985, apud Schore, 2015, 13).

O cérebro infantil se desenvolve por meio de um processo não sequencial de estágios, esses hierarquicamente organizados transversalmente por etapas de maturação neural. A evolução dessas etapas é influenciada por fatores de causas bioquímicas, as quais aceleram o crescimento de áreas específicas do cérebro (Schore, 2015, p.13-15).

No nascimento, as ações bioquímicas no cérebro imaturo mudam de uma produção de energia cerebral anaeróbica para aeróbica, pois no nascimento o cérebro imaturo precisa de pouca energia, mas no decorrer do desenvolvimento o substrato energético<sup>14</sup> aumenta significativamente e continua em progressão por toda a infância, promovendo o crescimento da estrutura e a eficiência da integração da função cerebral (Meier, Nolan, Bunch e Scheidler, 1960 apud Schore, 2015, p. 15).

A transição metabólica, de anaeróbica para aeróbica, vai atuar no ápice do sistema límbico, o qual através de suas estruturas límbicas subcorticais opera no desenvolvimento socioemocional (Schore, 2015, p 15). Esses processos socioemocionais em conexão como sistema límbico serão percorridos posteriormente.

Já vimos que ao nascer o bebê não utiliza 100% de seu potencial genético, esse potencial é amplificado no decurso da interação com o meio ambiente. Percebe-se ao longo do desenvolvimento pós-natal um aumento significativo do DNA cerebral (Howard, 1973, apud Schore, 2015, p. 16). As sequências e quantidade de RNA são influenciadas pelo ambiente e, conseqüentemente, pelas experiências sociais. Para Schore (2014) a interação mãe e bebê promove as conexões e desenvolvimento das sinapses no cérebro do bebê.

Os genes em transição com o meio ambiente promovem funções emergentes no decorrer de todos os estágios do desenvolvimento. O comportamento materno é considerado um evento ambiental, dessa forma a mãe serve como agente regulador oculto dos sistemas endócrino e nervoso do bebê (Hofer, 1984a, 1990 apud Schore, 2015, p. 18), bem como as experiências externas são mediadoras de alterações em uma hierarquia de neuro-hormônios e neurotransmissores (Schore, 2015, p. 18). Sendo assim, as interações da díade mãe e bebê provocam alterações importantes no desenvolvimento cerebral do bebê, principalmente nas estruturas do sistema córtico-límbico que é responsável pela autorregulação da criança. Pelo

---

<sup>14</sup> Fonte de natureza bioquímica fundamental para a produção de energia do cérebro (Schore, 2015, p.15)

meio das relações com a mãe e meio ambiente vão se desenvolvendo as estruturas psíquicas mediante um avanço maturacional do córtex pré-frontal (Schore, 2015, p. 20).

Baseado em sua teoria da regulação, Schore (2014, p. 01-212) vai ratificar que a mente em sua estrutura e função é moldada pelas experiências dadas pelo relacionamento entre o bebê e a mãe. Essa díade relacional leva ao desenvolvimento cerebral infantil em ordem subcortical e cortical desde as fases pré e pós natal da criança (Schore, 1994, 2003 a,b, 2012 apud Schore, 2014, p. 5) e molda o cérebro do bebê (Schore, 2014, p.175). Schore vai acrescentar que a relação diádica socioemocional tem como objetivo realizar as comunicações visual-facial, verbal, tátil-gestual e auditiva prosódica entre cérebros direitos, as quais levam o bebê a aprender a estrutura do outro e a modificar seu comportamento para se encaixar na estrutura do outro (Schore, 2014, p. 12).

Para Schore (2014, p. 01-212), as relações entre cérebro direito inconsciente materno e cérebro direito emergente do bebê vão influenciar e desenvolver as estruturas psíquicas lateralizadas à direita do cérebro infantil, pois o cérebro direito representa o substrato psicobiológico do inconsciente descrito por Freud. Além disso, o cérebro direito, através das comunicações inconscientes, auxilia o desenvolvimento do eu subjetivo. A sincronização lateral direita entre os cérebros, a qual Schore chamou de interação “cérebro direito - cérebro direito”, acaba relacionando a subjetividade de um com a subjetividade do outro, dando espaço para o surgimento da intersubjetividade (Schore, 2014, p. 15).

É a partir do desenvolvimento de estágios inconscientes, que ocorrem mediante o amadurecimento do cérebro direito do bebê, que haverá possibilidade para que o cérebro esquerdo (racional) se desenvolva e dê espaço para o surgimento da consciência. Baseado nesse processo, Schore (2014, p.10-25) vai dizer que a partir do afetamento da relação com a mãe, em um sistema de apego, o cérebro direito emocional, através das trocas afetivas, vai permitir que o cérebro esquerdo se expanda possibilitando que o indivíduo adquira sua personalidade.

Conforme o cérebro emocional do bebê vai se desenvolvendo e integrando suas comunicações visual-facial, verbal, tátil-gestual e auditiva prosódica, igualmente vai surgindo um sentido de eu, subjetivo e emocional. Diante de comunicações implícitas de apego baseadas no corpo, permite que o bebê imprima no cérebro direito modelos de apego seguro que mais tarde vão auxiliá-lo na regulação dos afetos e diante do contexto interpessoal (Schore, 2014, p.40-41).

Segundo Schore (2014, p. 26), enquanto o sistema emocional e não verbal do cérebro direito vai se desenvolvendo, o cérebro esquerdo verbal também vai se formando. Até os 4 anos de idade, o hemisfério direito é o cérebro dominante, no entanto a partir dos 4 anos o cérebro

esquerdo se torna prevalente, pois o hemisfério direito vai oportunizando o surgimento da consciência (Schore, 2014, p 26).

Sendo assim, seguindo a teoria do hemisfério direito, podemos observar que a mente consciente surge de uma mente inconsciente. Mediante ao inconsciente relacional, a mente inconsciente de um se conecta à mente inconsciente do outro, favorecendo as comunicações não verbais intersubjetivas, que são expressas na dinâmica do apego, pois a auto-organização do cérebro em desenvolvimento ocorre no contexto de um relacionamento com outro cérebro (Schore, 2022).

## 7. CAPÍTULO 5 – RELAÇÕES ENTRE TEORIA DA REGULAÇÃO E PSICOLOGIA ANALÍTICA PARA A INTERVENÇÃO CLÍNICA NO AUTISMO

Synthesis between regulation theory and analytical psychology for clinical intervention in autism synthesis between regulation

### RESUMO

Atualmente é notável a busca por novas propostas de intervenção multidisciplinar acerca dos Transtornos do Espectro Autista. Buscando contribuir para a pesquisa e tratamento do TEA, houve uma tentativa de conectar conceitos da psicologia analítica do desenvolvimento no Brasil e no mundo com as concepções da neurobiologia interpessoal do desenvolvimento, das neurociências. Com esse fim, realizamos um diálogo entre modelos psiconeurobiológicos e o sistema relacional da díade mãe e bebê, para analisar como esses mecanismos impactam o desenvolvimento infantil de forma positiva ou negativa. Posteriormente, ao estabelecer uma análise entre as teorias oferecemos implicações para modelos de intervenção clínica.

Palavras-chaves: psicologia analítica; neurobiologia interpessoal do desenvolvimento; Transtorno do Espectro Autista; teoria moderna do apego.

### ABSTRACT

Currently, the search for new proposals for multidisciplinary intervention on Autistic Spectrum Disorders is remarkable. Seeking to contribute to the research and treatment of ASD, there was an attempt to connect concepts from analytical developmental psychology in Brazil and in the world with the conceptions of interpersonal neurobiology of attachment, from the neurosciences. To this end, we carried out a dialogue between psychoneurobiological models and the relational system of the mother and baby dyad, to analyze how these mechanisms impact child development in a positive or negative way. Subsequently, by establishing a synthesis between the theories, we offer implications for clinical intervention models.

Keywords: analytical psychology; interpersonal neurobiology of developmental; Autistic Spectrum Disorder; modern attachment theory.

“As relações humanas são uma escolha da espécie humana inteira. Nós precisamos que alguém no mundo esteja disposto a nos cuidar e nos organizar. Não somente em nossas necessidades fisiológicas, mas principalmente respondendo às necessidades simbólicas e afetivas” (Rios, 2020).

## 7.1 INTRODUÇÃO

A psicologia analítica vem observando a necessidade de mudança nos modelos que trabalham os desdobramentos dos transtornos autísticos. Percebemos com base nos capítulos anteriores que a psicologia analítica buscou compreender os fenômenos autísticos baseados no modelo arquetípico e no modelo de desordem do Self. Vimos também, que atualmente é notável a contribuição das neurociências para compreender os processos do desenvolvimento. Frente ao posicionamento das neurociências e na tentativa de entrelaçar técnicas e ideias das neurociências e psicologia analítica, percebemos a necessidade de trazer as concepções do neurocientista do desenvolvimento de Allan N. Schore, o qual trabalha com a teoria da regulação e suas implicações no desenvolvimento da mente.

A teoria da regulação, de Allan N. Schore é uma teoria moderna do apego, apoiada nas concepções da neurociência e na psicanálise do desenvolvimento, essa teoria modela como o hemisfério direito regula a emoção e processa nosso senso de eu. Através dos mecanismos psiconeurobiológicos as primeiras comunicações de apego rápidas, espontâneas, implícitas, carregadas de emoção impactam e alteram significativamente o desenvolvimento do cérebro direito.

Segundo essa teoria, moderna do apego, o ser humano estrutura o desenvolvimento da consciência através de uma base genética, mas a forma que essa base vai se estruturando, depende das interações e respostas que o meio ambiente oferta e a assimilação dessas experiências que o bebê realiza. Segundo Schore (2014) as comunicações afetivas que ocorrem diante do vínculo mãe e bebê são capazes de expandir os sistemas reguladores do cérebro direito emocional do bebê. Essa expansão permitirá em estágios posteriores da vida do cérebro direito – dominante e não-verbal, holístico, espontâneo e emocional – regule o afeto e lide com o estresse e os desafios, gerando assim a resiliência e o bem-estar emocional (Schore, 1994, 2003a, b, 2012 a apud Schore, 2014).

A teoria moderna do apego está contida em 3 pilares organizadores. O primeiro princípio dita que a estrutura e função da mente são moldadas na relação com o outro, por meio das

experiências sociais, mais especificadamente pelas experiências emocionais. O segundo princípio é o da lateralização do cérebro, pois estudos recentes indicam que o hemisfério direito precede o hemisfério esquerdo durante a infância. O terceiro princípio traz o modelo de processamento das emoções. Tal modelo enfatiza que a díade mãe-bebê regula a estrutura de modo hierárquico do sistema límbico, esse está conectado ao cérebro direito, mais do que no esquerdo (Schore, 2014).

As trocas emocionais que ocorrem mediante a díade emocional, denominada por Bowlby (1969) como apego seguro, vai se tornar base da teoria da regulação desenvolvida por Schore. Ao se relacionar através do apego seguro com a mãe, o bebê em uma comunicação não-verbal de seus estados emocionais a partir de uma regulação relacional do cérebro, mente e corpo vai desenvolver o cérebro – emocional - direito. A teoria da regulação aponta que a relação de apego ocorre entre cérebros, em níveis inconsciente entre cérebro direito materno e cérebro direito da criança. Essas relações que ocorrem na díade, permitem que o cérebro imaturo do bebê se desenvolva a partir de uma auto-organização, gerada através das trocas cerebrais (Schore, 1996, p. 60 apud schore, 2014, p. 34).

Por estar alicerçada em uma perspectiva neurobiológica interpessoal do desenvolvimento, a relação interativa entre cérebros, vai influenciar o modo que o bebê regula suas emoções e cria suas futuras referências pessoais. Visto que, interações entre cérebros direitos ocorrem desde as primeiras interações do desenvolvimento, ela também influenciará as experiências sociais, principalmente aquelas que envolvem os relacionamentos pessoais (Schore, 2014, p. 33).

Para que a maturação do hemisfério direito do bebê ocorra de forma adequada, é necessário que desde seu primeiro ano de vida, o bebê possa contar com cuidados positivos, sintônicos e seguros. Assim, diante de uma relação emocionalmente sintonizada as necessidades do bebê e seus estados internos se desenvolvem de forma segura e positiva (Schore, 2014, p. 34). A relação emocional da díade só se torna possível, porque o apego seguro ocorre a partir de mecanismo inconscientes de comunicação não verbal, visual- facial, tátil, gestual e comunicação auditivo-prosódica em níveis abaixo da consciência. A mãe ao se relacionar com o bebê, estimula seus comportamentos de responsividade e possibilita a regulação dos estados afetivos do bebê através do comportamento que ele oferta ao meio, assim a mãe irá regular, comunicar e devolver ao bebê seus comportamentos internos (Schore, 2014, p. 34-35).

Desde o nascimento mãe e bebê se encontram em uma relação. De acordo com Jacoby, (2010, p. 67) mãe e bebê são programados para estarem em um sistema relacional, onde a partir

da reciprocidade mútua se unem para realizar a interação social. Se a relação mãe e bebê se mantem adequada e sintonizada, o bebê se conecta ao cuidador, automaticamente as experiências são internalizadas de forma segura, criando um sistema emocional seguro. A relação saudável gera estímulos de redes neurais, fazendo que o hemisfério direito do cérebro gere boa interação social e controle das emoções (Sieff, 2019, p.215).

Nem sempre a sintonia se mostra harmônica e positiva, em alguns momentos ela é interrompida e se torna negativa. Diante disso, há uma falha da regulação transitória e a homeostase autônoma fica igualmente prejudicada (Schore, 2014, p. 35). Para que a sintonia da díade seja reestabelecida, a mãe terá que realizar um reparo na interação e promover uma re-sintonização. Dessa forma, o bebê aprende a lidar com a excitação negativa gerada e se torna capaz de desenvolver a habilidade de se auto-regular. No entanto, em casos extremos, onde a mãe é incapaz de oferecer uma relação sintonizada, o vínculo de apego e regulação se tornará desestruturante e disruptivo (Schore, 2014, p. 35-36). Pois, na incapacidade de sintonia entre a díade, a criança não consegue construir modelos mentais inconscientes sobre seu lugar no mundo (Sieff, 2015, p.02), e passam a enxergar o mundo de uma forma hostil.

Para que o cérebro infantil se desenvolva adequadamente, a sintonia tem que transitar entre os polos. Pois, o cérebro direito para se organizar e desenvolver necessita tanto da sintonia positiva quanto da sintonia negativa. Não classificamos a sintonia negativa como a desintonização extrema, a sintonia negativa aqui descrita é aquela desorganização rápida por parte da mãe, mas que logo se reorganiza e instaura a sintonização positiva novamente. Portanto, a sintonia negativa cumpre o papel de agente regulador dos afetos. Nessa relação diática é necessário que a mãe se desorganize, pois a mãe possuidora de um cérebro direito mais organizado que o cérebro direito infantil, frente a desorganização do filho é capaz de se acalmar, e devolver para o bebê uma resposta organizada. Frente a essa resposta e diante da possibilidade de rebaixar o estresse causado pela quebra de sintonia, a criança se reorganiza e facilita que as conexões sinápticas e neurológicas realizem um desenvolvimento cerebral saudável.

O relacionamento mãe e criança geram experiências que moldam a estrutura e função da mente e do o cérebro (Schore, 2022). Diante das interações que a criança vai realizando ao longo de seu desenvolvimento, vai se constituindo modelos internos. Esses modelos vão afetar a maneira que a criança enxerga e explora, futuramente, as novidades e os ambientes físicos. A partir desse modelo interno, a criança, mais tarde irá se relacionar com o outro, de forma positiva ou negativa frente a capacidade de crescimento socioemocional (Sieff, 2019, p.227).

Essas experiências ativam circuitos neurais específicos, e uma vez ativos, pode ser

ativado novamente no futuro. Para (Sieff, 2019, p.224) “ao longo do tempo o núcleo emocional do bebê se torna tendencioso em relação a certas respostas emocionais, criando, assim a organização da personalidade (Sieff, 2019, p. 224).

Para entender como a neurociências compreende o sistema de apego moderno diante de um mecanismo de regulação emocional, Schore (1994,2003,2003b,2012<sup>a</sup> apud 2014, p. 57) vai relacionar como o as experiências do apego emocional afeta o cérebro direito em desenvolvimento e conseqüentemente contribui para que o sujeito em desenvolvimento possa contar com a regulação, bem estar e resiliência emocional, os afetos e as interações durante o decorrer das etapas de desenvolvimento da vida.

A teoria moderna do apego, teoria da regulação, possibilita avaliação precoce da díade mãe e bebê, permitindo a intervenção e prevenção no desenvolvimento infantil. Diante de uma relação de apego seguro e a capacidade do bebê desenvolver sua intersubjetividade a partir do desenvolvimento sadio do hemisfério direito, o bebê é capaz de fazer emergir sua personalidade perante um processo de filiação e conexão social (Schore, 2014, p. 59). O cérebro direito é o cérebro emocional, ele é responsável por processar as emoções e compreender a subjetividade. É o cérebro direito é responsável por permitir que as emoções intensas e negativas sejam suportáveis, a ponto de o indivíduo reagir de forma flexível e se adaptar diante das demandas interpessoais (Sieff, 2019, p.223)

E quando o desenvolvimento do cérebro direito não se realiza de maneira sintonizada e adequada? Segundo Schore (2014, p. 61) frente ao desenvolvimento inadequado do hemisfério direito, pode ocorrer uma falha tanto de um trauma relacional por abuso ou negligência quanto por um apego inseguro, desorientado e desorganizado. Embora Schore (2014, p.57-86) aponte que a falha do cérebro emocional possa ocorrer em diversas frentes, para esse trabalho iremos atentar na agenesia do desenvolvimento mediante a síndrome do espectro autista.

O tratamento do TEA se mostra cada vez mais eficaz por meio de uma avaliação, intervenção e prevenção precoce. Se partirmos da ideia de que na primeira infância o cérebro infantil demonstra uma capacidade significativa de neuroplasticidade, podemos também inferir que realizar o tratamento do autismo pela via do apego seguro, buscando a regulação emocional pode ser uma alternativa para ajustar a falha nesse distúrbio do desenvolvimento. Sabe-se que um dos pilares mais importante do espectro do TEA é o déficit na interação social e na possibilidade do vínculo e apego. Assim, utilizar uma intervenção que visa regular os afetos através do apego seguro, é uma opção para desenvolver o déficit do desenvolvimento social que constela a criança autista. Pois, de acordo com Schore (2014, p.62) a comunicação visual,

facial, auditiva-prosódica e tátil-gestual localizadas no hemisfério direito, permite que o bebê realize dentro de um contexto psicobiológico o vínculo e o apego emocional, isso mediante a relação da díade.

Em estudos de Richters et al (1988, p.512-522, apud Schwartzman, Araújo 2011, p. 184) o autismo em comorbidade com baixo nível de desenvolvimento cognitivo prevê relação com déficits de apego. De acordo com Schwartzman, Araújo (2011, p. 184) ao corroborar estudos acerca de grupos de crianças sobre o apego, os pesquisadores perceberam que o apego inseguro e desorganizado se mostrava maior em crianças com TEA associado a baixa cognitiva, porém o mesmo não ocorre com crianças com TEA que apresentavam bom desenvolvimento intelectual. No entanto, conforme salienta Araújo (2000), o apego da criança autista não ocorre pela necessidade afetiva, mas se dá pela busca de segurança e de referência. Como não se constelou o arquétipo materno, os dinamismos matriarcais de afetividade também se mostram comprometidos. Sem a necessidade de pertencer ao outro, fica inviabilizada as relações eu-outro, eu – mundo (Schwartzman, Araújo 2011, p. 194).

Segundo Schore (1994/1996 apud Schore, 2022) as primeiras experiências de relação social infantil, impactam a capacidade adaptativa essencial da intersubjetividade. Quando a interação relacional é comprometida, a medida a ser tomada é um tratamento com o cérebro direito. Se na fase oportuna criança foi incapacitada de realizar a regulação emocional, o tratamento ideal seria o de retomar o processo de desenvolvimento anteriormente bloqueado. Visto isso, no caso do autismo o tratamento pertinente seria o terapeuta junto a criança, criar um ambiente relacional, mente e corpo, propício de regulação emocional. (Sieff, 2019, p. 245). As falhas dos primeiros relacionamentos do bebê com o mundo estão intrinsecamente ligados a fatores do autismo:

...há uma razão para supor que alguma falha na regulação dos fatores fundamentais para o engajamento com o mundo está relacionada à falta de autorregulação e percepção de si, que está enraizada nas características do transtorno do autismo (Trevarthen,2000). No entanto, a aparência e o desenvolvimento do eu dependerão de como o ambiente humano responde. (itálico adicionado; Alonim,2013, pág. 160 apud voran 2014. traducao nossa)<sup>15</sup>

Se diante da falha da regulação emocional for trabalhado o desenvolvimento do hemisfério direito através da troca de olhar, da escuta da voz, da percepção pela fala dirigida,

---

15 ...there is reason to assume that some failure to regulate key factors for engagement with the world is related to the lack of self-regulation and self-awareness that is rooted in features of the disorder of autism (Trevarthen, 2000). However, the appearance and development of the self will depend on how the human environment responds. (italics added; Alonim,2013, pg. 160 apud voran 2014).

da interação, do toque, dos gestos certamente será trabalhado elementos essenciais para um possível desenvolvimento saudável do cérebro direito, o qual permitirá posteriormente o desenvolvimento das relações sociais (Schore, 2014, p. 36)

Entendendo a importância da relação entre mãe e bebê no início da vida, Alonim (2013, apud Voran 2014) discorre que o TEA, em sua maioria envolve um transtorno do apego nos estágios iniciais da vida. Para Schore (2013, p.178) a partir das pesquisas que apontam que o desenvolvimento inicial do bebê ocorre a partir da sobrevivência socioemocional do hemisfério direito e o surgimento do eu, podemos pensar em modelos de tratamento psicodinâmicos informados pelo apego, juntamente com avaliações e intervenções precoces.

De acordo com o DSM-V o autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades de interação social, comunicação e comportamentos repetitivos e restritos. Então, sendo o TEA um espectro que impossibilita a interação social, comunicação e interfere nos comportamentos repetitivos e restritos, e que estes sintomas se iniciam na maioria dos casos entre os 9 e 12 meses de vida pós natal, cabe trabalhar com intervenções que possibilitam a avaliar e investigar o desenvolvimento infantil durante o desenvolvimento.

Schore (2013, p165) aponta que “o mecanismo primário da ação terapêutica é o terapeuta facilitar a co-construção de um vínculo de apego mais eficiente de comunicação emocional e regulação de afeto interativo dentro da díade”. O conceito psicanalítico de contenção, diz ele, está sendo substituído pelo construto mais complexo de regulação.

Ao estudar e analisar que a criança autista apresenta, em maior ou menor grau, falha em manter o contato visual (visual- facial), falta de interesse pela voz de terceiros (auditivo-prosódico), falha na receptividade do toque e déficits sensoriais (tátil-gestual), pode-se concluir que essa criança progredirá com falhas na comunicação, regulação emocional e interação social. Igualmente podemos completar que esse cérebro direito pode comprometer o surgimento do senso de eu. Já que um bebê com suas comunicações visual-facial, auditivo-prosódico e tátil - gestual do cérebro emocional, regulados e integrados permitem que o Eu se desenvolva de forma que permita o surgimento subjetivo emocional e corporal (Schore, 2014, p. 67).

A teoria da regulação enfatiza que o cérebro autista apresenta anormalidades grosseiras e generalizadas com presença de maior volume cerebral desde o primeiro ano de vida e que no autismo ocorre uma desordem nos processos do circuito neural (Schore, 2014, p. 71). Além disso, o crescimento inadequado do cérebro se manifesta conjuntamente com o período que o bebê está experienciando e se relacionando com o ambiente externo (Yirmiya e Charmam, 2010 apud Schore, 2014, p. 72). Com base nisso, novas pesquisas têm estudado o desenvolvimento

do cérebro autista pelo “sistema límbico”, visto que o sistema límbico se mostra alterado no processamento emocional do autista (Haznedor et al, 1994 apud Schore, 2014, p. 71)

O sistema límbico é responsável pelo controle do comportamento emocional do sistema nervoso e está envolvido diretamente com a natureza afetiva das percepções sensoriais, tendo como principais componentes a amígdala e o hipocampo. O sistema límbico é responsável por processar as informações do ambiente social externo e integrá-las aos estados corporais internos, além disso auxilia o sujeito a reagir mediante a estímulos ambientais.

Sendo o sistema límbico responsável pela relação externa e interna que o meio ambiente produz no cérebro emocional infantil, quando as conexões com o meio ambiente externo e as reações que ele produz no interior do sujeito estão se realizando de forma desajustada ou falha, há a possibilidade de TEA. Nesse caso, viabilizar um tratamento que busque um modelo relacional, que possibilite o bebê interagir com o meio ambiente por um viés socioemocional seria significativo, em função que esse modelo auxiliaria no desenvolvimento sustentável do cérebro direito da criança portadora do espectro.

Estudos realizados entre os anos de 2006-2012 destacaram que crianças que apresentavam a síndrome autista, desde seus 2 anos, já apresentavam alterações no sistema límbico, pois exibiam alterações de aumento de volume das amígdalas. De acordo com as pesquisas, essa anormalidade patológica das amígdalas contribui para o aparecimento de déficits sociais significativos, uma vez que a patologia gera dificuldades de reconhecer as emoções pela aparência facial, bem como modular o comportamento social (Schore, 2014, p 73). Isso ocorre, porque a amígdala é responsável pela função da atenção conjunta, e com o aumento da amígdala transcorre a falha dessa função e conseqüentemente a agenesia ou falha no contato visual.

Ao estudar os efeitos da disfunção das amígdalas, Shumamam e colegas (2009 p. 942-947 apud Schore, 2014, p. 73) verificaram que o aumento do volume da amígdala imprime prejuízos emocionais e sociais, igualmente apuraram que os déficits do contato visual, podem gerar uma reação de medo e pavor na criança autista, em razão de que quando uma criança autista intercepta outro olhar, ela sente-se invadida. Perante o medo e o pavor, a amígdala hiper ou hipo-estimulada cai em estados dissociativos, de desapego e de retraimento social (Schore, 2014, p. 74). Frente a isso, se justifica a observação comportamental de que crianças autistas apresentam comportamentos de evitação do contato visual, estado facial de ausência, agenesia ou falha a estímulos sociais, retraimento e isolamento social.

Schore (2014, p. 74) postula outro componente do sistema límbico para o entendimento do espectro autista. Esse componente que está ligado a amígdala direita, o cíngulo anterior

direito, denominados neurônios Von Economo (VENs), tem papel importante no processo do autismo. Os VENs aumentam potencialmente no desenvolvimento inicial, principalmente sendo mais numerosos no hemisfério direito que no esquerdo, eles auxiliam na especialização das emoções sociais e sustentam o vínculo social (Allman e colegas, 2005 apud Schore, 2014, p. 74). Porém, quando esses neurônios não se desenvolvem de forma ideal, geram disfunções na capacidade de intuir e conseqüentemente deficiências sociais.

Estudos atuais evidenciam que no autismo esses neurônios não se desenvolvem adequadamente, essa anormalidade é de forma parcial responsável por gerar nos indivíduos autista dificuldades em tomar decisões intuitivas (Schore, 2014, p. 75) e também em entender as emoções sociais. Segundo Damásio (2011, p. 209) é imprescindível ter emoções, pois as emoções ativam estruturas cerebrais que engendram os sentimentos corporais e emocionais, ademais as emoções, evidenciam externamente que o sujeito é possuidor de uma consciência.

Os VENs também estão ligados ao processamento de dor. Nos indivíduos autistas percebe-se que mediante a estados de dor, exibem nenhuma dor ou dor exagerada. Segundo Miyazaki et al (2007 apud Schore, 2014, p. 76) crianças autistas demonstram anormalidades sensoriais de hiperestesia ou hipoestesia em relação a dor e ao toque devido a anormalidades no sistema límbico.

O cíngulo anterior direito juntamente com a insula direita auxiliam na integração de estímulos sensoriais externos com os estados internos, gerando uma consciência subjetiva e interocepção (Craig, 2011, apud Schore, 2014, p. 76). Vemos que nas crianças autistas que o cíngulo anterior direito e a insula direita se mostram alteradas, isso acaba por contribuir que autistas evidenciam distúrbios nos processos afetivos, necessidade de rotinas fixas, comportamento repetitivo e restritivo, sensibilidades a estímulos visuais, auditivos e táteis (Uddin, 2013, apud Schore, 2014, p. 76).

Visto isso, verifica-se que o sistema límbico alterado interfere no processamento emocional da criança autista, contribuindo para anormalidades das habilidades sociais e cognitivas. Sendo o hemisfério direito um cérebro capaz de auxiliar na formação da consciência e do conhecimento de si, verificamos a importância de sustentar a organização do desenvolvimento adequado do cérebro direito. Já que segundo Schore, (2014, p. 77) o cérebro direito é responsável pela autoconsciência, autoconhecimento, consciência corporal, teoria da mente, intersubjetividade, processamento emocional e linguagem.

Para Schore:

“Se... uma criança, especialmente uma nascida com uma reatividade neurofisiológica alterada codificada geneticamente, não tem experiências adequadas de fazer parte de um sistema dinâmico aberto com um ser humano adulto emocionalmente responsivo,

sua organização corticolímbica será pouco capaz de lidar com o estresse dinâmica caótica que é inerente a todas as relações humanas. Tal sistema tende a se tornar estático e fechado, e investido em estruturas defensivas para se proteger contra ataques interativos antecipados que potencialmente desencadeiam estados psicobiológicos desorganizadores e emocionalmente dolorosos. Devido a sua evitação de situações novas e diminuição capacidade de lidar com situações desafiadoras, não se expõe a novas experiências de aprendizagem socioemocional que são necessárias para o crescimento contínuo e dependente da experiência do lado direito do cérebro. Essa limitação estrutural, por sua vez, impacta negativamente a trajetória futura da auto-organização” (Schore, 1997, p. 595-596. tradução livre<sup>16</sup>).

## 7.2 APONTAMENTOS DA TEORIA DA REGULAÇÃO E DA PSICOLOGIA ANALÍTICA PARA A PRÁTICA CLÍNICA

Podemos pensar como a moderna teoria do apego – teoria da regulação e a psicologia analítica podem desenvolver modelos e técnicas que possibilitem o tratamento de pessoas portadoras do TEA.

Observamos a partir das reflexões, que tanto para a psicologia analítica como para a neurobiologia interpessoal do desenvolvimento o meio ambiente e a relação como meio interferem no desenvolvimento da consciência do bebê. Além disso, para ambas teorias, há uma incapacidade no bebê autista em estabelecer uma relação de apego adequada. Uniformemente evidenciou-se ainda que para Fordham (2003-06) e Schore (2014-2015) a intervenção psicoterapêutica para as crianças autista incide na regressão da criança com a finalidade de levá-la à origem da falha do desenvolvimento, a fases primitivas do desenvolvimento, e de favorecer reviver de modo mais saudável as situações precoces que desencadearam o transtorno.

Para isto, fundamentado na intersecção das duas teorias, refletimos sobre a necessidade de contar com um analista que utilize um manejo relacional, seguro e sintônico com a criança e qualificado em capacitar a mãe para que essa possa desenvolver uma relação afetiva e de apego seguro, afim de atender de maneira empática as exigências de seu filho.

Para entender o manejo da intervenção é importante entender que o autismo é uma falha no desenvolvimento, e segundo Fodham (1976) no autismo as funções do Si-mesmo não

---

16 "If...an infant, especially one born with a genetically-encoded altered neurophysiologic reactivity, does not have adequate experiences of being part of an open dynamic system with an emotionally responsive adult human, its corticolimbic organization will be poorly capable of coping with the stressful chaotic dynamics that are inherent in all human relationships. Such a system tends to become static and closed, and invested in defensive structures to guard against anticipated interactive assaults that potentially trigger disorganizing and emotionally painful psychobiological states. Due to its avoidance of novel situations and diminished capacity to cope with challenging situations, it does not expose itself to new socioemotional learning experiences that are required for the continuing experience-dependent growth of the right brain. This structural limitation, in turn, negatively impacts the future trajectory of self-organization (Schore, 1997, p. 595-596)"<sup>[2]</sup>

trabalham em harmonia e a deintegração não acontece ou ocorre de forma parcial. Assim, o bebê é incapaz de organizar e interromper os estímulos sensoriais que alcançam o Si-mesmo, nem tão pouco se ligar com os objetos internos e externos como uma totalidade. Na deficiência de integrar o Si-mesmo em relação a sua totalidade, fica impossibilitado o desenvolvimento. Dessa forma, se dá a cisão do eu, no entanto mesmo cindido o eu busca se desenvolver pelas partes não integradas.

Ao não reintegrar as experiências do meio ao Si mesmo, o bebê perde a capacidade de se relacionar como pessoa com os que cercam e com o mundo objetivo. Para Schore (2014b) organização do desenvolvimento do eu em desenvolvimento depende das relações com os outros e que essas experiências iniciais são vitais para a maturação do lado direito do cérebro. Nesse caso, na intervenção clínica, mediante uma relação cérebro direito-cérebro direito inconsciente, o objetivo do analista e dos pais seria estimular o desenvolvimento do eu ao propiciar e re-experienciar ao infante sentimentos de segurança frente às relações com o mundo externo.

Vale analisar que esse re-experenciar ou a tentativa de retomar o processo de desenvolvimento anteriormente bloqueado, não significa que a criança será forçada a realizar o desenvolvimento da consciência pelo arquétipo matriarcal, no qual anteriormente ocorreu a agenesia da humanização da Grande Mãe, mas sim a partir da organização estruturante e dominante do arquétipo do Pai. Pois, como a psicologia analítica entende o desenvolvimento de maneira arquetípico, na falha do desenvolvimento pela agenesia da função matriarcal, sob a ordenação do Self, o desenvolvimento vai ocorrer a partir do arquétipo do Pai (ARAÚJO, 2011, p. 199-236). Através da função do arquétipo do Pai, por meio de relacionamento de confiança no outro, de comunicação e correspondência a criança pode desenvolver sua subjetividade (ARAÚJO, 2011, p. 196). Visto que, na contramão do desenvolvimento típico, a criança com TEA, mediante as trocas cognitivas irá desenvolver as trocas afetivas. Pela humanização do arquétipo do Pai ocorre a viabilidade de vir a ser e a possibilidade da individuação (ARAÚJO, 2011, p. 233).

Ao analisar que para Jung o relacionamento consciente e inconsciente com o analista fornece a base essencial para a individuação, em um processo onde o desenvolvimento da identidade pessoal e individual única com os aspectos coletivos da psique humana se relacionam (Jung 1921, p. 448 apud Knox, 2009, p. 08), podemos pensar em uma prática clínica, que auxilie no tratamento do TEA, onde o terapeuta ao entrar em contato com os aspectos inconscientes do analisando pode contribuir para o desenvolvimento da psique consciente. O

desenvolvimento dos conteúdos inconscientes na terapia relacional, promove o processo dinâmico e interativo de ruptura e reparo nos relacionamentos (knox, 2009, p. 08)

O terapeuta ao oportunizar o despertar da consciência a partir das reações do mundo externo, que atravessa o mundo interno da criança, proporciona ao organismo do infante uma relação com as imagens externas e internas e integrativa da percepção dos sentidos e sentimentos, oportunizando assim, a consciência do eu.

Para a teoria junguiana o Self desempenha um papel importante na compreensão da psique humana, pois a psique tem como objetivo o Self. Para Jung o Self é concebido como fonte e meta do desenvolvimento psíquico e sendo uma estrutura organizadora inata na psique humana. Portanto, o Self é agente ativo do funcionamento mental (knox, 2009, p. 8). Do mesmo a teoria da regulação vai elencar que o desenvolvimento da mente e o surgimento do eu ocorre a partir de uma auto-organização, a qual é suscitada através das trocas entre cérebros (Schoe, 1996, p. 60 apud Schoe, 2014, p. 33-34).

os autores elencados que enfatizam a natureza auto-organizadora da psique humana, sem nenhum papel para nenhum princípio organizador além da experiência imediata de relacionamentos com os outros. Esses são internalizados para formar um sentido de si mesmo na própria história e a construção da estrutura psíquica interna do eu autobiográfico. O núcleo do eu reside em padrões de regulação de afeto que integram um senso de eu através das transições de estado, permitindo assim uma continuidade da experiência interna.

No entanto, segundo Araújo (2011, p. 184) na criança autista o apego “atípico” não permite a vivência do afeto. O déficit nos processos afetivos e sociais podem estar relacionados ao déficit na interação (Araújo, 2011, p. 194). Diante da agenesia do arquétipo da grande mãe, de um sistema relacional inadequado e na dificuldade de estabelecer o apego surge o déficit afetivo.

Schoe (2014a) vai elencar que é frente a um sistema relacional, entre cérebros direitos, emocional, inconsciente, que depende o desenvolvimento saudável. Quando esse sistema se mostra falho ou desfavorável, o sistema emocional do cérebro precisa se reorganizar. Esse reestabelecimento emocional ocorre de forma não verbal, de cérebro direito para cérebro direito, entre paciente e terapeuta (Sieff, 2019, p.216)

Desenvolvimentos atuais da psicologia analítica colocam que os aspectos relacionais refletem a natureza do inconsciente. Algumas vertentes entendem que os primeiros relacionamentos são significativos para a formação dos conteúdos do inconsciente, e buscam atuar através de uma abordagem mais relacional (Knox, 2009).

Baseada em um contexto de abordagem relacional, a teoria da regulação, sob o princípio de uma psique auto-organizada, contribui para o desenvolvimento tanto psicológico como emocional. Essa prática oportuniza a criança a experimentar novas experiências, principalmente as experiências de relacionamentos pessoais. Da mesma forma, a psicologia analítica ressalta que perante um relacionamento analítico, no qual a criança encontra uma resposta afetiva bem sintonizada, permite a constituição de um senso de eu no setting terapêutico. Segundo Fordham (1976, p. 14-81), por meio das trocas afetivas a criança adquire um senso de eu.

Através das trocas que ocorrem na prática terapêutica, o profissional pode identificar a etapa na qual se deu a agenesia do desenvolvimento e ressoar terapêuticamente diante dessa falha, aplicar técnicas que contribui para reorganizar a psique. Pois, para Knox (2009, p. 09) o analista permite que o paciente projete um papel específico sobre ele, a identificação projetiva não é uma força à qual o analista resiste, mas uma fonte útil de informação por meio das reações de contratransferência do analista, pois permite que o analista use suas reações de contratransferência para identificar a natureza particular da inibição do desenvolvimento que o paciente traz para a análise e com isso o analista pode utilizar de técnicas analíticas apropriadas em resposta.

Baseado nisso, podemos interpretar que a teoria da regulação e a psicologia analítica buscam levar o sujeito ao processo de desenvolvimento psíquico, sendo fundamental o relacionamento e o vínculo. Para Knox (2009, p. 09) a unificação das teorias leva o desenvolvimento da regulação do afeto, da capacidade de mentalização e de um senso seguro de si mesmo. Observando que o indivíduo autista apresenta comprometimento no desenvolvimento do afeto, na capacidade de imbuir a teoria da mente e prejuízo na competência de estruturar um senso de eu, pode-se sugerir que a unificação das teorias aliada a utilização de suas técnicas práticas, forneceria contexto para trabalhar o desenvolvimento de senso de eu.

A prática clínica depende da regulação do afeto que se coloca mediante a interação relacional. Como nossa temática é sobre a prática clínica com crianças, as quais ainda não realizam um processo terapêutico baseado na verbalização através da linguagem, cabe ao terapeuta proporcionar dentro da relação terapêutica um espaço onde o infante a partir do tom de voz, da linguagem corporal e da expressão de afeto do terapeuta, possa diante da sintonia positiva regular seus afetos. Tanto para Fordham (1976) quanto para Schore (2014) ao se trabalhar a troca de olhar, a escuta, a percepção da fala dirigida, o toque, a interação e o afeto, certamente ocorrerá um desenvolvimento da consciência.

Observando que a criança em desenvolvimento, necessita do espelhamento das experiências para se modular afetivamente. A partir das ações do analista, conscientes e

inconscientes, a criança vai encontrar espelhamento adequado para realizar a regulação das suas emoções. De acordo com Knox (2009, p. 11) o espelhamento kohutiano<sup>17</sup>, é capaz de gerar uma nova experiência de relacionamento objetal e oferecer contenção por meio da modulação descendente instintiva do afeto do analista. Isso se manifesta perante uma resposta intuitiva e inconsciente do analista, o equivalente na análise da resposta sintonizada dos pais às sugestões do bebê (Beebe & Lachmann, 2002 apud Knox, 2009, p. 11). De acordo com Fordham: “um analista pode se encontrar se comportando de maneiras que estavam fora de sintonia com o que ele sabia de si mesmo, mas em sintonia com o que ele sabia de seu paciente” (Fordham, 1979, p.165. tradução nossa).

No setting terapêutico a aliança terapêutica oferta oportunidades de afeto interativo do cérebro direito, núcleo do processo de apego. O mecanismo de regulação interativa de excitação afetiva, autônoma, e portanto interpessoal da sincronicidade biológica entre e dentro do organismo, permite que no modelo de terapia relacional, o cérebro direito do terapeuta juntamente com o cérebro direito da criança, seja ativado de uma forma a permitir a compreensão mais profunda dos mecanismos críticos intersubjetivos cérebro, mente e corpo que operam em níveis implícitos do tratamento terapêutico, sob as trocas de linguagem e cognição explícitas (Schoore, 2020).

Como nesse estudo estamos trabalhando com crianças que ainda não desenvolveram a linguagem em seu nível total, a teoria da regulação a qual não prioriza somente a fala no setting terapêutico, mas principalmente a regulação das emoções, através da função intrapsíquica, intrapessoal, subjetiva e interpessoal, atua, amplia e altera o cérebro direito promovendo sentimentos de bem estar e desenvolvimento saudável (Schoore, 2014, p. 171).

Ainda sobre o desenvolvimento da regulação afetiva com enfoque na criança autista, podemos colocar que um analista pode contribuir mediante ao uso simbólico perante as atividades lúdicas, ao nomear as emoções quando o paciente as comunica de forma verbal ou corporal, antecipar a leitura dos acontecimentos previstos, explicar/encenar as situações que podem acontecer no dia-a-dia etc. Segundo Knox (2009, p. 11) a partir do momento que a regulação afetiva está estabelecida, a tarefa de compreender e interpretar o mundo interno e inconsciente, possibilita o desenvolvimento da função reflexiva e uma maior regulação do afeto.

---

<sup>17</sup> O espelhamento kohutiano é uma função de espelhamento que auxilia o desenvolvimento da psique, afim de constituir um self maduro (Kohut, 1971). Para Kohut o espelhamento em seu objetivo inicial, tem como característica a confirmação da mãe das satisfações narcísicas exibicionistas da criança, onde a mãe ao reconhecer e estimular as satisfações do filho, vai fortalecendo a autoestima da criança (Kohut, 1971).

Ao propiciar a elaboração mais adequada da regulação do afeto e possibilitar a aptidão para realizar a função reflexiva, o analista pode trazer a luz da terapia o desenvolvimento da capacidade de mentalização. A mentalização transversalmente a função reflexiva possibilita a interação social, imbuir estados mentais e emocionais a si e a outros, bem como a compreensão dos próprios desejos, necessidades e crenças de terceiros (Knox, 2009, p. 12).

Como vimos a teoria da mente, isto é a capacidade de atribuir e representar estados mentais a si mesmo e a terceiros, está prejudicada na criança autista. Seja esse prejuízo configurado pela impossibilidade de relacionar experiências de maneira significativa, dar sentido aos eventos e experiências, pela presença apego inseguro, ou mesmo pela dificuldade de compreender o outro como Outro. Isso tudo, pode ser desenvolvido pela relação, pois essa é capaz de gerar a auto-organização, que suscita esquemas internos que possibilitarão novas experiências (Bisagni, 2009, p.248).

Pela falha no processo de deintegração e pela agenesia da vivência do arquétipo da grande mãe, igualmente ocorre a falta da afetividade. Sem estados emocionais saudáveis a criança se torna incapaz de fantasiar a relação com o outro, e na falha dessa fantasia a subjetividade e intersubjetividade fica prejudicada (Araújo, 2000, p. 57).

O trabalho do analista, é um trabalho não apenas de relacionamento, mas de modulação dos afetos. As experiências vividas na terapia, vão imprimir marcas no cérebro direito da criança, permitindo a maturação cerebral e posteriormente o desenvolvimento da consciência. Com as experiências assimiladas a criança passa a poder regular estados internos e relações externas. Perante a regulação interna, a criança vai regular e organizar suas emoções. Ao se organizar internamente, a criança, igualmente vai se organizando frente as reações que o ambiente externo produz (Rios, 2020).

Durante o processo terapêutico a criança precisa compreender que suas ações afetam o terapeuta, e que o terapeuta afeta as suas ações. Nesse processo de contingência a criança percebe que o outro é um ser distinto dela, e que reage com atitudes e ações diferentes das dela, e que ela precisa responder ao desejo do outro de forma adequada. A ação contingente, leva a criança a um diálogo reflexivo e possibilita a teoria da mente (Rios, 2020).

A partir de refletir sobre o eu e o outro, a criança transita para a auto-ação a que permite que ela realize a autorreflexão e consciência da separação mental e emocional do eu e do outro. Na etapa da auto-ação o analista é influenciado pelo nível de autogerenciamento do paciente. No entanto, vale lembrar que nesse trabalho estamos lidando com o autogerenciamento de crianças com comprometimento do desenvolvimento psíquico. O analista precisa focar

intuitivamente na técnica analítica que é mais apropriada ao nível de auto-ação que inconscientemente predomina na criança (Knox, 2009, p. 15).

Para essa etapa do autogerenciamento, o analista vai contar com a sintonização do desenvolvimento, com o espelhamento sintonizado e com a experiência emocional. Esta tática é necessária para permitir a regressão a um estágio de desenvolvimento que forneça o senso seguro de auto-ação que é o fundamento essencial para a separação e o processo de individuação (Knox, 2009, p.17).

### 7.3 RELAÇÃO ANALÍTICA E REGULAÇÃO AFETIVA

Segundo a psicologia analítica é na relação com o outro que a psique se desenvolve. Assim, a partir do modelo psicodinâmico e relacional, os hemisférios direitos, do analista e do analisando entram em interação dinâmica a qual promove a regulação dos afetos na criança. Segundo Schore (2014, p. 171), a regulação afetiva interativa dentro de um contexto relacional, viabiliza que o paciente entre em contato, descreva e regule com segurança suas experiências subjetivas.

A teoria da regulação juntamente com a psicologia analítica, sugerem que mediante o tratamento psicoterapêutico há uma redução e melhora dos sintomas, visto que é evidente que o cérebro direito é dominante no setting terapêutico. Diante de uma perspectiva interpessoal da conectividade funcional entre cérebros pode-se deslumbrar uma compreensão mais profunda dos déficits relacionais do espectro do autista.

Dessa forma, na tentativa de minimizar a lacuna existente na prática psicodinâmica do tratamento do autismo, entre a desconexão das teorias cognitivas e afetivas, na possibilidade de lançar luz a partir da teoria da regulação e da psicologia analítica para a compreensão do Transtorno do Espectro Autista, pode-se pensar em uma prática clínica que viabilize os processos do desenvolvimento da criança autista mediante a união da prática das duas concepções.

A teoria da regulação oferece um modelo pré-verbal inconsciente precoce do cérebro direito da dinâmica implícita do apego emocional. Os três primeiros anos fundamentais do desenvolvimento infantil não se concentram no insight cognitivo verbal, mas na formação de um vínculo regulador e comunicativo de emoções entre a díade mãe e bebê, que ocorre entre cérebro direito materno e cérebro direito do bebê.

O desenvolvimento inicial do cérebro direito é responsável pela formação de um vínculo intersubjetivo de comunicação emocional e regulação interativa entre mãe e bebê. O apego

seguro e sintonizado acontece de forma implícita, com alterações momento a momento da excitação emocional involuntária autônoma do lado direito do cérebro, a dimensão fisiológica do afeto da criança. Se o desenvolvimento do cérebro direito e emocional seguir seu curso normal, a criança se desenvolverá de forma plena e saudável. No entanto, se ocorrer falha na sintonia do apego seguro, certamente ocorrerá patologias do desenvolvimento.

Sendo o distúrbio do autismo uma “patologia” do desenvolvimento que ocorre em estágios pré-natal, perinatal e pós-natal, a teoria moderna do apego é componente fundamental para auxiliar na avaliação, prevenção e manejo desses distúrbios. Auxiliando nos períodos críticos do desenvolvimento do cérebro direito e nos estágios de auto-organização influenciadas pelo apego.

No autismo o desenvolvimento do cérebro direito se mostra alterado, com modificação da conectividade dos circuitos límbicos-autônomos que causam uma neuropatologia nos processos normativos do desenvolvimento, e ocorre já nos estágios pré-natal, perinatal e pós-natal. Com o sistema límbico alterado, o desenvolvimento do processamento emocional da criança autista é inadequado, contribuindo assim para anormalidades das habilidades sociais e cognitivas.

Estudos do desenvolvimento relatam que existem alterações físicas importantes no cérebro direito dos bebês e crianças autistas, assim como falhas na interação diádica. Desde muito cedo, os bebês autistas exibem déficits na comunicação intersubjetiva e no apego emocional. Bebês autista tem dificuldades de manter o engajamento social na díademãe e filho, e evidenciam menor necessidade de trocas e experiências interativas, igualmente exibem déficits em inferir intenções e sentimentos de terceiros.

A teoria da regulação é clinicamente relevante para modelar as comunicações de apego rápidas, espontâneas e, portanto, implícitas emocionalmente carregadas que impactam indelevelmente a maturação dependente da experiência do cérebro emocional. Através de avaliação, prevenção e intervenção precoce, a teoria moderna do apego busca por um olhar relacional, mecanismos que contribua para organizar e ajustar o desenvolvimento falho que aconteceu nas comunicações visuais, auditivas, táteis, olfativa, busca facilitar a maturação adequada do cérebro direito.

Perante a avaliação precoce, pode-se verificar a relação da díade mãe e bebê, e caso essa relação se mostre inadequada ou de alto risco, pode-se realizar intervenções que promovam aumento na capacidade interativa entre mãe e bebê, permitindo ambiente facilitador do desenvolvimento do cérebro infantil. Possibilitando o surgimento da eu por meio de intervenção

forma relacional, intersubjetiva, socioemocional do infante. Já que se entende que o tratamento precoce é a melhor opção devido à grande capacidade de plasticidade neural do cérebro jovem.

No manejo clínico a teoria moderna do apego pode ser usada a fim de regular modelos mentais que se tornaram falhos ou deficitários. O analista deve fazer uso do seu inconsciente para sintonizar o inconsciente da criança. Diante de um relacionamento inconsciente, sintonizado, compassivo e terapêutico, a psicoterapia permitir que novas experiências inconscientes seja corporificada e atue na consciência de forma plena e gratificante (Rios, 2020).

## REFERÊNCIA

- Araújo, C. A.; Schwartzman, J.S. (org) (2011). *Transtorno do Espectro Autista*. São Paulo: Memnon.
- Araújo, C. A. (2000). *O processo de individuação no autismo*. São Paulo: Memnon.
- Bisagni, F. (2009). *The sound-hand*. Journal of Child Psychotherapy, Londres, Routledge. vol. 35, n 3. <https://doi.org/10.1080/00754170903233210>
- Damásio, A. (2022). *Ser e sentir. As origens da consciência*. São Paulo: Companhia das letras.
- Damásio, A. (2011). *E o cérebro criou o homem*. São Paulo: Companhia das letras.
- Schore, A. N. (1997). Early organization of the non linear right brain and development of predisposition to psychiatric disorders. *Development and Psychopathology*. <https://doi.org/10.1017/S0954579497001363>
- Schore, A. N. (2014) *Early interpersonal neurobiological assessment of attachment and autistic spectrum disorders*. *Frontiers in psychology* <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2014.01049>
- Schore, A. N. (2014). *The Development of the unconscious mind*. New York – Londres: W. W. Norton & Company.
- Schore, A. N. (2020). *The Divided Therapist: Hemispheric difference and contemporary psychotherapy*. P,70-92
- Sieff, D. F. (2019). *Compreensão e cura do trauma emocional: Conversações com clínicos e pesquisadores pioneiros*. São paulo: Paulus.
- Jacoby, M. (2016). *Psicoterapia junguiana e pesquisa contemporânea com crianças: Padroes básicos de intercambio emocional*. São Paulo: Paulus.
- Kohut, h. (1971). *The Analysis of the Self*. New York: International Universities. Recuperado Press[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_nlinks&ref=2614667&pid=S0486-641X201800020000900004&lng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=2614667&pid=S0486-641X201800020000900004&lng=pt)
- Knox, J. (2009). *The analytic relationship: Integrating Junguian, attachment theory and developmental perspectives*. *British Journal of Psychotherapy*, 25(1), p. 5–23. <https://doi-org.ez22.periodicos.capes.gov.br/10.1111/j.1752-0118.2008.01098.x>
- Rios, A. M. G. (2020). *Mãe-bebê: as bases da modulação cerebral da emoção* [arquivo de vídeo]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=Nr64VC5yyZA>

## CONCLUSÃO FINAL

O Transtorno do Espectro Autista é uma síndrome que embora seja relatada desde tempos antigos, na contemporaneidade recebe um olhar mais minucioso e ganha espaço nos debates acerca do desenvolvimento infantil.

No início, os relatos sobre síndrome traziam que a cada 2500 nascidos apenas 1 criança era autista. Na atualidade esse número ganhou expressão, no Brasil a cada 88 nascidos 1 é autista e nos Estados Unidos, a cada 50 nascidos 1 criança é portadora do transtorno. Há prognósticos que no ano de 2025 a cada 2 crianças, 1 apresentará o transtorno.

Ao observar o índice cada vez mais alarmante de incidência e, por se tratar de um distúrbio crônico, teve-se a urgência em buscar contribuições acerca do autismo na abordagem da psicologia analítica do desenvolvimento. Para compreender o desenvolvimento da compreensão do TEA pela psicologia analítica, constituiu imprescindível compreender o desenvolvimento do ego a partir Erich Neumann (1905-1960) e Michael Fordham (1905/1995), dois estudiosos fundamentais da psicologia analítica acerca da infância. Além disso, cabe destacar que Fordham foi o autor fundamental da psicologia analítica ao tratar dos processos autísticos.

O passo inicial foi realizar o mapeamento de literatura mediante contribuições da psicologia analítica. O mapeamento trouxe por meio de artigos publicados em periódicos, contribuições de 22 artigos. No entanto, em uma análise mais profunda, das 22 referências obtidas apenas 9 foram integrados para a revisão de literatura. Das publicações integradas, todas traziam um olhar para o TEA a partir da teoria junguiana da escola desenvolvimentista de Michael Fordham (1905-1995), com contribuições a respeito do desenvolvimento do Self, o Eu primário, defesas e desordem do Self, deintegração e integração.

Pela ênfase nas teorias de Michael Fordham, foi observado a importância de elencar as concepções de Fordham sobre o autismo. Pois segundo Fordham (1976), o autismo é uma falha no desenvolvimento, uma desordem do Self, onde as funções do Si-mesmo não trabalham em harmonia e a deintegração não acontece ou ocorre de forma parcial. Além das contribuições das ideias de Michael Fordham, vimos que alguns autores pós-Fordham como Bisagni (2009), McDowell (2004) e Kalshed (2015) faziam correlações entre neurociências e psicologia analítica para compreender a síndrome.

A fim de, esclarecer e entender as concepções das neurociências utilizadas por Bisagni (2009), McDowell (2004) e Kalshed (2015), observamos a relevância de elencar os conceitos

da neurobiologia interpessoal do desenvolvimento de Allan N. Schore. Apoiado em Schore, entendeu-se como se desenvolve a mente emergente, do mesmo modo compreendeu-se a teoria da regulação das emoções com base em um sistema interacional entre cérebros-direito da díade mãe e bebê. A teoria da regulação aponta que a relação de apego ocorre entre cérebros, em níveis inconsciente entre cérebro direito materno e cérebro direito da criança. Essas relações que ocorrem na díade, permitem que o cérebro imaturo do bebê se desenvolva a partir de uma auto-organização, gerada através das trocas cerebrais (Schore, 1996, p. 60 apud schore, 2014, p. 34).

Com o intuito de aprofundar a conexão entre psicologia analítica e neurobiologia interpessoal do desenvolvimento nos processos do desenvolvimento autísticos, foi realizada um diálogo entre teorias. Dessa forma, constitui-se que ambas se utilizam da moderna teoria do apego para assimilar e intervir frente a impossibilidade do desenvolvimento adequado da consciência.

Através da neurobiologia interpessoal do desenvolvimento, teoria da regulação, de Allan N. Schore foi destacado a compreensão de que o autismo é uma neuropatologia e psicopatologia que ocorre no desenvolvimento do cérebro direito. Com base na teoria do apego de Jhon Bowlby (1969), Schore fundamenta sua nova teoria moderna do apego, a teoria da regulação, a qual oferta pelo modelo neurobiológico interpessoal do desenvolvimento as psicopatogênicas e o tratamento do sistema do eu subjetivo nas fases de desenvolvimento. Segundo Schore, sua teoria moderna pode contribuir para a avaliação e intervenção precoce nas fases crítica do desenvolvimento do cérebro. Mediante a observação da relação mãe e bebê é possível diagnosticar e intervir em distúrbios do apego em fases precoces do desenvolvimento do cérebro direito e emocional da criança. Com esse procedimento é possível detectar e retornar as fases onde ocorreu a agenesia do desenvolvimento no cérebro não-verbal, holístico, espontâneo, permitindo que o infante regule e organize seus estados emocionais.

A psicologia analítica foi usada como base dos textos acareados, os textos apostataram que nessa abordagem o Self é a totalidade da psique e seu organizador. Assim, sendo o Self a totalidade psíquica ele tem que se deintegrar para posteriormente integrar-se. É a mãe através do ato relacional que vai propiciar a criança o sentido e as experiências do meio e atender as necessidades da criança, para que assim criança desenvolva um ego forte.

Para a psicologia analítica o autismo é um distúrbio do Self, com falhas no processo de deintegração do Self. No autismo a criança tem dificuldade de deintegrar-se, transformar-se em núcleos egóicos, para posteriormente reunir os núcleos mediante a ação integrativa do Self (Vicente, s.d., p.1). Nota-se que as características do indivíduo que ampliam a consciência de

forma atípica como no autismo, não se assemelham com o indivíduo que expande a consciência pela égide matriarcal. No autismo percebe-se a falta da ampliação da consciência pela função transcendente do arquétipo matriarcal, função esta que possibilita o ego ter consciência dos arquétipos.

Ao integrar psicologia analítica e neurobiologia interpessoal do desenvolvimento ao autismo, observamos que a criança autista apresenta falhas no desenvolvimento do cérebro direito e por esse motivo apresenta déficits importantes de vínculo intersubjetivo, comunicação e regulação emocional. Ambas as teorias enfatizaram que a relação interativa da díade mãe e bebê e a sintonia do apego seguro são indispensáveis para o pleno desenvolvimento da consciência do bebê. Tanto a visão fisiológica como psicológica do afeto se mostrou cerne para a estruturação do ego.

Assim a partir de um olhar biológico e psicológico procuramos ampliar a compreensão do TEA auxiliando a promover uma intervenção clínica que solicite o desenvolvimento de etapas que foram inviabilizadas na fase crítica do desenvolvimento. Atentamos que através de um contexto relacional pode-se re-experienciar o apego seguro e dar a criança a possibilidade de desenvolver sua personalidade em sua totalidade.

## REFERÊNCIAS

- American Psychiatric Association (APA). (2002). Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM IV. Porto Alegre: ArtMed 4º ed.
- American Psychiatric Association (APA). (2014). Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM V. Porto Alegre: ArtMed, 5º. Ed.
- Araújo, C. A. (2000). *O processo de individuação no autismo*. São Paulo: Memnon.
- Araújo, C. A.; Schwartzman, J.S. (org) (2011). *Transtorno do Espectro Autista*. São Paulo: Memnon.
- Araújo, C. A. (2013). O desenvolvimento psicológico na sua interface com a neurociências - Ceres Alves de Araújo. Recuperado em [https://www.youtube.com/watch?v=OkhLo\\_mPNGw](https://www.youtube.com/watch?v=OkhLo_mPNGw)
- Araújo, C. A. 2022. Autismo. WhatsApp. 03/12/2022. 18:03. 3 mensagens de WhatsApp.
- Astor, J. (1995). *Michael Fordham: Innovations in Analytical Psychology* (Makers of Modern Psychotherapy). London and New York: Routledge. eBook Kindle,
- Astor, J. (1996) *A tribute to Michael Fordham*. Journal of Child Psychotherapy, Londres, vol. 22, n 1, p. 5-25.
- Bisagni, F. (2009). *The sound-hand*. Journal of Child Psychotherapy, Londres, Routledge. vol. 35, n 3. <https://doi.org/10.1080/00754170903233210>
- Botelho L.L.R., Cunha C.C.A., Macedo M. (2011). *The integrative review method in organizational studies*. Gestão e Sociedade.
- Brasil (a). Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Pragmáticas Estratégicas. F. Comunicação e Educação em Saúde. Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro Autista (TEA). Brasília-DF, 2013.
- Bunster, J. (1996). *Defences of the Self and autistic states of mind*. Journal of Child Psychotherapy. Londres, vol. 22, n 1, p. 82-91. <https://doi.org/10.1080/00754179608254934>
- Byigton, C. (2006). *A interação Arquetípica Matriarcal e Patriarcal na Psiquiatria: Um estudo da Psicopatologia Simbólica*. [http://www.carlosbyington.com.br/site/wpcontent/themes/drcarlosbyington/PDF/pt/a\\_psicopatologia\\_de\\_dominancia\\_matriarcal\\_ilustrado\\_nise\\_da\\_silveira.pdf](http://www.carlosbyington.com.br/site/wpcontent/themes/drcarlosbyington/PDF/pt/a_psicopatologia_de_dominancia_matriarcal_ilustrado_nise_da_silveira.pdf)
- Damásio, A. (2022). *Ser e sentir. As origens da consciência*. São Paulo: Companhia das letras.
- Damásio, A. (2015). *O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. São Paulo: Companhia das letras.
- Damásio, A. (2011). *E o cérebro criou o homem*. São Paulo: Companhia das letras.

- Di Bartolo, I. (2016). *El apego: Cómo nuestros vínculos nos hacen quienes somos*. Buenos Aires, Lugar editorial.
- Fordham, M. (1966). Notes on the psychotherapy of infantile autism. *Brit. J. Med. Psychology*, vol. 39, 299-312. recuperado em <https://sci-hub.se/10.1111/j.2044-8341.1966.tb00980.x>
- Fordham, M. (1976). *The Self and Autism*. Londres: Willian Heinemann Medical Books Ltda.
- Jacoby, M. (2016). *Psicoterapia junguiana e pesquisa contemporânea com crianças: Padroes básicos de intercambio emocional*. São Paulo: Paulus.
- Jerusalinsky, A. (2011) *O autismo como exclusão do campo do significante*. Associação Psicanalítica de Curitiba Autismo: Intervenção, clínica e pesquisa. Curitiba, Editora Afiliada, vol. 22.
- Jung, C. G. (2016). *Psicogênese das doenças mentais*. OC III. Rio de Janeiro, Vozes.
- Jung, C. G. (1983). *A Vida Simbólica*. OC XVIII/1. Rio de Janeiro: Vozes.
- Jung, C. G. (2000). *Os Arquétipos e o Inconsciente coletivo*. OC IX/1. Rio de Janeiro: Vozes.
- Jung, C. G. (2013). *A natureza da psique*. In *Obras completas de C. G. Jung (Vol. 8/2)*. Petrópolis-RJ.
- Kawai, T. (2009) *Union and separation in the therapy of pervasive developmental disorders and ADHD*. *Journal of Analytical Psychology*, Londres, vol.54, n 5, p. 659-675 <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1468-5922.2009.01812.x>
- Kohut, h. (1971). *The Analysis of the Self*. New York: International Universities. Recuperado [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_nlinks&ref=2614667&pid=S0486-641X201800020000900004&lng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=2614667&pid=S0486-641X201800020000900004&lng=pt)
- Knox, J. (2009). *The analytic relationship: Integrating Junguian, attachment theory and developmental perspectives*. *British Journal of Psychotherapy*, 25(1), p. 5–23. <https://doi-org.ez22.periodicos.capes.gov.br/10.1111/j.1752-0118.2008.01098.x>
- McDowell, M.J. (2004) *Autism, early narcissistic injury and Self-organization: a role for the image of the mother's eyes?*. *Journal of Analytical Psychology*, Londres, vol.49, n4, p. 495-519 <https://sci-hub.se/10.1111/j.0021-8774.2004.00481.x>
- Neumann, E. (1995a). *A criança: Estrutura e Dinâmica da Personalidade em Desenvolvimento Início de sua Formação*. São Paulo: Cultrix.
- Neumann, E. (1995b). *História da origem da consciência*. São Paulo: Cultrix.
- Prevalencia del autismo levemente más alta según informe de la Red ADDM de los CDC. Disponível em: <https://translate.google.com.br/translate?hl=ptPT&sl=en&u=https://www.cdc.gov/&prev=search>
- Prevalencia del autismo levemente más alta según informe de la Red ADDM de los CDC. Recuperado em:

<https://translate.google.com.br/translate?hl=ptPT&sl=en&u=https://www.cdc.gov/&prev=search>

- Rios, A. M. G. (2020). *Mãe-bebê: as bases da modulação cerebral da emoção* [arquivo de vídeo]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=Nr64VC5yyZA>
- Schore, A. N. (1994). *Affect Regulation and the Origin of the Self*. New York – Londres: W. W. Norton & Company.
- Schore, A. N. (2022). *Right – Brain Psychotherapy for the right – brain: Scientific and clinical advances. Annals of general psychiatry*. <https://annals-general-psychiatry-biomedcentral-com.ez22.periodicos.capes.gov.br/articles/10.1186/s12991-022-00420-3>
- Schore, A. N. (1997). Early organization of the non linear right brain and development of predisposition to psychiatric disorders. *Development and Psychopathology*. <https://doi.org/10.1017/S0954579497001363>
- Schore, A. N. (2014) *Early interpersonal neurobiological assessment of attachment and autistic spectrum disorders*. *Frontiers in psychology* <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2014.01049>
- Schore, A. N. (2014). *The Development of the unconscious mind*. New York – Londres: W. W. Norton & Company.
- Schore, A. N. (2020). *The Divided Therapist: Hemispheric difference and contemporary psychotherapy*. P,70-92
- Schore, N. A. (2013). *Regulation theory and the early assessment of attachment and autistic spectrum disorders: A response to Voran's clinical case*. *Journal of Infant, Child, and Adolescent Psychotherapy*, Londres, Routledge. vol12, p 164-189. <https://scihub.se/10.1080/15289168.2013.822741>
- Sieff, D. F. (2019). *Compreensão e cura do trauma emocional: Conversações com clínicos e pesquisadores pioneiros*. São paulo: Paulus.
- Stern, D. (1992). *O mundo interpessoal do bebê*. Porto Alegre: Artes médicas.
- Urban, E. (1992). *The Primary Self and Related Concepts in Jung, Klein, and Isaacs*. *Journal of Analytical Psychology*, Londres, vol 37, p. 411- 432. <https://doi-org.ez22.periodicos.capes.gov.br/10.1111/j.1465-5922.1992.00411>
- Urban, E. (2008). *The 'Self' in analytical psychology: The function of the 'central archetype' within Fhordham's model*. *Journal of Analytical Psychology*, Londres, vol. 53, ed. 3, p. 329-350. <https://doi-org.ez22.periodicos.capes.gov.br/10.1111/j.1468-5922.2008.00730.x>
- Vicente, R. B.(s.d.). Fordham e Neumann. *Revista Symbolon* <http://www.symbolon.com.br/artigos/fordham.htm>

## ANEXOS

### ANEXO 118

## **Mapeamento de pesquisa do Transtorno do Espectro Autista na abordagem Analítica**

**Renata Sefas Makhare da Silva**<sup>19</sup>

**Carlos Augusto Serbena**<sup>20</sup>

### **Resumo**

Este artigo tem como objetivo esboçar o mapeamento da produção acadêmica em Psicologia Analítica (P.A.) acerca do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Especificamente, busca levantar as contribuições da P.A. para a compreensão do manejo terapêutico com crianças portadoras do TEA. Para tal, foi utilizado o modelo de revisão integrativa. A seleção dos artigos se deu a partir de textos embasados em contemplar a síntese dos tópicos relevantes com objetivo da pesquisa e a revisão integrativa ocorreu mediante a perspectiva teórica da P.A em correlação aos aspectos patológicos da síndrome, citação de autores e termos próprios da P.A.

Os artigos analisados evidenciaram a importância de Michael Fordham para a psicologia do desenvolvimento. Os textos trouxeram contribuições de Fordham vinculadas a psicanálise Kleiniana, concepções de autores da teoria do apego, teoria relacional e das neurociências. A pesquisa revelou a escassez de literatura de produção sobre o TEA em conjunto com a P.A. Indicando a necessidade de desenvolvimento do tema em P.A.

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista, Transtorno do desenvolvimento; Psicologia Analítica.

---

<sup>18</sup> Em anexo (anexo 2) normas para publicação na revista interdisciplinar de psicologia e promoção da saúde – ALETHEIA.

<sup>19</sup> Universidade Federal do Paraná – UFPR. Acadêmico de pós-graduação, nível mestrado, em Psicologia na Universidade Federal do Paraná, renatasefas@hotmail.com

<sup>20</sup> Universidade Federal do Paraná – UFPR. Departamento de Psicologia – Curitiba – PR – Brasil.

## Research Mapping of Autism Spectrum Disorder in the Analytical Approach

### Abstract

This article aims to outline the mapping of academic production in Analytical Psychology (A.P.) about Autism Spectrum Disorder (ASD). Specifically, it seeks to raise the contributions of the P.A. for understanding the therapeutic management with children with ASD. For this, the integrative review model was used. The selection of articles was based on texts based on contemplating the synthesis of relevant topics for the purpose of the research and the integrative review took place through the theoretical perspective of AP in correlation with the pathological aspects of the syndrome, citation of authors and terms specific to AP.

The analyzed articles showed the importance of Michael Fordham for developmental psychology. The texts brought Fordham's contributions linked to Kleinian psychoanalysis, conceptions of authors of attachment theory, relational theory and neurosciences. The research revealed the scarcity of production literature on TEA in conjunction with P.A. Indicating the need to develop the theme in P.A.

**Keywords:** Autistic Spectrum Disorder, Developmental disorder, Analytical Psychology.

**Correspondência:** renatasefas@hotmail.com ; caserbena@gmail.com Cel (41)995734499.

Rua Salvador, 715. Ap 201, bloco 13. Curitiba – Paraná. Cep: 82940-160

### 1 Introdução

O Transtorno do Espectro Autista, de acordo com dados do Ministério da Saúde, atinge cerca de 1% da população brasileira. Dessa forma, estimava-se que somente no Brasil exista 2 milhões de pessoas com Autismo (BRASIL, Ministério da Saúde, 2021). Por ser o autismo, hoje em dia, uma síndrome com elevada prevalência, buscamos através da Psicologia Analítica uma visão que venha contribuir para o tratamento do TEA. Sendo assim, optou-se por realizar o mapeamento da produção sobre autismo em psicologia analítica.

Atualmente, a maioria, dos atendimentos clínicos para o TEA são efetuados a partir de modelos comportamentais de intervenção. Entre eles estão os modelos ABA (Applied Behavior Analysis), ESDM (Modelo Denver de Intervenção Precoce), TEACCH (Treatment and Education of Autistic Communication Handicapped Children) e PECS (Picture Exchange Communication System). O modelo ABA busca contribuir para o aumento de repertório social

e diminuição de comportamentos negativos. O método Denver busca a construção de interação social e fortalecimento de vínculos de afeto em criança de 12 meses a 5 anos. O TEACCH utiliza técnicas visuais para ensinar comportamento, auxilia na comunicação e ensina habilidades. A metodologia PECS é um sistema de comunicação por trocas de figuras, afim de fortalecer a relação interpessoal.

Além dos modelos comportamentais, apresentamos o método DIR FLOORTIME (Developmental Individual Difference) que segue os comandos da criança e estimula a iniciativa e o comportamento intencional. Igualmente, trazemos a intervenção psicanalista que a partir de Lacan entende o autismo como uma quarta estrutura e trabalha essa síndrome como exclusão do campo do significante. A psicanálise sob o olhar de Jerusalinsky (2011, p. 28) define o autismo pela falta de responder simbolicamente a injunção fálica. Sendo assim, busca a intervenção pela subjetividade e afetividade.

Ao pesquisar revisões de literatura sobre o autismo e psicanálise, foram encontrados artigos que tem como objetivo principal identificar hipóteses psicanalíticas sobre o autismo, propostas de tratamento, objetivos e métodos. No entanto, ao pesquisar revisões de literatura em Psicologia Analítica e autismo, não foi encontrada nenhuma revisão que abarque os mesmos objetivos em conjunto, ou mesmo separadamente como tão bem destacado nas revisões de psicanálise. Indicando a necessidade de esclarecer esse tema sob a perspectiva da psicologia analítica.

Embora muitos modelos de atendimento clínico possuem caráter apenas comportamental, nosso trabalho busca entender o autismo através de uma perspectiva interacional. Essa estrutura interacional pode ser encontrada tanto em manejos da psicanálise quanto da Psicologia Analítica. Nesse artigo lançaremos luz ao modelo interacional sob as perspectivas da Psicologia analítica. Pois, embora muitas vertentes da psicanálise realizaram importantes contribuições acerca do autismo, igualmente desenvolveu-se um significativo e frutífero movimento e compreensão teórica oriundo das teorias de Carl Gustav Jung. Enquanto a psicanálise tem como princípio o determinismo da libido e seu fundamento na sexualidade, a psicologia analítica busca-se compreender o TEA e seu tratamento a partir dos princípios de finalismo e teleologia dos processos psíquicos, do caráter amplo da energia psíquica, do significado particular e individual dos fatos psíquicos e do caráter religioso e numinoso da psique relacionado com estruturas coletivas pré-existentes na psique e os arquétipos.

Considerando que o TEA é um transtorno do desenvolvimento, e que na psicologia analítica o desenvolvimento da personalidade é fundamentado principalmente pelas teorias de Michael Fordham (1905-1995), buscou-se compreender o desenvolvimento da consciência

humana baseado nas teorias de Fordham e na aproximação das ideias de Jung da totalidade da psique atuante desde os primórdios e da existência com um Self primordial, justapostos com teorias da psicanálise de relações objetais, ansiedades primárias e defesas narcísicas. O modelo conceitual de desenvolvimento infantil de Fordham está embasada nas estruturas psíquicas ego, arquétipo e Self (FORDHAM, 2006).

Para compor sua teoria acerca do desenvolvimento da consciência, Fordham (2006, p. 81), formulou o princípio de deintegração/integração. Nessa concepção, através de sequências de perturbações e organizações, o Self divide-se espontaneamente em partes, essas partes são ativadas pelos estímulos externos, depois se reintegram as experiências por meio do sono, da reflexão ou de outra forma de digestão mental a fim de se desenvolver e crescer. As experiências ao se reintegrar no Si-mesmo trazem novos repertórios e modificam a estrutura do Si-mesmo, com resultantes modificações na estrutura e repertório do Si-mesmo.

A partir dessas observações, Fordham postulou que o Self é um sistema dinâmico presente desde a infância, que se deintegra e se reintegra em uma sequência ritmada, esse movimento organiza a diferenciação do Self e faz a distinção entre o mundo externo e interno, entre o Eu e o não-Eu (Fordham, 1976, p.12). Sendo assim, o modelo de deintegração e integração é central para o entendimento da síndrome autística em Fordham, pois devido a uma desordem do Self, a criança autista não realiza o processo de deintegração.

Atualmente, no Brasil, a analista junguiana Ceres Alves de Araújo apoiada em Erich Neumann (1905-1960), Fordham (1905-1995) e Carlos A. B. Byington (1933-2019), teoriza que na mente da criança autista a estruturação se manifesta de maneira atípica, há uma distrofia ou mesmo uma atrofia da consciência, impossibilitando o dinamismo matriarcal e consequentemente impedindo a constelação do Arquétipo da Grande Mãe (Araújo; Schwartzman 2011, p.193). Diante da falha da estruturação matriarcal, a consciência busca se desenvolver a partir do dinamismo patriarcal. Assim, o ego pode ir ganhando espaço, se organizando e se estruturando (Junior; Kuczynsky 2015, p.83).

### **Mapeamento:**

O mapeamento é um método utilizado na **classificação e estruturação de um tema de pesquisa**. O mapeamento não significa uma pesquisa exaustiva, mas visa demonstrar um painel geral sobre o tema examinado. Empregando esse método, foi realizado a pesquisa em bases de dados e periódicos.

Na base de dados com período de busca em junho de 2021, realizada inicialmente no Portal de periódicos da Capes, utilizando todas as palavras-chave selecionadas, sem restrição

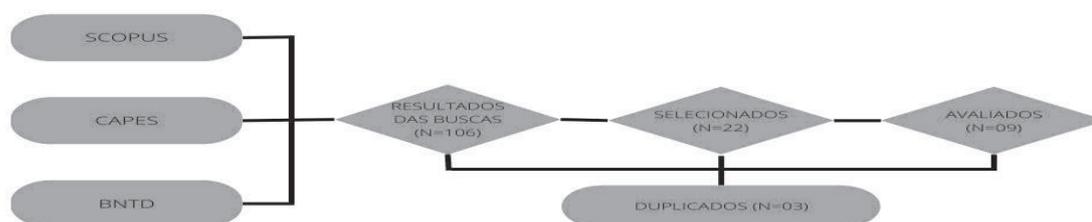
de data de produção, em busca avançada, refinando a busca por assunto e título, tipo de produção de artigo, por língua portuguesa e inglesa, foram encontrados 3 artigos. O principal periódico no portal Capes foi o Journal of Analytical Psychology, onde foram encontrados 6 artigos. Igualmente, foi realizado pesquisas na base de dados Scopus, com o uso das mesmas palavras-chave foram obtidos 106 artigos, contabilizando os artigos duplicados.

Mediante pesquisa para a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, refinando as buscas para as instituições PUC-SP, Unicamp e USP, sem restrições para ano de defesa não foi possível identificar nenhuma produção. Assim, estendeu-se a busca para todas as instituições que compõem a BDTD. A nova pesquisa resultou em 5 textos, no entanto nenhum texto estava relacionado com Psicologia Analítica.

#### Seleção dos artigos:

A seleção da literatura se deu a partir do título e posteriormente pelo resumo. O título deveria contemplar perspectiva teórica da pesquisa, correlação dos aspectos patológicos da síndrome com estudos da Psicologia Analítica sobre o desenvolvimento, nomes de autores proeminente como Carl G.Jung, Michael Fordham e Erich Neumann e/ou publicação em periódicos dessa linha teórica. As obras que os títulos deixavam dúvidas, foram analisadas pelo resumo.

Foram encontrados 106 artigos, porém apenas 22 correlacionavam o TEA com abordagem Junguiana. Dos 22 documentos analisados, 9 foram integrados para a revisão de literatura.



FONTE: A autora (2021).

#### Análise de dados:

Os artigos resultantes da pesquisa, em sua totalidade, foram de língua inglesa, não sendo encontrada nenhuma publicação em português. Os textos correspondem as datas de 1992 a 2015, todos de abordagem qualitativa. Dos artigos elegíveis, 63,63% eram de revista com viés da Psicologia Analítica – *Journal of Analytical psychology*, 27,27% de revista de psicoterapia infantil - *Journal of Child Psychotherapy*, e 9,09% de revista de neurociências e física quântica – *Neuroquantum*. Os dados evidenciam que as publicações com abordagem junguiana, estão predominantemente concentradas em revista de Psicologia Analítica.

TABELA 1 – RESUMO DOS ARTIGOS SELECIONADOS

<b>Autor e Ano</b>	<b>Tipo de Publicação</b>	<b>Resumo das contribuições para o estudo</b>
Uban, E. (1992)	Não pesquisa; estudo teórico.	O artigo traz considerações de JUNG, Klein e Isaac's sobre conteúdo dos processos psíquicos. Bem como elucida a teoria de Fordham sobre o Eu primário. Seguido por uma descrição clínica de um paciente autista.
Astor, J. (1996)	Não pesquisa; estudo teórico.	O autor levanta a ideia de Fordham do Self como uma teoria de campo e aborda o trabalho de Fordham sobre o autismo como um transtorno do Self.
Bunster J. (1996)	Não pesquisa; estudo teórico.	O autor aborda a teoria de Fordham de defesas do Self e posteriormente discorre acerca de seu trabalho clínico com um paciente autista.
Sidoli, M. (2000)	Não pesquisa; estudo teórico.	Estudo de caso clínico de uma criança autista e da relação mãe/filho.
Mc Dowell, M. J. (2004)	Não pesquisa; estudo teórico.	Nesse artigo o autor propõe 2 hipóteses: uma sobre o desenvolvimento inicial a partir do olhar social; e outra a respeito das origens do autismo pela falta de intersubjetividade.
Bisagni, F. (2009)	Não pesquisa; estudo teórico.	Estudo de caso através de conceitos pós-junguianos da mente emergente, em justaposição com as teorias das neurociências.
Kawai, T. (2009)	Não pesquisa; estudo teórico.	Conceitos da teoria de Self proposto por Fordham e sua correlação ao TEA. Discussão acerca da ausência do sistema relacional e sua correlação a falta de simbolismo.

Bisagni, F. (2010)	Não pesquisa; estudo teórico.	Análise de caso de uma criança autista através da simbolização. O texto explora a noção de Bion em relação a teoria pós-junguiana do conceito de mente emergente.
Kalshed, D. E. (2015)	Não pesquisa; estudo de caso sobre o trauma.	O Autor utiliza as ideias de defesas do Self, de Fordham, revistas através da teoria relacional contemporânea, da teoria do apego e neurociência para conceituar o processo do trauma. O texto traz pequena referência entre o TEA e teoria de deintegração de Fordham.

FONTE: A autora (2021).

Ao confrontar o vasto resultado obtido sobre publicações do autismo nas linhas do comportamento e da psicanálise em detrimento ao escasso conteúdo em psicologia analítica, podemos pensar: sendo o autismo um campo de trabalho abrangente, como os psicólogos de abordagem analítica trabalham o autismo? Como eles incorporam as teorias analíticas em suas pesquisas e tratamentos?

As publicações aferidas apontam uma maior ênfase na teoria junguiana da escola desenvolvimentista de Michael Fordham (1905-1995). Com contribuições a respeito do desenvolvimento do Self, o Eu primário, defesas e desordem do Self, deintegração e integração. Tendo em vista a correlação de Fordham com influências da psicanálise que se desenvolveu em Londres, na segunda metade do século XX, especialmente com Melaine Klein (1882-1960), os artigos resgataram conceitos da psicanálise, trazendo teorias de autores como Wilfred Bion (1897-1979), Donald Meltzer (1922-2004), René Spitz (1887-1974), Daniel Stern (1934-2012) e Frances Tustin (1913-1994).

Além de se utilizarem das contribuições de Fordham os autores como McDowell (2004) Bisagni (2009/2010) elencaram teorias de Jung como Self, arquétipo, imagem arquetípica e função transcendente. Autores como Urban (1992), Sidoli (2000), Mc Dowell (2004), Bisagni (2009/2010) e Kalsched (2015), revisitaram as teorias de Fordham e de Jung, para correlacionar e diferenciar os postulados dos dois autores frente as relações das ações do Self e o desenvolvimento do ego.

Alguns textos como Urban (1992), Bunster (1996), Kawai (2009), McDowell (2004) e Sidole (2000), fizeram correspondência entre autismo e defesas do Self apoiados na teoria de Fordham. Para tanto, se apropriaram da definição que o Self na Psicologia analítica é:

(...) considerado uma totalidade psíquica de processos conscientes, pré-conscientes e inconscientes. O ego é a parte do Self que se tornou

consciente, e foi descrito sucintamente não como o centro dominante do Self, mas como seu executivo facilitador” (Carvalho, 1987; Davies, 1995, apud BUNSTER, 1996 “tradução nossa”).<sup>21</sup>

Bunster (1996), fundamentado em Fordham, incluiu em seus escritos o conceito de Eu original com seu potencial arquetípico e herdado. Segundo Bunster, a expansão desse potencial acontece mediante um movimento de mão dupla entre mãe e bebê, no qual o bebê é inicialmente integrado e depois separado da sua mãe, para depois se relacionar novamente com ela pela deintegração, digerindo e absorvendo a experiência pela integração (Bunster, 1996). Esse movimento de deintegração e integração, relacionado aos instintos, influencia o desenvolvimento e maturação do ego (Bunster, 1996). No entanto, para isso ocorrer é desejável que se constele o arquétipo de Mãe, boa e má, para que essa dualidade seja reconhecida e confrontada pelo bebê, pois:

As raízes desta tensão estão baseadas na vida instintiva de o bebê e, se a sustentação dessa tensão for, por qualquer razão, opressor demais para o bebê ou a mãe, especialmente por causa de um período de tempo acumulado, o processo deintegrativo/reintegrativo do eu original pode ficar distorcido ou, em casos extremos, cessar completamente (Bunster, 1996, tradução nossa).<sup>22</sup>

Se a criança engloba tanto a mãe boa quanto a mãe má, gera uma dualidade aterrorizante, o ego é enfraquecido e torna-se estático, desintegrado formando uma defesa rígida, criando mecanismos de defesas primitivas (BUNSTER, 1996).

Astor (1996) Bunster (1996), Kawai (2009), McDowell (2004), Sidole (2000) e Urban (1992), semelhantemente foram ao encontro da ideia de que a mãe nutritiva e/ou devoradora contribui para o desenvolvimento positivo ou negativo do ego. No entanto, embora Bisagni (2009) concorde com a noção de que a mãe emocionalmente disposta contribua para que a

---

21 ...is thought of as a psychic totality of conscious, pre-conscious and unconscious processes. The ego is that part of the Self which has become conscious, and it has been succinctly described as not the dominant centre of the Self but is facilitating executive.

22 The roots of this tension are grounded in the instinctual life of the infant and, if the holding of this tension is, for whatever reason, too overwhelming for either infant or mother, particularly over a sustained period of time, the deintegrative/reintegrative process from the original Self may become distorted or in extreme cases cease altogether.

criança internalize o objeto, ele confronta o modelo de deintegração de Fordham. Para Bisagni (2009/2010) o modelo de deintegração é definido por uma teoria estrutural, que postula um Eu primário integrado, porém ele acredita que o Eu primordial está alicerçado em uma concepção mais dinâmica, e mediante a um senso de continuidade e movimento de introjeção é que o Eu emerge.

Todos os autores analisados, até os que tratam a questão de forma implícita, ratificaram a concepção de Fordham (1976) de que o autismo é uma desordem do Self. De acordo com Fordham, os mecanismos primitivos ou defesas do Self, podem levar o sujeito ao autismo ou a estados mentais autistas, há uma desordem do Self, na qual pouca ou nenhuma deintegração ocorreu (Fordham, 1976). Bunster (1996) vai argumentar que o self ao se proteger de forças poderosas e arquetípicas leva a falhas no processo de deintegração e integração (Bunster, 1996). Igualmente, o autor salienta que o desenvolvimento do ego se realiza através da deintegração, é em direção ao outro separado e diante da recepção do outro que a personalidade se amplia. Se nesse processo não ocorre a percepção de um objeto não-eu, irrompe uma falha na integração ou possivelmente o “autismo”. Nesse sistema a deintegração vai em direção a um objeto e o objeto se torna objeto do Self, esse objeto não é vivenciado como um processo recíproco e vivo, por isso deve ser controlado e se tornar neutro (Bunster, 1996).

Astor (1996) em seu artigo de tributo a Fordham vai destacar que diante das defesas do Self, o Eu realiza função protetora, tanto como recipiente como contra perigos intrapsíquicos. Essa função protetora tem por objetivo estabelecer uma fronteira entre o “eu” e o outro, e protege a mente infantil de ataques advindos do interior da psique (Astor, 1996, p.13). Sustentado pela teoria de Fordham, Astor (1996) ratifica que as imagens arquetípicas do Self levam ao desenvolvimento do ego, e o ego necessita de uma fronteira para fazer a diferenciação entre consciência e inconsciente.

Mas se não existe a consciência do outro, não ocorre auto-representação. Para ocorrer a auto-representação, a criança necessariamente deve integrar os sentidos e adquirir imagem corporal e senso de identidade (Fordham, 1976, p. 14). Através de trocas afetivas a imagem corporal vai surgindo e na relação com o primeiro outro (a mãe), ao ser tocada, acariciada, alimentada e cuidada a criança adquire um senso de eu. Quando surge o senso do eu, a consciência de si, ocorre o reconhecimento de interno e externo, no entanto, essa distinção só pode acontecer se a criança possuir um ego forte o suficiente para realizar essa diferenciação (Fordham, 1976, p. 14)

Ao se trabalhar com a premissa de que no autismo a característica básica é o objeto do Self, não se quer dizer que não exista uma organização do ego. Há um ego operante, o problema

é que não há um desenvolvimento suficiente da representação simbólica do ego, a simbolização não está integrada ao Self como todo (Fordham, 1976, p. 84). A hierarquia do desenvolvimento se torna desorganizada, deslocada e dividida, essa desordem do Self gera uma desordem da imagem corporal com atos dissociados de comportamentos repetitivos e compulsivos (Fordham, 1976, p.85). O corpo é experimentado como sendo a parte, sendo um objeto separado do senso de identidade, são objetos não integrados, não unificados em si.

McDowell (2004) traz em seu artigo que a estruturação da personalidade deve se auto-organizar desde seus estágios iniciais. Ele propõe que a aquisição da imagem internalizada dos olhos da mãe é um passo muito importante no início do desenvolvimento. McDowell (2004) utiliza-se da teoria da imagem arquetípica de Jung, para sustentar sua teoria do princípio da contenção. Esse princípio descreve a importância de a criança adquirir ou reter a imagem dos olhos da mãe, pois uma vez adquirida, a imagem é associada e, portanto, passa a representar/evocar o sentimento de estar contido (McDowell 2004, apud McDowell 2001b). Caso o princípio da contenção não se desenvolva, haverá falha generalizada no desenvolvimento. Para corroborar sua teoria, ele vai se valer da hipótese da ontologia e ontogenia do olhar social. Pois, segundo o autor através do olhar social evolui a função psicológica da intersubjetividade.

Para McDowell (2004) o autismo se constitui no fracasso em adquirir ou reter a imagem dos olhos da mãe, portanto trata-se de um déficit primário do desenvolvimento. A criança autista tende a ignorar o olhar do outro, tem pouca necessidade de receber e satisfazer-se com o olhar do outro. Então, para o autor o autismo é uma perturbação da imagem-dos-olhos internalizada.

O autor Kawai (2009) produz uma discussão sobre a terapia e o Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD). Seu artigo se apoia na compreensão de imagem alquímica e da função transcendente de Jung. Ele se alicerça na ideia de união e separação para entender o surgimento do Eu, a intersubjetividade e a ausência da consciência de alteridade. Ao analisar as características da psicoterapia, Kawai (2009) informa que processo de união e separação, encenado na relação terapêutica ou no jogo simbólico ao lado da interação relacional possibilitam inferir o Eu no sujeito.

Se justapor a ideia de interação relacional de Kawai (2009) com a concepção de contenção de McDowell (2004), pode-se pensar na viabilidade da na aquisição da simbolização e posteriormente no surgimento da intersubjetividade. É por meio do vínculo que podemos inferir o reconhecimento do si mesmo e do o outro. Na terapia o terapeuta não é apenas o outro,

mas também é o próprio paciente, realizando a dualidade da união e separação, ofertando ao paciente o lugar de sujeito (Kawai 2009, p. 665).

Sidole (2000) traz um estudo de caso de autismo perante a desintegração do Self primário. Para elucidar o caso, lança mão dos conceitos de arquétipo de Jung, de deintegração e integração de Fordham (1976), princípio de Beta e alfa de Bion e defesas de encapsulamento e enredamento em Tustin (1990). Conceitos esses que usa para validar a presença das defesas do Self. Sidole (2000) ao estudar um caso clínico, de uma criança autista, vai salientar que o Self ao se desintegrar interrompe o processo de deintegração e integração, impossibilitando o surgimento do Eu.

Além dos textos que correlacionavam somente noções da teoria junguiana de Fordham em integração com a psicanálise Kleiniana, destacamos 3 textos de revisão de literatura que também dialogaram com conceitos das neurociências e neuropsicologia para explanar tanto sobre a mente emergente como o distúrbio do neurodesenvolvimento TEA. Os autores McDowell (2004), Bisagni (2009) buscaram expandir suas ideias a partir das neurociências, para explicar conceitos da teoria da mente, neurônios-espelho e mente social. Já Donald Kalsched (2015) revisou a teoria da deintegração de Fordham apoiado na teoria relacional moderna e na neurociência contemporânea para compor um estudo de caso.

McDowell (2004) trouxe o conceito do desenvolvimento alicerçado na auto-organização a partir do olhar social, ao relacionar a teoria do relacional de Stern (1985) diante da interação mãe e bebê, buscou integrar a teoria da mente das neurociências junto com a teoria de apego para compreender o processo da mente emergente e posteriormente a intersubjetividade. Bisagni (2009) utilizou a teoria junguiana de mente emergente relacionada as neurociências ante o conceito do cérebro direito, das relações objetais de Bion e da teoria de fertilização cruzada da teoria pós-kohutinana para explicar as defesas e segurança do Self emergente. Kalsched (2015) utilizou concepções da defesa do Self, deintegração e dissociações em pacientes autistas, para compreender como o trauma leva a dissociações da psique criando um sistema defensivo, e do mesmo modo defendeu uma abordagem relacional e de integração afetiva para o tratamento desses pacientes.

Os autores McDowell (2004), Bisagni (2009) e Kalsched (2015) correlacionaram psicologia analítica, psicanálise e neurociências para desenvolver um novo olhar para o entendimento da mente emergente. Bisagni (2009) e McDowell (2004) ao recorrerem as neurociências, usufruíram do conceito de regulação emocional de Allan Schore para compreender como a mente emergente necessita do apego e da relação para se desenvolver.

A teoria da regulação, de Allan N. Schore é uma teoria moderna do apego, apoiada nas concepções da neurociência e desenvolvido a partir da psicanálise do desenvolvimento de Daniel Stern (1985). A teoria da regulação modela como o hemisfério direito inconsciente regula a emoção e processa nosso senso de self. Segundo Schore (2014) as comunicações afetivas que ocorrem diante o vínculo bebe e cuidador principal são capazes de expandir os sistemas reguladores do cérebro direito emocional do bebe. Essa expansão permitirá em estágios posteriores da vida que o cérebro direito, dominante não-verbal, holístico e espontâneo, regule o afeto e lide com o estresse e os desafios, gerando assim a resiliência e o bem-estar emocional (Schore, 1994, 2003a, b,2012a)

A relação entre mente emergente e a apego não ficaram restritas apenas na teoria da regulação de Schore. Autores como McDowell (2004), Bisagni (2009) Kalshed (2015) e Kawai (2009) também se apoiaram nos conceitos da teoria relacional de Daniel Stern (1985) para compor seus estudos. Cabe ressaltar que Stern (1992) ao ampliar suas ideias acerca do desenvolvimento, salientou a importância da relação para a construção do mundo subjetivo e interpessoal do bebê. O sistema adaptativo complexo utilizado em McDowell (2004) alinha-se com o tema da mente emergente, pois para o autor a mente emergente ocorre mediante a relação. McDowell (2004) conversa com o texto de Kalshed (2015), pois ambos se utilizam do sistema de defesa para explicar o autismo. Segundo Kalshed (2015) o autismo não deixa de ser um trauma, pois para a criança autista o objeto tenta invadir o mundo interno, essa invasão é traumática, para que essa invasão não ocorra a criança autista se utiliza das defesas do Self.

Todos os textos, exceto em Astor (1996) tratam de estudos de casos clínicos. Igualmente, em todos os textos foram encontrados a utilização da psicologia analítica de Michael Fordham e aportes da psicanálise para embasar os estudos de caso. Nenhum texto trouxe apenas contribuição da abordagem analítica para explicar o autismo. Os artigos que buscaram uma abordagem mais contemporânea, como Bisagni (2009), McDowell (2004) e Kalsched (2015) utilizaram a neurociências como novidade contemporânea para compor seus estudos de caso. Inclusive, em seu artigo Kalshed (2015) sugere, de forma explícita, a necessidade da revisão de atitude do terapeuta bem como da abordagem analítica interpretativa a luz das considerações dos pós-clássicos.

Do mesmo modo, vale citar que o texto mais atual que encontramos para essa revisão, foi o de Donald Kalshed (2015). Mesmo sendo o mais recente e tentando utilizar de teorias mais contemporâneas como a neurociências afetivas, no que tange a teoria da psicologia analítica Kalsched acabou por utilizar as teorias seminais de Fordham de 1974 e 1976. Vale também destacar, que embora faça menção sobre o autismo e aborde as teorias de defesas do eu de

Fordham, o texto de Kalsched (2015) tem como elemento principal de reflexão como o trauma precoce afeta a psique. Pois, se apoia na ideia de Fordham (1976) de que se a mente infantil sente ataques nocivos por um longo período, um sistema de defesa se instala e o processo de deintegração e integração pode não ocorrer.

Além de Kalsched (2015), igualmente percebeu-se que Astor (1996), Sidole (2000) e Kawai (2009) não traziam em sua narrativa o autismo como elemento único ou tema principal. O autismo foi trabalhado por esses autores de forma tangencial, o que parece ser uma característica recorrente em psicologia analítica. Astor (1996) revisa as contribuições de Michael Fordham para a Psicologia Analítica, com isso discorre sobre o conceito de autismo em Fordham. Sidole (2000) embora traga o estudo de caso de uma criança autista, prioriza a relação mãe e filho e o arquétipo do herói vivenciado pela mãe. Kawai (2009) analisa e teoriza acerca de todos os Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TID's) e o caso clínico citado por ele se trata de um caso de uma criança com diagnóstico de Síndrome de Asperger<sup>23</sup>.

#### Considerações Finais:

Tendo a neurociências surgido como novidade junto a abordagem analítica de Michael Fordham nos textos trabalhados, e para compreender o uso das ideias de Allan N. Schore nos autores trabalhados, é imprescindível entender que Schore (2014) explorando sua visão entre neurociências e teoria do apego, enfatiza que a teoria relacional pode contribuir de forma significativa para compreendermos questões profundas a respeito do autismo (Schore, 2014, p. 61). Segundo o neurocientista a comunicação intersubjetiva e o apego emocional estão comprometidos em crianças autistas. Há um déficit na iniciativa da interação social, falha na capacidade de ser receptivo e em consequência dificuldade em responder o outro (Schore, 2014, p. 79). Para o autor a melhor maneira de tratar a síndrome, seria focar na dinâmica relacional entre pais e filhos, evocando as comunicações emocionais do cérebro direito da criança com o cérebro direito do cuidador (Schore, 2014, p. 81).

---

<sup>23</sup> Vale ressaltar que o artigo de Kawai foi publicado em 2009. Até maio de 2013, ano que foi lançada a 5ª edição do manual de diagnóstico da Associação Americana de Psiquiatria (DSM-5) a Síndrome de Asperger embora relacionada ao autismo era distinta do espectro. Atualmente, conforme o DSM-5 cita que o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) substitui tanto o antigo Autismo quanto a síndrome de Asperger. Logo podemos inferir que a antiga nomenclatura de síndrome de Asperger passou a ser considerada uma forma branda de autismo.

A teoria do apego esteve presente tanto nas ideias de Stern (1985 e 1992) como em termos psicanalíticos, nas neurociências e igualmente nos estudos da psicologia analítica. Frente a isso, ficou evidente a importância das relações afetivas no surgimento do si mesmo e do outro. A relação do apego se mostrou teoria indispensável para formar a subjetividade e consequentemente a intersubjetividade para a estruturação mental. Desse modo, estudar o desenvolvimento do eu emergente a luz da psicologia profunda do inconsciente, das relações emocionais e do apego, parece um esforço considerável, visto que essa abordagem oferta um lugar de sujeito ao indivíduo.

Assim sendo, é possível inferir que o arquétipo como gerador da personalidade necessita do vínculo para se desenvolver. Seja esse vínculo através da imagem dos olhos ou de atos físicos e psicológicos, pois é nas relações interacionais que o senso de Self se confirma. Também é preciso ressaltar que autores como Schore, Stern, Bion e Di Bartollo enfatizam que o arquétipo necessita do outro para se desenvolver.

Partindo do princípio que crianças portadoras do TEA apresentam dificuldades de apego, com dificuldades expressas nas relações sociais e afetivas, chegando até mesmo a serem inaptos a estabelecer condutas de apego, se mostra singular trabalhar com essas crianças a partir da relação de apego. Talvez um ponto de partida seria entender a individualidade do eu relacional, para posteriormente compreender em que fase do eu emergente a criança se fixou, e com estratégias terapêuticas remodelar essa estrutura fixada, para que a criança se perceba em uma relação de apego segura e se sinta preparada para a busca de si mesmo.

Tudo isso atrelado as descobertas recentes das neurociências, que nos coloca para além do espaço terapêutico, nos dá possibilidades de ofertar as crianças com falha no desenvolvimento, tratamento precoce durante períodos críticos da plasticidade neural. Bem como pode contribuir, em conjunto com pais e terapeutas um espaço no qual a criança possa sintonizar as necessidades de modulação e regulação dos afetos internos, para que progridam em suas capacidades intersubjetivas. Assim, na sintonia do cérebro materno com o cérebro do infante, se desenvolva as interações relacionais da criança. Kawai (2009) observa que não é improvável que a psicoterapia possa alterar a condição neurológica e físicas do paciente.

Os textos abordaram tanto o desenvolvimento da mente emergente em sua evolução organizada e adequada quanto elaboraram questões acerca de um senso de Eu, desorganizado, inadequado e rígido, fazendo relação com as possíveis patologias aplicáveis nesse processo. Da mesma forma, os textos citaram ideias acerca de teorias que explicavam os possíveis déficits

na organização do senso de Eu, discorrendo sobre a não integração dos estados mentais, defesas de Self, falha na deintegração e integração e um sistema de apego inseguro.

O processo da elaboração simbólica é fundamental para o desenvolvimento e constituição do Eu. Entretanto os autores não citam explicitamente o processo da simbolização, levantamos aqui uma lacuna teórica nesse processo. Posteriormente tentaremos desenvolver em termos teóricos as possibilidades do processo de simbolização. Para tanto, optaremos por estudar o vínculo como base da simbolização.

Destaca-se ainda uma atenção especial a respeito da ausência das contribuições de Erich Neumann (1905-1960) entre os artigos selecionados. Mesmo tendo contribuindo significativamente a respeito da origem da consciência, nos artigos selecionados Neumann não é citado como fonte de referência. Essa lacuna, talvez, possa ser explicada pelo fato de Neumann não ter pesquisado o desenvolvimento da consciência a partir da clínica infantil, pois suas pesquisas estavam alicerçadas mediante a observação de seus filhos e do diálogo com colegas analistas de crianças. Vale salientar que a analista Ceres A. de Araújo diferentemente dos autores utilizados na análise, utiliza-se de conceitos de Neumann tais como fase urobórica, arquétipo matriarcal, patriarcal e de alteridade para compreender o desenvolvimento da mente autista.

Com base nesta pesquisa, salienta-se a importância de estudar o autismo sob a luz da perspectiva da Psicologia Analítica, compreender a partir da psicodinâmica junguiana os processos do desenvolvimento do indivíduo autista e construir novas possibilidades de hipóteses e tratamento a respeito dos fenômenos do TEA.

#### Conclusão:

Mediante ao mapeamento, percebeu-se que a teoria desenvolvimentista de Michael Fordham acabou sendo seguida pela maioria dos psicólogos junguianos sem muitos questionamentos e, aparentemente, poucos se dedicaram a compreender o desenvolvimento da consciência em crianças portadoras do autismo. Isso se reflete na baixa produção e divulgação acadêmica sobre o assunto. Dentre os 106 artigos levantados nesta pesquisa, 22 foram selecionados e apenas 9 foram compatíveis para inclusão de análise.

Vale destacar, que em uma pesquisa inicial, a maioria dos trabalhos acadêmicos estava voltado para a correlação autismo e Análise do Comportamento e autismo e Psicanálise. Nessa pesquisa empregando as palavras autism AND “behavior analysis” foram buscados 443 documentos, já para autism AND psychoanalysis resultaram em 78 artigos. Entretanto, para autism AND “analytical psychology” foi identificado apenas 1 artigos. Na base de dados

Scopus a procura por Autism AND psychoanalysis resultaram em 493 artigos. E a busca por autism AND “behavior analysis” abarcaram 820 artigos. Em compensação a busca por autism AND “analytical psychology” sucederam 6 documentos.

Visto isso, essa revisão assinala a escassez de produção científica sobre TEA em psicologia Analítica. Bem como, justifica a necessidade de elaborar pesquisas e trabalhos fundamentados nessa linha teórica, que auxiliem os profissionais na intervenção e no manejo de modelos de terapias que trabalhem tal tema.

## REFERÊNCIAS

- American Psychiatric Association (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM IV**. Porto Alegre: ArtMed, 2002, 4º ed.
- American Psychiatric Association (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM V**. Porto Alegre: ArtMed, 2014, 5º. Ed.
- Araújo, C. A.; Schwartzman, J. S. (org). **Transtorno do Espectro do Autismo**. São Paulo, Memnon, 2011.
- Astor, J. **Michael Fordham: Innovations in Analytical Psychology (Makers of Modern Psychotherapy)**. London and New York: Routledge, 1995 - eBook Kindle,
- Astor, J. A tribute to Michael Fordham. **Journal of Child Psychotherapy**, Londres, vol. 22, n 1, p. 5-25, 1996. Disponível em: <> acesso em 23/08/2021
- Bisagni, F. The sound-hand. **Journal of Child Psychotherapy**, Londres, Routledge. vol. 35, n 3, p. 229-249, Dezembro/1996. Disponível em:  
<<https://doi.org.ez22.periodicos.capes.gov.br/10.1080/00754170903233210>> acesso em 23/08/2021.
- Bisagni, F. Out of nothingness: rhythm and the making of words. **Journal of Analytical Psychology**, vol. 55, p.254–272, 2010. Disponível em:  
<<https://doi.org.ez22.periodicos.capes.gov.br/10.1111/j.1468-5922.2010.01839.x>>, acesso em 23/09/2021.
- Botelho L.L.R., Cunha C.C.A., Macedo M. **The integrative review method in organizational studies**. Gestão e Sociedade, 2011.
- Brasil (a). Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Pragmáticas Estratégicas. F. Comunicação e Educação em Saúde. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro Autista (TEA)**. Brasília-DF, 2013.
- Bunster, J. Defences of the Self and autistic states of mind. **Journal of Child Psychotherapy**. Londres, vol. 22, n 1, p. 82-91, 1996. Disponível em:  
<<https://doi.org.ez22.periodicos.capes.gov.br/10.1080/00754179608254934>>, acesso em 23/09/2021.
- Di Bartolo, I. **El apego: Cómo nuestros vínculos nos hacen quienes somos**. Buenos Aires, Lugar editorial, 2016.
- Fordham, M. **The Self and Autism**. Londres: Willian Heinemann Medical Books Ltda, 1976.

Jerusalinsky, A. O autismo como exclusão do campo do significante. Associação Psicanalítica de Curitiba **Autismo: Intervenção, clínica e pesquisa**. Curitiba, Editora Afiliada, vol. 22, 2011.

Jung, C. G. **Psicogênese das doenças mentais**. OC III. Rio de Janeiro, Vozes, 2016.

\_\_\_\_\_. **A Vida Simbólica**. OC XVIII/1. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

\_\_\_\_\_. Os Arquétipos e o Inconsciente coletivo. OC IX/1. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

Junior, F. B. A.; Kuczinsky, E. **Autismo infantil: Novas tendencias e perspectivas**. São Paulo: Atheneu, 2015.

Kawai, T. Union and separation in the therapy of pervasive developmental disorders and ADHD. **Journal of Analytical Psychology**, Londres, vol.54, n 5, p. 659-675, nov/2009.

Disponível em: <

McDowell, M.J. **Autism, early narcissistic injury and Self-organization: a role for the image of the mother's eyes?**. **Journal of Analytical Psychology**, Londres, vol.49, n4,p. 495-519. Setembro/2004. Disponível em: < <https://sci-hub.se/10.1111/j.0021-8774.2004.00481.x>>

\_\_\_\_\_. **História da origem da consciência**. São Paulo: Cultrix, 1995b.

**Prevalencia del autismo levemente más alta según informe de la Red ADDM de los CDC**. Disponível em:

<<https://translate.google.com.br/translate?hl=ptPT&sl=en&u=https://www.cdc.gov/&prev=search>> Acesso em 13/03/2021.

**Prevalencia del autismo levemente más alta según informe de la Red ADDM de los CDC**. Disponível em:

<<https://translate.google.com.br/translate?hl=ptPT&sl=en&u=https://www.cdc.gov/&prev=search>> Acesso em 13/09/2018.

Schore, N. A. Regulation theory and the early assessment of attachment and autistic spectrum disorders: A response to Voran's clinical case. **Journal of Infant, Child, and Adolescent Psychotherapy**, Londres, Routledge. vol12, p 164-189, 2013. Disponível em: < <https://sci-hub.se/10.1080/15289168.2013.822741>>

\_\_\_\_\_, **The Development of the Unconscious Mind**. Nova Yorque – Londres, W.W. Norton & Company, 2014.

Stern, D. O mundo interpessoal do bebê. Porto Alegre: Artes médicas, 1992.

Urban, E. The Primary Self and Related Concepts in Jung, Klein, and Isaacs. **Journal of Analytical Psychology**, Londres, vol 37, p. 411- 432, outubro/ 1992. Disponível em: <<https://doi-org.ez22.periodicos.capes.gov.br/10.1111/j.1465-5922.1992.00411> \_\_\_\_\_>. The ‘Self’ in analytical psychology: The function of the ‘central archetype’ within Fhordham’s model. **Journal of Analytical Psychology**, Londres, vol. 53, ed. 3, p. 329-350, Junho/2008. Disponível em: < <https://doi-org.ez22.periodicos.capes.gov.br/10.1111/j.1468-5922.2008.00730.x>>

## ANEXO 2

### POLÍTICA EDITORIAL DA REVISTA ALETHÉIA

#### Apresentação dos Manuscritos

1) Os artigos inéditos deverão ser encaminhados pelo site da revista, [www.periodicos.ulbra.br/index.php/aletheia/index](http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/aletheia/index), digitados em espaço duplo, fonte Times New Roman, tamanho 12 e paginados desde a folha de rosto personalizada. A folha deverá ser A4, com formatação de margens superior e inferior (no mínimo 2,5 cm), esquerda e direita (no mínimo 3 cm). A revista adota as normas do Manual de Publicação da American Psychological Association - APA (4ª edição, 2001).

2) O número máximo de laudas deve atender a seguinte orientação: relatos de pesquisa (25 laudas); artigos de revisão/atualização (20 laudas); relatos de experiência profissional (15 laudas), comunicações breves (5 laudas) e resenhas (máximo de 5 laudas).

3) O artigo deve conter:

a) folha de rosto identificada: título do artigo em língua portuguesa; nome dos autores; formação, titulação e afiliação institucional dos autores; resumo em português de 10 a 12 linhas; palavras-chave, no máximo 3; título do artigo em língua inglesa; abstract compatível com o texto do Resumo; key-words; endereço para correspondência, incluindo CEP, telefone e e-mail.

b) folha de rosto não identificada: título do artigo em língua portuguesa; resumo em português, de 10 a 12 linhas, 3 palavras-chave, título do artigo em língua inglesa, resumo (Abstract) em inglês, compatível com o texto do Resumo; key-words.

c) corpo do texto.

d) sugere-se que os artigos referentes a relatos de pesquisa apresentem a seguinte seqüência: Título; Introdução; Método (população/amostra, instrumentos, Procedimentos de coleta e Análise de dados – incluir nessa seção afirmação de aprovação do estudo em Comitê de Ética em Pesquisa de acordo com Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde – Ministério da Saúde); Resultados; Discussão, Referências (títulos em letra minúscula e em seções separadas). Usar as denominações tabelas e figuras (não usar a expressão quadros e gráficos). Colocar tabelas e figuras incorporadas ao texto.

Tabelas:

incluindo título e notas de acordo com normas da APA. Formato Word – 'Simples 1'.

Na publicação impressa, a tabela não poderá exceder 11,5 cm de largura x 17,5 cm de comprimento. O comprimento da tabela não deve exceder 55 linhas, incluindo título e rodapé(s). Para assegurar qualidade de reprodução, as figuras contendo desenhos deverão ser

encaminhadas em qualidade para fotografia (resolução mínima de 300 dpi). A versão publicada não poderá exceder a largura de 11,5 cm para figuras.

Anexos:

apenas quando contiverem informação original importante, ou destaque indispensável para a compreensão de alguma seção do trabalho. Recomenda-se evitar anexos.

4) Trabalhos com documentação incompleta ou não atendendo às normas adotadas pela revista (APA, 4ª edição) não serão avaliados.

Normas para Citações

- As notas não bibliográficas deverão ser colocadas ao pé das páginas, ordenadas por algarismos arábicos que deverão aparecer imediatamente após o segmento de texto ao qual se refere a nota.

- As citações dos autores deverão ser feitas de acordo com as normas da APA (4ª edição).

- No caso da citação integral de um texto: deve ser delimitada por aspas, e a citação do autor seguida do ano e do número da página citada. Uma citação literal com 40 ou mais palavras deve ser apresentada em bloco próprio em itálico e sem aspas, começando em nova linha, com recuo de 5 espaços da margem, na mesma posição de um novo parágrafo. A fonte será a mesma utilizada no restante do texto (Times New Roman, 12).

Citação de um autor: autor, sobrenome em letra minúscula, seguida pelo ano da publicação.

Exemplo: Rodrigues (2000).

Citações de dois autores: Citações de dois autores: cite os dois autores sempre que forem referidos no texto. Exemplo: (Carvalho & Santos, 2000) – quando os sobrenomes forem citados entre parênteses, devem estar ligados por &. Quando forem citados fora de parênteses, devem ser ligados pela letra e.

Citação de três a cinco autores: citar todos os autores na primeira referência, seguidos da data do artigo entre parênteses. A partir da segunda referência, utilize o sobrenome do primeiro autor, seguido de e cols. Exemplo: Silva, Foguel, Martins e Pires (2000), a partir da segunda referência, Silva e cols. (2000).

Artigo de seis ou mais autores: cite apenas o sobrenome do primeiro autor, seguido de e cols. (ANO). Na seção referências, todos os autores deverão ser citados.

Citação de obras antigas, clássicas e reeditadas: citar a data da publicação original, seguida da data da edição consultada. Exemplo: (Kant 1871/1980).

Autores com a mesma idéia: Autores com a mesma idéia: seguir a ordem alfabética de seus sobrenomes e não a ordem cronológica. Exemplo: (Foguel, 2003; Martins, 2001; Santos, 1999; Souza, 2005).

Publicações diferentes com a mesma data: Acrescentar letras minúsculas, após o ano de publicação. Exemplo: Carvalho, 1997, 2000a, 2000b, 2000c.

Citação cuja idéia é extraída de outra ou citação indireta: Utilizar a expressão citado por. Ex: Lopes, citado por Martins (2000), ...

Na seção Referências, incluir apenas a fonte consultada (Martins).

Transcrição literal de um texto ou citação direta: sobrenome do autor, data, página. Exemplo: (Carvalho, 2000, p.45) ou Carvalho (2000, p.45).

#### Normas para Referências

As referências bibliográficas deverão ser apresentadas no final do artigo. Sua disposição deve ser em ordem alfabética do último sobrenome do autor e em minúsculo.

#### Livro

Mendes, A. P. (1998). A família com filhos adultos. Porto Alegre: Artes Médicas.

Silva, P. L., Martins, A., & Foguel, T. (2000). Adolescente e relacionamento familiar. Porto Alegre: Artes Médicas.

#### Capítulo de livro

Scharf, C. N., & Weinshel, M. (2002). Infertilidade e gravidez tardia. Em: P. Papp (Org.), Casais em perigo, novas diretrizes para terapeutas (pp. 119-144). Porto Alegre: Artmed.

#### Artigo de periódico científico

Dimenstein, M. (1998). O psicólogo nas Unidades Básicas de Saúde: desafios para a formação e atuação profissionais. Estudos de Psicologia, 3(1), 95-121.

#### Artigos em meios eletrônicos

Paim, J. S., & Almeida Filho, N. (1998). Saúde coletiva: uma "nova saúde pública" ou campo aberto a novos paradigmas? Revista de Saúde Pública, 32 (4) Disponível: <<http://www.scielo.br>> Acessado: 02/2000.

#### Artigos de revista científica no prelo

Albuquerque, P. (no prelo). Trabalho e gênero. Aletheia.

#### Trabalho apresentado em evento científico com resumo em anais

Corte, M. L. (2005). Adolescência e maternidade. [Resumo]. Em: Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), Resumos de comunicações científicas. XXV Reunião Anual de Psicologia (p. 176). Ribeirão Preto: SBP.

#### Tese ou dissertação publicada

Silva, A. (2000). Conhecimento genital e constância sexual em crianças pré-escolares. Dissertação de Mestrado ou tese de Doutorado. Programa de Estudos de Pós- Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS. Tese ou dissertação não publicada

Silva, A. (2000). Conhecimento genital e constância sexual em crianças pré-escolares. Dissertação de Mestrado ou tese de Doutorado não publicada. Programa de Estudos de Pós- Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.

Obra antiga e reeditada em data muito posterior

Segal, A. (2001). Alguns aspectos da análise de um esquizofrênico. Porto Alegre: Universal. (Original publicado em 1950).

Autoria institucional

American Psychological Association (1994). Publication manual (4ª ed.). Washington: Autor.